

MARIA RAQUEL GOMES DA SILVA

**LETRAMENTO INFORMACIONAL E LITERÁRIO
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

GOIÂNIA - GOIÁS

2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
LETRAS - LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA

MARIA RAQUEL GOMES DA SILVA

**LETRAMENTO INFORMACIONAL E LITERÁRIO
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Letras – Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de Goiás para fins de avaliação final e obtenção do grau de mestre em Letras sob orientação da Profa. Dra. Lacy Guaraciaba Machado.

GOIÂNIA - GOIÁS

2015

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)

S5861 Silva, Maria Raquel Gomes da.
Letramento Informacional e Literário na Educação Básica
[manuscrito] / Maria Raquel Gomes da Silva – Goiânia, 2015.
138 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras,
2015.

“Orientadora: Profa. Dra. Lacy Guaraciaba Machado”.
Bibliografia.

1. Letramento literário. 2. Letramento informacional. 3.
Biblioteca escolar. I. Título.

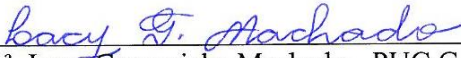
CDU 37:028.1(043)

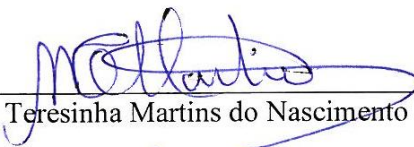
MARIA RAQUEL GOMES DA SILVA

LETRAMENTO INFORMACIONAL E LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Dissertação defendida no Curso de Mestrado em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, para obtenção do grau de Mestre. Defendida e aprovada em 26 de junho de 2015, pela Banca Examinadora constituída pelas seguintes professoras:

BANCA EXAMINADORA


Profª Drª. Lacy Guaraciaba Machado - PUC Goiás - Presidente


Profª Drª. Maria Teresinha Martins do Nascimento - PUC Goiás


Profª Drª. Deise Nanci de Castro Mesquita - UFG

*Dedico este trabalho ao Geraldo
e às minhas filhas Máira,
Mariana e Clara Mercês.*

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças à contribuição das pessoas que me cercaram, dando-me apoio, incentivando-me e partilhando comigo os momentos mais difíceis desta escrita. A Vicentina, Waldevira, Juliana, Lacy, Deise, Teresinha, Carlos e Geraldo, meu carinho especial e meus agradecimentos. Minha mão precisava de apoio para o início da aprendizagem.

Professora Dra. Lacy Guaraciaba Machado, minha professora, orientadora, a quem, de forma especial, agradeço pela competente presença científica, dialógica, humana, amiga e, sobretudo, à gratuidade de seus ensinamentos para minha autonomia não só na escrita, mas para a vida, o que possibilitou a elaboração deste trabalho.

Professor Dr. Aguinaldo José Gonçalves, pela competente colaboração, apresentada na qualificação deste trabalho, indispensável para sua conclusão.

Aos meus professores do curso de pós-graduação, com os quais convivi e compartilhei de seus conhecimentos, fundamentais para minhas reflexões.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras, pela presteza e atenção a mim dispensadas.

Aos meus irmãos pela paciência em aceitarem minhas ausências.

Aos meus pais Maria das Mercês Gomes da Silva, tela perfeita e Raimundo Nonato Gomes da Silva, pincel brilhante, por educarem-me para a busca incessante do saber.

Aos alunos do CEPAE, turmas do 6º ano A e B de 2014, participantes inspiradores nesta pesquisa-ação.

Aos colegas servidores do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Goiás, parceiros atenciosos às diferenças.

À Universidade Federal de Goiás por me proporcionar dedicação exclusiva para os meus estudos, o merecido reconhecimento e um sincero agradecimento!

Information Literacy, in conjunction with access to essential information and effective use of information and communication technologies, plays a leading role in reducing the inequities within and among countries and peoples, and in promoting tolerance and mutual understanding through information use in multicultural and multilingual contexts.

The Prague Declaration: Towards an
Information Literate Society, 2003.

RESUMO

Esta pesquisa tem como foco investigar a relação do leitor escolar com a biblioteca digital para acessar e manejar informações relevantes relativas à sua formação literária. Trata-se de um estudo caracterizado como Pesquisa-Ação Integral e Sistêmica (PAIS), numa abordagem dinâmica. A Antropopedagogia tem como objeto um processo educativo que envolve os princípios da Antropologia e os da Pedagogia. Daí, a proposta metodológica da pesquisa-ação do ato educativo em sala de aula junto à biblioteca, cuja interpretação dos dados leva em conta indícios, sinais e pistas na escola Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, da Universidade Federal de Goiás/Brasil e seus espaços: sala de aula, biblioteca escolar e sala de informática. O processamento e a análise dos dados da experiência foram realizados a partir de categorias de análise fundamentadas na concepção relativa aos conceitos: leitor, leitura literária, letramento informacional e literário, tendo como referência os objetivos desta investigação. Foram estabelecidas aproximações conceituais relativas a letramento informacional e literário, leitor e leitura literária. Para delimitar os conceitos leitor e leitura, recorremos aos teóricos Wolfgang Iser e Antônio Candido; sobre letramento, letramento literário e informacional contamos com Magda Soares, Jack Goody e Ian Watt, John R. Bormuth, Graça Paulino e Egon de Oliveira Rangel, Bernadete Campello, Kelley Cristine G. D. Gasque e Carol C. Kuhlthau. Identificamos a experiência do leitor, seus caminhos e seus descaminhos, mediante diálogo entre a abordagem teórica e os resultados evidenciados ao longo da experiência compartilhada com duas turmas do 6º ano do ensino fundamental, do CEPAE/UFG, o que permitiu identificar a prática de leitura literária e informacional no âmbito da sala de aula e da biblioteca.

Palavras-chave: Biblioteca Digital. Leitor e Leitura Literária. Letramento Informacional e Literário.

ABSTRACT

This research thesis focuses on the relationship between the elementary school reader and the digital library, so that relevant information relative to literary formation can be accessed and easily managed by the student. This investigation can be characterized as a dynamic approach to Systemic and Integral Action Research (PAIS: Pesquisa-Ação Integral e Sistêmica). This forms part of Anthropological Pedagogy that has as its object an educational process that involves the principles of Anthropology and Pedagogy. Consequently, we have a methodological proposal of research action of the educational act in the classroom assessed by the library. The interpretation of this data considers the signs, indications, and evidence of the CEPAE/UFG Elementary School, Goiânia, Goiás, Brazil (Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação/ Universidade Federal de Goiás/Brasil). It also takes into account the school's physical structure: classrooms, school library, computer rooms. The interpretation of the data of this experience was based on categorical analysis relative to the following concepts: reader, information literacy, and information literacy applied to literature. The latter were the reference and object of researcher's investigation. Conceptual approaches relative to information literacy and information literacy applied to literature, reader, and the reading of literature were thus constructed. So as to define the concepts of reader and reading, the theoretical works of Wolfgang Iser and Antonio Cândido were pursued. On literacy, literary and informational, Magda Soares, Jack Goody & Ian Watt, John R. Bormuth, Graça Paulino, Egon de Oliveira Rangel, Bernadete Campello, Kelly Cristine G.D. Gasque and Carol C. Kuhlthau were relied on. The reader's experience, successes and failures, through dialogue, amidst a theoretical approach and results that have been evidenced along a journey with the students of the sixth grade classes of CEPAE/UFG Elementary School has been discerned. This allowed us to identify the practice of literary and informational reading in the classroom and library environment.

Keywords: Digital Library. Information Literacy. Literary Information Literacy. Reader and Literary Reading.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Metáfora do Sense Making (Brenda Dervin, 1983)	16
Figura 2 Quadro explicativo da Fotografia 1	18
Figura 3 Plano de trabalho com base no ISP	123
Figura 4 Plano de trabalho com base no ISP	124
Figura 5 Fluxo da leitura do livro <i>Ouro dentro da cabeça</i>	54
Figura 6 Booleano AND	128
Figura 7 Booleano OR	128
Figura 8 Booleano NOT	129
Figura 9 Portal de Periódicos da CAPES	125
Figura 10 Localização da <i>Britannica</i> Escola Online	126
Figura 11 Link para o Manual Como Usar a <i>Britannica</i> Escola Online	60
Figura 12 Página inicial da Enciclopédia <i>Britannica</i>	61
Figura 13 Resultado da Enciclopédia <i>Britannica</i> para a palavra ESCRAVO	130
Figura 14 Resultado do Dicionário Houais Kernerman	130
Figura 15 Compartilhamento da área da pesquisa na Enciclopédia <i>Britannica</i>	62
Figura 16 Link para pesquisa avançada no Google	126
Figura 17 Formulário de busca avançada – Google	62
Figura 18 Resultado da busca da figura 17	63
Figura 19 Formulário de busca do Google Acadêmico	64
Figura 20 Revista Polyphonia/CEPAE	64
Figura 21 Formulário de busca do Domínio Público	65
Figura 22 Página inicial do Sistema de Bibliotecas da UFG (SIBI)	65
Figura 23 Catálogo <i>Sophia</i> do SIBI/UFG	66
Figura 24 Busca combinada (<i>Sophia</i>) em qualquer biblioteca do SIBI/UFG	66
Figura 25 Busca no campo assunto - Uso do Booleano AND	67
Figura 26 Referência e link para o site da Revista Saeculum da UFPB	68

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 Modelo de uso e busca de informação (ISP)	17
Fotografia 2 Kit MEC - 2006 (CAPA)	21
Fotografia 3 Materiais didáticos utilizados nas escolas públicas	21
Fotografia 4 Laboratório de Informática SIBI/UFG	61
Fotografia 5 Alunos fazendo a busca. Laboratório da BC/Sibi/UFG.....	140
Fotografia 6 Letramento	90
Fotografia 7 Explicitação do QR Code	91
Fotografia 8 Letramento é muito mais que ler e escrever	93
Fotografia 9 Exibição do vídeo	135

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Caminhos do ISP de Kuhlthau (2004)	17
--	----

TABELA

Tabela 1 Número de escolas do Ensino Fundamental Atendidas	25
Tabela 2 Número de matrículas do Ensino Fundamental - 2011-2013	27

GRÁFICO

Gráfico 1 Evolução no quantitativo de Escolas Públicas com Biblioteca	25
Gráfico 2 Número de Escolas Públicas com Laboratório de Informática 2011-2012	26
Gráfico 3 Número de Escolas Públicas com acesso à Internet - 2011-2013	26
Gráfico 4 Número de Escolas Privadas com Bibliotecas - 2011-2013	31

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
CAPÍTULO 1 UM MOVIMENTO DE BUSCA	15
1.1 Motivação, temática e objetivos	19
1.2 Hipóteses delimitadas	29
1.3 Metodologia	30
CAPÍTULO 2 LETRAMENTO: O LEITOR E A LEITURA	35
2.1 O leitor e a leitura literária	36
2.2 Letramento e suas dimensões	42
2.3 Letramento literário	46
2.4 Letramento informacional e biblioteca digital	47
CAPÍTULO 3 A EXPERIÊNCIA DO BIBLIOTECÁRIO	53
3.1 Mobilização da busca de informações (processo de pesquisa)	58
3.2 Relação do pesquisador docente com a biblioteca digital	70
CAPÍTULO 4 INDÍCIOS DE LETRAMENTO INFORMACIONAL	74
4.1 Letramento informacional dos sujeitos-estudantes	75
4.2 Percurso da leitura: descobrindo tesouros	77
4.3 Mobilização da representação imaginativa (processo de leitura)	83
4.4 Descobertas pelos leitores: ação coletiva	86
4.5 Índícios de letramento literário	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	100
APÊNDICES	106
Apêndice A	107
Apêndice B	118
Apêndice C	120
Apêndice D	121
Apêndice E	122
Apêndice F	128
Apêndice G	136

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho propõe um estudo sobre a relação do leitor escolar com a biblioteca digital para acessar e manejar informações relevantes ao seu estudo literário. O foco central incide sobre a identificação de como se dá a leitura literária e como a ação dos profissionais da biblioteca escolar pode colaborar com o docente, tendo como suporte a linguagem informacional. Para isso, delimitamos como objetivos centrais:

- a) diagnosticar a busca e o uso de informação relativa aos estudos literários curriculares, desenvolvidos pelos sujeitos: uma professora, três técnicas administrativas e sessenta estudantes do ensino fundamental (6º ano A e B), face ao objeto de leitura do texto literário e suas relações com outras artes, outros conteúdos;
- b) conhecer a ação pedagógica dos bibliotecários, verificando se ela tem como foco o desenvolvimento de habilidade informacional;
- c) caracterizar o perfil da bibliotecária enquanto desenvolve sua ação educativa, a partir do acompanhamento e da participação dos sujeitos educandos quanto às suas habilidades para o manejo de bases de dados referenciais de resumos/resenhas ou de textos completos, portais e bibliotecas: *SciELO*, www.dominiopublico.gov.br, *Kirkus Reviews*, *MLA International Bibliography* e *Britannica Escola Online* (fazem parte do Portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES, gratuito ou não); buscador: *Google e seus aplicativos*; *Google Acadêmico e o metabuscador DogPile*, bem como algumas ferramentas da Web 2.0, por exemplo, *Blogs*, *YouTube*, *SlideShare*, *Wikipédia*, e finalmente, o software de fichamento como o *More* e nos próprios sites;
- d) promover encontros com os sujeitos em foco tendo como objeto de experiência o manejo de bases de dados disponíveis no portal de periódicos da CAPES, catálogo *Sophia* da Biblioteca Setorial do CEPAE/UFG e outros.

As hipóteses levantadas para orientar a pesquisa são:

- a) a prática do bibliotecário pode levar ao delineamento mais preciso da sua função educativa quando ele se propõe a ampliar sua percepção das especificidades do contexto em que atua, desde que leve em conta o propósito do Projeto Político- Pedagógico (PPP) e do Plano de Curso (PC) da Instituição Educacional e do professor a que orienta bem como a realidade do leitor;

- b) quando a ação do professor é enriquecida pela do bibliotecário, o trabalho educativo assumido por ambos, na formação do leitor literário, mobiliza os variados recursos da biblioteca tradicional e da digital, para colaborar com projetos de letramento literário;
- c) os bibliotecários não dominam todas as bases de dados disponíveis no portal de periódicos da CAPES;
- d) os professores têm relativa dificuldade para encontrar, nas bases de dados do portal da CAPES, fontes de consulta que possam subsidiar suas pesquisas;
- e) os estudantes desconhecem a biblioteca digital, bem como as bases de dados do portal da CAPES, dificultando, assim, o desenvolvimento de seus estudos orientados por seus professores.

A Biblioteca escolar do CEPAE é uma setorial do Sistema de Bibliotecas da UFG (SIBI/UFG), localizada no Campus da UFG. Seu acervo já estava automatizado. Entretanto, não havia acesso ao catálogo *online*. O laboratório de informática destinado a alunos e professores agora está pronto e situa-se ao lado da biblioteca. Sem esses pormenores organizados, havia dificuldade em se desenvolver o processo educativo, aqui entendido como uma das condições destinadas ao letramento informacional, em outras palavras, a orientação da pesquisa escolar *online*. A compreensão da prática educativa do bibliotecário na biblioteca escolar depende muito da infraestrutura da Instituição na qual está inserida.

Assim sendo, as estratégias de aprendizagem que visam ao desenvolvimento de habilidades para buscar e usar os recursos informacionais dos alunos incluem uma biblioteca escolar organizada e um bibliotecário qualificado. Essa qualificação corresponde ao conhecimento teórico e prático dos estudos literários que fazem parte do currículo do ensino fundamental, da ação pedagógica dos professores e do próprio bibliotecário. Daí surgiu o problema motivador desta investigação: como o bibliotecário pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades próprias do letramento informacional dos estudantes, auxiliando o professor durante o processo de análise de obras/textos literários com fins de letramento literário?

Trata-se de um estudo caracterizado como Pesquisa-Ação Integral e Sistêmica (PAIS) que adota como amostra 60 (sessenta) alunos do 6º ano do ensino fundamental, uma professora e técnicos-administrativos da Biblioteca Setorial/CEPAE. Ao referido estudo compreendem:

- a) informações presentes em fontes documentais (Projeto Político-Pedagógico, Programa de Leitura e/ou Projeto de Pesquisa e Plano de Curso, Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e Atas de Reuniões do Conselho Diretor do CEPAE/UFG);

- b) pesquisa bibliográfica na base de dados *Library and Information Science Abstract (LISA)* – localizada no Portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES; na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia –BDTD/IBICT; na biblioteca eletrônica *SciElo* e no buscador *Scholar Google (Google Acadêmico)*;
- c) informações sobre como acessar a *Britannica Escola Online*; como acessar a base de dados referencial *MLA International Bibliography*, e o periódico *Kirkus Reviews* que pode ser acessado através da base de dados *Academic Search Premier ASP*. Esse periódico oferece resenhas da Literatura voltada para adultos, jovens e crianças, abrangendo a narrativa ficcional e não ficcional.

Os conceitos mais presentes para referencialização da pesquisa são: letramento informacional e literário, leitor e leitura literária. Essa pesquisa-ação está centrada também na pesquisa bibliográfica em fontes internacionais. Assim, se compreendem as etapas: caracterização da amostra; planejamento da experiência com o estudo de texto literário junto à professora da turma alvo em articulação com a bibliotecária pesquisadora; acompanhamento de estudo da obra de Maria Valéria Rezende, *Ouro dentro da cabeça* (2012), mediado pelo contato com fontes de dados digitais; elaboração do diário de bordo provindo das atividades realizadas pelos sujeitos estudantes e das entrevistas com a professora, com as bibliotecárias e com as técnicas administrativas.

O estudo está composto por quatro capítulos. No primeiro, estabelecemos um movimento de busca em que daremos destaque à motivação temática e aos objetivos, às hipóteses delimitadas e à metodologia. Teremos como suporte teórico os autores Carol Collier Kuhlthau, Wolfgang Iser em seu livro *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético* (1996/1999), Ildeu Moreira Coelho (2009, 2013), e Pedro Demo (2011) e as lições de Délcio Vieira Salomon (1997).

No segundo capítulo faremos aproximações conceituais relativas a letramento (literário e informacional), ao leitor e à leitura literária, bem como as bases de dados. Para delimitarmos os conceitos de leitura e leitor, compartilhamos das teorias de Wolfgang Iser (1996, 1999) e de Antonio Candido (1972, 1995). Sobre o estudo de letramento, as reflexões têm como base Magda Soares (2002, 2004, 2010) e Jack Goody e Ian Watt (2006). Para o letramento literário, utilizamos artigos de Graça Paulino (2001), Egon de Oliveira Rangel (2003) e outros autores citados nas *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias* (2006), Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013). Finalmente, sobre letramento informacional, experiências e reflexões tomamos

como base as teorias de Bernadete Campello (2009), Kelley Cristine G. D. Gasque (2008, 2010, 2012) e Carol Collier Kuhlthau (1991, 2004, 2010).

No capítulo três, caracterizamos, analiticamente, a experiência do bibliotecário na mobilização da busca de informações como processo de pesquisa. Neste capítulo, veremos, ainda, a relação do pesquisador docente com a biblioteca digital. Procuramos mostrar o passo-a-passo das buscas (search) por meio de recursos tais como: multimídia, portal da *Britannica*, bases de dados e bibliotecas digitais, aplicando o Processo de Busca de Informação (ISP-Information Search Process, de Carol C. Kuhlthau). Carol C. Kuhlthau destaca sete fases que orientam como buscar e usar a informação: 1ª) início da tarefa; 2ª) seleção do assunto; 3ª) exploração dos focos; 4ª) definição do foco; 5ª) coleta de informação e refinamento; 6ª) preparação do trabalho e a 7ª) avaliação.

E, para o capítulo quatro, planejamos estabelecer indícios de letramento informacional e literário dos sujeitos estudantes. Pretende-se, assim, um diálogo entre a abordagem teórica e os resultados evidenciados ao longo desse estudo dissertativo, de forma que permitam analisar a prática de leitura literária e informacional no ambiente escolar, tendo como referências as categorias delimitadas e desenvolvidas ao longo da pesquisa.

O marco teórico deste estudo dissertativo consiste numa abordagem que pressupõe o estudo de letramento literário e informacional, em biblioteca escolar, baseado em estudos científicos de Campello (2009, 2010, 2011); Kuhlthau (2002, 2010); Gasque (2008, 2012) que tratam do letramento informacional delimitado como ação facilitadora da tarefa dos educadores para desenvolver, nos alunos, habilidades para lidarem com a informação.

Então, colocamos em prática o modelo apontado por Carol C. Kuhlthau, que se baseia no desenvolvimento cognitivo e emocional dos sujeitos envolvidos e aqui estudados, com a finalidade de situar o problema e poder resolvê-lo. Existem outros modelos, mas o que está em questão já foi consolidado pelo Grupo de Estudos em Bibliotecas Escolares (GEBE/UFMG), da Universidade Federal de Minas Gerais.

CAPÍTULO 1

UM MOVIMENTO DE BUSCA

O objetivo deste capítulo é expor o planejado para a condução da pesquisa-ação delimitada nas considerações iniciais, demarcando a metodologia destinada à orientação deste trabalho, investigação que tem como foco o leitor literário da educação básica, tendo como suporte o Processo de Busca de Informação, o ISP – Information Search Process, de Carol Collier Kuhlthau¹. O ISP é um modelo de busca e de uso da informação pertinente à abordagem cognitiva, que integra os estudos de usuários, ou seja, uma das disciplinas em Biblioteconomia. Essa abordagem centra-se no leitor. Leva em consideração seus sentimentos, suas percepções, sua imaginação, seu jeito de aprender e seu comportamento diante do texto/informação. Assim, uma das prioridades, neste estudo, foi planejá-lo observando três elementos. Primeiro: tão logo exista a questão ou o assunto que necessite de dados não disponíveis no livro indicado pelo professor para ser analisado, devemos buscar interpretações que nos ajudem a entendê-lo melhor. No nosso caso, a obra *Ouro dentro da cabeça*, de Maria Valéria Rezende. Segundo: esse passo requer o planejamento da localização e do uso das fontes no acervo da Biblioteca escolar e na internet. Cabe, portanto, ao professor e ao bibliotecário, num trabalho conjunto, a orientação dos caminhos a serem seguidos pelo leitor. Terceiro: esse elemento consiste na apresentação dos resultados encontrados, que podem ser escritos ou orais em diversos formatos: vídeos e áudios, slides, mapas conceituais e mentais, webinar, videoteipes e filmes.

Além dos elementos mencionados, Kuhlthau destaca, ainda, que para a completude da pesquisa, podemos passar por fases ligadas ao princípio da incerteza diante do objeto cognoscível, que gera confusão por falta de clareza de exatidão ou por excesso de informação. O princípio da incerteza, ao iniciarmos um trabalho de pesquisa, pode causar-nos sintomas de ansiedade e falta de confiança diante dos dados que vamos escolher para gerar a informação². Esse processo de busca nos faz lembrar a metáfora bem formulada por Brenda Dervin, na década de 1970, quando nos situamos numa espécie de vazio, que parece ser também aquele vazio discutido por Wolfgang Iser em seu livro *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético* (1996/1999) em que o autor trata da interação leitor literário e texto. O vazio a que nos

¹ KHLTHAU, Carol Collier. *Como orientar a pesquisa escolar: estratégias para o processo de aprendizagem*. Trad. Campello, Bernadete Santos (Org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 252 p. il ISBN 9788575263235 (broch.).

² Idem: Uncertainty is a cognitive state which commonly causes affective symptoms of anxiety and lack of confidence. Uncertainty and anxiety can be expected in the early stages of the information search process.

aludimos corresponde ao estado vivido pelo pesquisador em busca da realização de seus objetivos. A figura abaixo é de Dervin (1983) e foi elaborada para definir o fluxo do movimento de busca e uso da informação³. O processo empreendido no ato de leitura literária passa por um percurso análogo, em que acabamos por associar as representações sugeridas pelo texto com as situações por nós vividas, ao que a fruição estética proporciona ao leitor literário. Esse prazer nos leva a muitos lugares e tempos que se associam a experiências conquistadas tanto no plano cognitivo quanto no da sensibilidade estética do ponto de vista da sensação prazerosa ou do desapontamento.

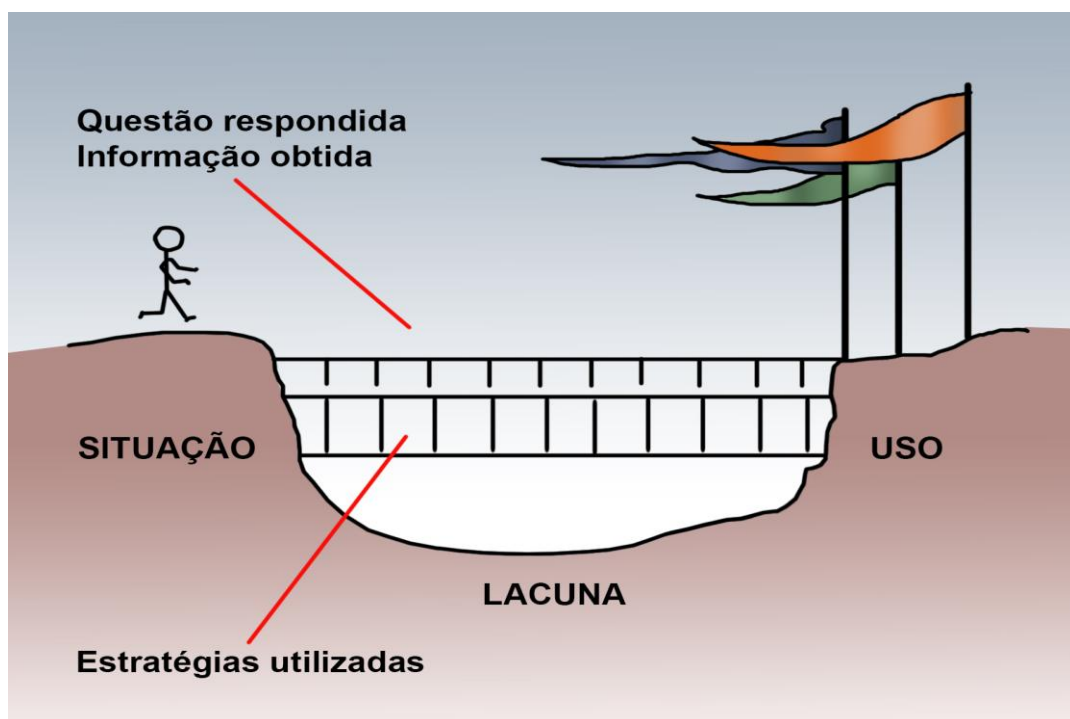


Figura 1- Metáfora do Sense Making.
Fonte: Brenda Dervin, 1983.

Da mesma forma, o desenho do triângulo situação-vazio-uso, traduzido na metáfora de Brenda Dervin (1983), comprova que o vazio ou lacuna provoca no leitor, usuário do sistema de informação, um movimento de busca. Nessa perspectiva, as orientações contidas no livro *Como orientar a pesquisa escolar: estratégias para o processo de aprendizagem*, da autora Kuhlthau (2010), revelam a complexidade da busca por sentido quando necessitamos de informação. No livro citado, encontramos um vasto caminho ao qual recorreremos, tendo-o como modelo a ser seguido nos seguintes estágios deste trabalho representados abaixo:

³ DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. *Abordagens dos estudos de usos e usuários da informação*. Disponível em: <<http://slideplayer.com.br/slide/1609092/>>. Acesso: 15 jun 2015.



Quadro 1: Caminhos do ISP.
Fonte: Kuhlthau, 2004.

Ou como evidenciados na fotografia abaixo elaborada manualmente:



Fotografia 1: Modelo de uso e busca de informação, ISP.
Fonte: Kuhlthau, 2004.

Essas fases são explicitadas no quadro abaixo e devem ser vistas como passos importantes a serem seguidos para o sucesso de uma investigação.

Início da tarefa - Discussões em relação ao livro, ponderando assuntos e objetivando decidir a pesquisa;	Avaliação do processo – avaliar o processo de pesquisa.
Seleção do assunto – Discutir possíveis assuntos; antecipar o resultado das escolhas; usar fontes gerais (enciclopédias) para obter visão ampla de possíveis assuntos;	
Exploração de informações – Tolerar inconsistência e incompatibilidade nas informações encontradas; procurar intencionalmente possíveis focos; listar palavras ou termos que representam o assunto; ler para aprender sobre o assunto; aprender a lidar com os sentimentos;	
Definição do foco – Definir o foco, usando as informações encontradas. Saber identificar os <i>insights</i> que ocorrem nessa fase. Saber, também, definir o foco fazendo as perguntas; e escolher aqueles mais interessantes e que estejam de acordo com as exigências estabelecidas pelo professor, se existem informações suficientes sobre o foco;	
Coleta de informação – Reunir informações que definam, ampliam e apoiam o foco; Reunir informações pertinentes; organizar as anotações. Usar a biblioteca e saber usar os termos de busca adequados para encontrar informações; buscar em vários tipos de material; tomar notas detalhadas, incluindo referências e citações bibliográficas; procurando ajuda do bibliotecário;	
Preparação para apresentação do trabalho escrito – Terminar busca de informações; identificar necessidade de informação adicional; checar novamente o material; elaborar esquema, resumir, parafrasear e organizar o rascunho, assim como a bibliografia. Voltar às fontes de informação para uma última busca; observar redundância crescente e redundância decrescente; esgotar os recursos. Pode sentir alívio ou desapontamento; nessa fase, deve buscar ajuda do professor e do bibliotecário.	

Figura 2: Quadro explicativo da fotografia 1

Fonte: Fases do ISP, p. 27, 59, 91, 125, 153, 197, 225.

São fases descritas pelos pensamentos, tarefas, ações, sentimentos e estratégias que nós, leitores/pesquisadores, utilizamos. Essas fases são interligadas e, por isso mesmo, merecem a nossa atenção ao longo deste processo de pesquisa. É importante saber como nos sentimos tanto diante de um livro a ser lido quanto diante de um projeto de pesquisa a ser elaborado. Em ambas as situações, se os nossos pensamentos ficam vagos, precisamos de informações; necessitamos saber qual ação praticar e a que hora devemos solicitar ajuda ao professor e ao bibliotecário.

Saber focar naquilo a que nos propusemos realizar para aumentar o nosso interesse em compreender o que lemos e documentar a nossa escrita é ação que expressa que já somos capazes de escolher em qual fonte de dados podemos encontrar a informação relevante e pertinente relacionada aos objetivos da leitura, seja ela virtual, impressa ou oral. Assim, as fases do modelo de busca elaboradas pela educadora norte-americana em destaque devem aliar-se às visões de educadores de diferentes campos do conhecimento. Como exemplo, podemos citar: Ildeu Moreira Coelho (2009, 2013), Pedro Demo (2011) e as lições de Dêlcio Vieira Salomon (1997), naquilo que discorrem sobre as relações entre educação, tecnologias de comunicação e informação, nas suas relações da educação com o processo de aprendizagem, o que inclui observar a cultura escolar, a finalidade da biblioteca; as funções da escola, da educação, também quando se trata do modo de estudar e de pesquisar. Enfim, é fundamental preparar-se para ser esse homem e essa mulher que se situam acima dos gêneros, e procurar adotar outro olhar para a nossa própria formação (COELHO, 2013).

Pretendemos, então, reunir dados sobre os eventos experienciados que nos permitam analisar o processo de letramento literário e informacional aqui delimitado como iniciação, no sentido dado por Coelho (2013), em que os facilitadores provocam seus sujeitos-estudantes a buscarem juntos os saberes, a se porem no caminho da compreensão da leitura *literária*. Neste aspecto, incluir o trabalho do crítico literário é fundamental para o entendimento da obra.

1.1 Motivação, temática e objetivos

Na sociedade contemporânea, os mais diversificados produtos e serviços de informação, muitos deles virtuais ou digitais, exigem novas competências e habilidades de quem precisa acessá-los. Assim deve ser esse homem de quem falou Coelho (2013) enquanto *antrop(o)*, do grego, *ánthropo* (ἄνθρωπος) = “homem, ser humano”⁴ no sentido que se documenta em numerosos compostos eruditos, alguns formados no próprio grego e outros introduzidos, a partir do séc. XVIII, na linguagem científica internacional. Esse educando, que se tornará o homem mencionado por Coelho, deve preparar-se para lidar com a realidade, que é complexa e que requer uma atuação de muito esforço para aproveitar as diferentes fontes de informação, os recursos tecnológicos e os saberes advindos da leitura dos textos literários, como a obra escolhida como *corpus* deste estudo. Esse homem deve saber tirar o essencial e tratar os conhecimentos com ética, sem copiar, sem repetir, questionando o que se tem, sem se prender apenas aos conteúdos, mas também à forma como os mesmos são repassados, buscando o sentido, a capacidade de interpretação, explicação e questionamento rigoroso sobre os pressupostos que foram imaginados antecipadamente. Tudo isso deve constituir um dos objetivos do Ensino Fundamental de acordo com o explicitado nos Parâmetros Curriculares Nacionais e nas palavras de Kuhlthau (2002), Coelho (2013) e Demo (2011).

Segundo Kuhlthau (2002) e Demo (2011), os alunos trazem para a escola seus conhecimentos adquiridos na roda de amigos, na reunião no bar, no ambiente de trabalho, nos meios de comunicação e na família que educa todo dia e toda hora sendo a instância mais responsável pelas condições de emancipação do filho. Porém, é na escola que vão poder aprimorar tais conhecimentos, ou seja, vão aperfeiçoar habilidades e criar competências para viver e conviver na sociedade da informação. Os professores e os bibliotecários poderão planejar com os alunos, acompanhando seus progressos, orientando-os e guiando-os para o desenvolvimento da habilidade literária e do manejo da informação. Por isso, entende-se que

⁴ GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário de etimologia da língua portuguesa*. São Paulo: Nacional; Curitiba: UFPR, 1979, p. 17.

este é um tema relevante, porque é na educação escolar que se busca esse saber e em que é possível “fazer-se e refazer-se na e pela pesquisa” (DEMO, 2011, p. 7). Mas, este “fazer-se” e “refazer-se” há de ser uma ação recíproca: estudantes, professores, bibliotecários fazendo juntos, crescendo juntos.

No entanto, para que haja o desenvolvimento das habilidades, o fazer-se e o refazer-se, é fundamental encontrar um acervo organizado e ter conhecimento de quais instrumentos acessar. Isso é de suma importância para o crescimento intelectual e espiritual. Na realidade que nos cerca, o espaço para que esta pesquisa se realize é a Biblioteca do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) onde a organização dos suportes de informação impressos ocorre por meio da Classificação Decimal Universal (CDU) e o resultado fica disponibilizado em um Catálogo *online*, *Sophia*. Sebastião de Souza, na obra *CDU: como entender e utilizar a segunda Edição-Padrão Internacional em língua portuguesa*, cita Patrick Meredith que discorre acerca da Classificação como uma atividade muito próxima da arte, pois para ele, Meredith, “grande parte da arte de aprender consiste em regularizar hábitos pessoais de classificação”. Então, podemos pensar a Classificação como um procedimento em que se junta o que existe de semelhante em um mesmo local por tamanho, cor, números, caracteres ou letras. Mas, também, podem ser usadas as palavras de Souza que afirma ser a CDU um plano que insere de maneira ordenada “uma multiplicidade de conceitos, ideias, informações, organizando-as em classes, isto é, em grupos de coisas que têm algo em comum” (SOUZA, 2009, p. 13-17).

Os suportes digitais são acessados através do Portal da CAPES/MEC, disponível para as instituições federadas. Nesse Portal, podemos encontrar bases de dados, periódicos, handbooks, enciclopédias e dicionários, e-books de todas as áreas do conhecimento. Vamos utilizar, nesse trabalho, aqueles ligados, especificamente, à Literatura.

Antes de falarmos a respeito dos suportes acima citados, temos um suporte, ainda, digital ou não, que é a seção de Referência, onde localizamos os dicionários, enciclopédias, mapas, atlas, anais. O número de chamada desses materiais começa quase sempre com a letra R, significando que pertencem a esta seção. Para aquele que vai iniciar a pesquisa sobre um tema do qual não tem ideia por onde começar, os recursos do “serviço de referência” são fundamentais, e o bibliotecário tem papel preponderante, pois, sendo ele o responsável pela organização destes recursos, pode orientar não só sobre a localização, mas, sobretudo, “oferecer aos usuários um serviço de referência eficiente que disponha de informações atuais e pertinentes” (ACCART, 2012, p. 72) dessas fontes digitais ou não. O bibliotecário é (ou passa a ser) participante ativo do processo de aprendizagem do pesquisador esteja este

inserido em qualquer área do conhecimento. E a biblioteca escolar tem futuro promissor, como aponta o Diretor da *Bibliothèque Municipale* de Lyon, Patrick Bazin, ao prefaciar o livro de Jean-Philippe Accart, *Serviço de referência: do presencial ao virtual* (2012). Dessa maneira, a integração do trabalho do bibliotecário com o professor é vista como catalizadora de colaboração, iniciando atividades de relacionamento, não apenas com os professores individualmente, mas também, engendrando a cultura de cooperação na instituição escolar.

O Ministério da Educação disponibilizou materiais didáticos para as escolas públicas tais como os livros abaixo fotografados que fazem parte do KIT PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) 2006 *Políticas de Formação de Leitores*, da Secretaria de Educação Básica do MEC.



Fotografia 2: Kit MEC - 2006 (CAPA).
Fonte: Foto da Autora.



Fotografia 3: Materiais didáticos utilizados nas escolas públicas: 1º Por uma política de formação de leitores; 2º Biblioteca na escola e 3º Dicionários em sala de aula, acrescentados dois livros fundamentais (*Signos em cena* e *La tradicion clásica I e II*, para o crítico literário, o professor e o bibliotecário).

Fonte: Foto da Autora.

Nesse KIT, o livro *Dicionários em Sala de aula*, de Egon de Oliveira Rangel, ajuda-nos no sentido de orientar o manuseio dos dicionários da 1ª e 2ª fases do Ensino Fundamental, assim como os do Ensino Médio; *Biblioteca na escola*, de Andrea Kluge Pereira, ensina os procedimentos de como bem administrar uma Biblioteca e *Por uma política de formação de leitores*, de Andrea Berenblum, fornece dados de como atuar na formação de leitores. Nesse Kit, vêm instruções de como usar a Biblioteca, para que servem os livros, como organizar a informação e como localizar essa informação.

Nos dicionários destinados à pesquisa, realizada por estudantes do Ensino Fundamental e Médio, enviados pelo MEC às bibliotecas de instituições educacionais públicas, através do PNLD, percebemos que os diferentes autores atribuem significados variados ao léxico selecionado. Por isso mesmo, são imprescindíveis para o letramento literário e informacional. Por exemplo, a busca pelo significado da palavra *abdução* usada na metodologia de nosso trabalho investigativo e o léxico *calundu* revelam esse aspecto, tal como destacamos a seguir.

No *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Evanildo Bechara, da Editora Nova Fronteira, 2011, encontramos o registro de que *calundu* significa: “um sm, bras., condição de quem está mal-humorado ou irritado. Ex.: quando está de calundu não fale com ele”. Nessa fonte, não consta a palavra *abdução*, mas sim, *abdução*, significando: “ação de abduzir e abduzir, v. t. d., afastar (alguém ou algo) de algum lugar, gerando violência”. No *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*, organizado por Francisco S. Borba, da Editora Piá, 2011, a palavra *abdução*, “sf, ato de arrebatar alguém com violência; arrebatamento: há registros de supostos casos de abdução de brasileiros por seres alienígenas 2. Afastamento de um elemento em relação a outro: o exercício consistia numa flexão e abdução dos dedos”. *Abduzir* – v.t. afastar (alguém ou alguma coisa) de algum lugar, ger. de modo violento: ele insistiu que quase fora abduzido por um extraterrestre. Nessa fonte, a palavra “*calundu*, sm, mau humor; irritabilidade: quando o seu time perde, ninguém suporta seus calundus 2 Candomblé ou qualquer orientação afro-brasileira contemporânea: a professora de História Moderna dedicou-se ao estudo dos calundus”.

No *Dicionário Houaiss Conciso*, organizado pelo Instituto Antonio Houaiss, da Editora Moderna, 2011, *abdução* significa “anatomia, mov. de afastamento (de membro ou parte de membro) do corpo humano; *abduzir*; desviar de um ponto; afastar. 2. Raptar, sequestrar [‘levar de um ponto, separar, apartar’]. Para *calundu*, atribui-se como significado

“mau humor e irritabilidade [ETIM: quimb. Kalu’ndu ‘ente sobrenatural que dirige os destinos dos humanos e, entrando no corpo de alguém o torna triste e nostálgico’]”.

No *Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, organizado por Paulo Geiger, para o 1º e 2º ano do Ensino Médio, da Editora Lexikon, 2011, a palavra *abduativo* refere-se ao “que envolve ou que implica abdução; que tem capacidade de abduzir. *Abdução*: 1. ação ou efeito de abduzir; 2. Anat. Movimento para afastar um membro ou parte dele da linha mediana do corpo; 3. UFO, suposto rapto, ger. temporário, de um ser humano por seres de outros planetas, para estudo ou experiências científicas; 4. Lóg., de acordo com Aristóteles e seus seguidores, silogismo cuja premissa menor é apenas provável, e cuja conclusão é, portanto, também apenas provável; APAGOGIA; 5. Lóg., para Charles Sanders Peirce, a primeira fase de uma inferência na qual se busca uma proposição geral capaz de explicar determinados fatos empíricos; 6. Jur., rapto, fraude, violência, sedução. *Abduzir* – v.t.: 1. afastar (alguém ou algo) de algum lugar, ger. de modo violento; causar abdução: Ela jura que uma nave extraterrestre abduziu o namorado; 2. Fís. separar (membro ou parte de membro) da linha média do corpo”. Para a palavra “*calundu*, sm: 1. Mau humor ou irritação que se manifestam no comportamento; AMUO [no folclore, considerado por vezes como condição doentia, de causas sobrenaturais ou espirituais]; Ant. Religião ou seita afro-brasileira, esp. Candomblé ou macumba, ou terreiro em que se realizam os cultos; 3. Ant. canto e dança ao som de batuque, de caráter festivo ou ritual, para celebrar ou consultar entidades sobrenaturais [F.: do Quimb. Kalu’ndu.] semelhante mal-humorado, zangado, com má disposição”.

No *Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: Língua Portuguesa*, organizado por Evanildo Bechara, da editora Nacional, 2011, a palavra “*abdução*, s.f., mov. pelo qual um membro se afasta do corpo humano ou animal. *Abductor*, adj., que abduz. *Abduzir*, arrebat. Para a palavra *calundu*, mau humor, amuo: não brinque com ela, que ela está de calundu”.

Essa variável é índice de que a diversidade e complexidade que a exposição do léxico apresenta nessas fontes de consulta requer o apoio dos educadores aos estudantes em processo de letramento. O bibliotecário educador pode colaborar nesse sentido, instigando os pesquisadores em processo formativo a buscarem informações para além da leitura do teor do verbete, mas instadas por ele e, conseqüentemente, ampliar a visão de mundo provocada pelo ato de pesquisar.

Com a aquisição do KIT PNLD e dos livros literários, podemos afirmar que as Bibliotecas das escolas públicas brasileiras veem-se mais equipadas e preparadas para a propagação do conhecimento. Assim sendo, de posse de material adequado, cabe ao professor, ao bibliotecário e ao educando a responsabilidade da busca do saber, fazendo da Biblioteca um espaço de aprendizado.

Comparando-se a evolução no contexto da Biblioteconomia norte-americana, embora a nossa também tivesse sido iniciada na década de 1950, há que se deparar com a cruel realidade de um atraso secular em relação a essa evolução. No entanto, já havia naquela época a consciência de que seria na Biblioteca que o leitor iria aprender a usar fontes de informação para aprendizagem de tópicos do programa escolar. Na década seguinte, a função educativa da Biblioteca escolar na sociedade norte-americana expandiu-se e a nossa ficou para trás, quase desaparecendo. Os bibliotecários daquele país perceberam que a função educativa da Biblioteca em ajudar os alunos a localizar somente informando acerca da existência desses recursos informacionais era muito pouco. Por isso, criaram projetos educacionais junto ao Governo. Surgiu a ideia de que o bibliotecário deveria ter um papel ativo no manejo de habilidade em informação e que esta deveria estar integrada ao Projeto Político-Pedagógico institucional (CAMPELLO, 2003, 2006, 2007, 2009; KUHLETHAU, 2002, 2004, 2008, 2010).

O Censo de 2009/Inep já previa a ampliação no atendimento aos alunos pelas bibliotecas (57%), salas de leitura (23,5%) e laboratório de informática (63%), apontando que “há necessidade de rápida ampliação” quanto a esses recursos (INEP, 2009, p. 12).

O Censo Escolar da Educação Básica é uma pesquisa realizada anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), sendo obrigatório aos estabelecimentos públicos e privados de educação básica, conforme determina o art. 4º, do Decreto nº 6.425/2008. A data de referência para as escolas informarem seus dados ao Censo Escolar constitui o Dia Nacional do Censo Escolar⁵. Em relação ao Brasil, podemos verificar nos dados disponíveis no Censo Escolar – Inep, avanços infraestruturais. Os dados coletados nos anos de 2011 a 2013 comprovam os avanços, que também são visíveis no CEPAE (2015), conforme podemos ler pelas tabelas e gráficos seguintes.

⁵ Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/basica-censo>>. Acesso em: 16 jun. 2015.

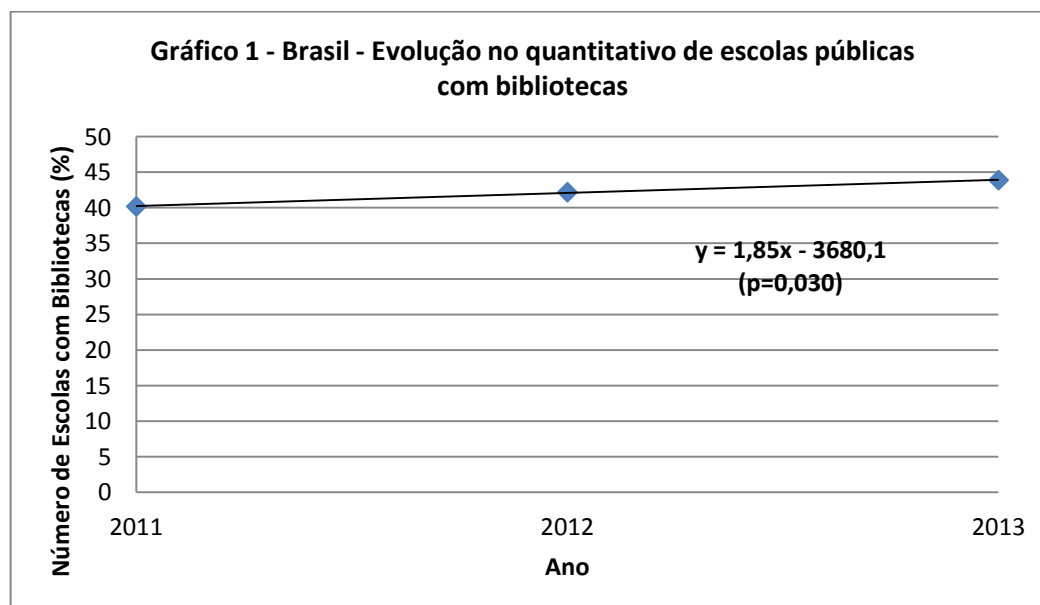
Tabela 1 - Brasil - Número de Escolas do Ensino Fundamental Atendidas: biblioteca, laboratório de informática e acesso à internet – 2011-2013

Ano / Mantenedora	Número de Escolas	Número de Escolas atendidas (%)		
		Biblioteca	Laboratório de Informática	Acesso à Internet
Pública				
2011	125 081	40,2	44,1	42,6
2012	122 716	42,2	48,6	45,8
2013	118 914	43,9	50,3	47,6
Privada				
2011	21 160	84,0	59,3	87,9
2012	21 989	84,4	58,9	90,5
2013	22 346	84,4	57,1	92,0

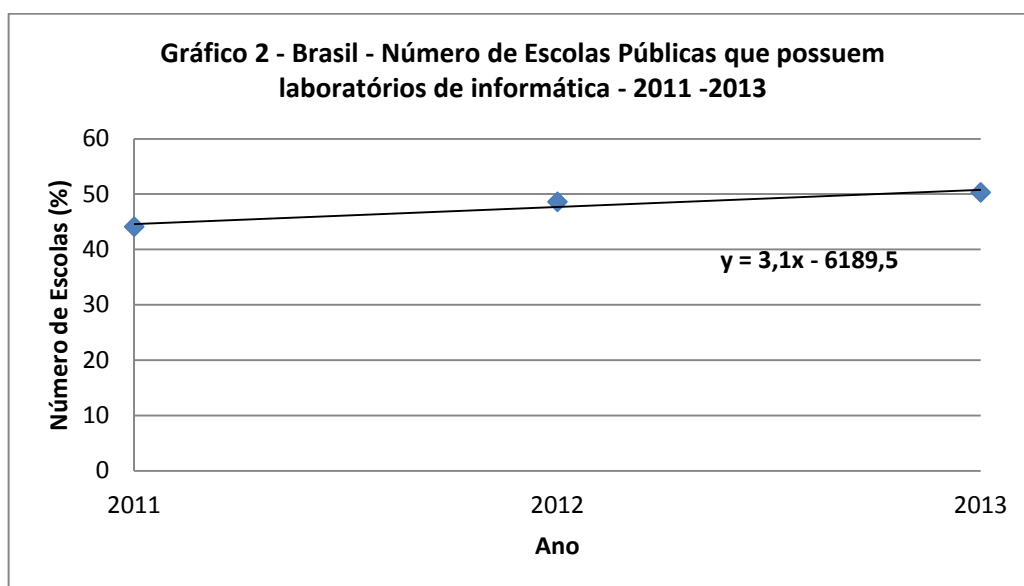
Fonte: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo> (Adaptada pela Autora).

Pela Tabela 1, notamos que, no período de 2011 a 2013, houve retração do quantitativo de escolas públicas e discreta expansão de escolas privadas. Em contrapartida, constata-se expansão de bibliotecas, laboratórios de informática e de acesso à *internet* na rede pública, mas retração em laboratório de informática e estagnação da expansão em bibliotecas na rede privada.

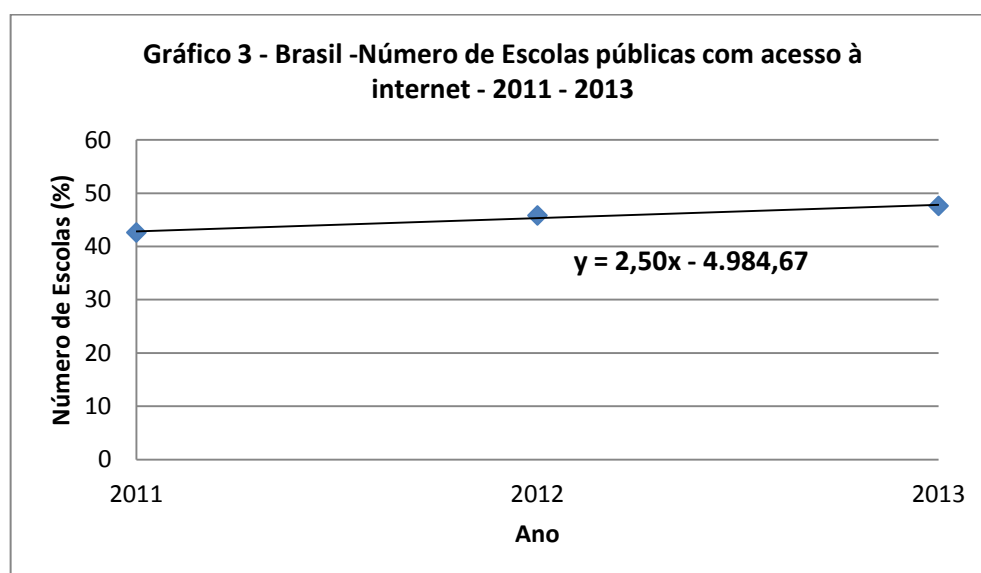
Os gráficos 1, 2 e 3 ilustram a evolução desse panorama histórico, indicativo da tendência em que correlacionamos expansão e retração em termos de índice de escolas e matrícula face à oferta de bibliotecas, laboratórios de informática e oferta de acesso à *internet*, observados por nós, neste estudo, como condições para letramento informacional a serviço do letramento literário, na instituição educacional.



Fonte: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo> (Adaptado pela Autora).



Fonte: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo> (Adaptado pela Autora).



Fonte: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo> (Adaptado pela Autora).

Se observarmos apenas as bibliotecas, tendo como referência o gráfico 1, poderemos perceber que está ocorrendo crescimento na relação bibliotecas / escolas na rede pública do Ensino Fundamental, sendo este crescimento significativo ($p=0,030$). Além disto, esta razão de crescimento está na proporção de 1,85% ao ano. Se desejarmos uma projeção para algum ano futuro, é só substituir o ano na equação da reta que neste caso é: $y = 1,85x - 3680,1$ (Aqui x designa o ano e y a porcentagem de escolas com bibliotecas). Um resultado será o de que até o ano de 2020 apenas 56,9% das escolas terão bibliotecas, caso a ampliação de bibliotecas flua no mesmo ritmo. Essa porcentagem decorre do cálculo: $y = 1,85 \cdot 2020 - 3680,1 = 56,9\%$.

A tabela 2, a seguir transcrita, traz uma coluna em que se substitui o quantitativo de escolas, apontado na Tabela 1, por alunos matriculados. Nessa coluna, notamos ter havido redução do número de matriculados nas escolas da rede pública, sendo que, na rede privada, vemos uma insignificante elevação.

Tabela 2 - Brasil Número de Matrículas do Ensino Fundamental – 2011-2013

Ano / Mantenedora	Número de Matrículas	Número de Escolas atendidas (%)		
		Biblioteca	Laboratório de Informática	Acesso à Internet
Pública				
2011	26 256 179	73,6	76,9	79,5
2012	25 431 566	75,1	80,6	82,2
2013	24 694 440	75,7	80,6	82,3
Privada				
2011	4 102 461	90,7	78,0	95,6
2012	4 270 932	90,9	78,3	95,6
2013	4 374 841	90,7	75,6	96,8

Fonte: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo> (Adaptada pela Autora).

Esses dados permitem diagnosticar, planejar e acompanhar a situação educacional brasileira, inclusive naquilo que justifica esta investigação, além de poder contribuir para a elaboração dos indicadores educacionais como o Índice de Desenvolvimento da Educação (IDEB).

Em 27 de maio de 2010, foi sancionada a Lei 12.244/2010 que determina a existência de Biblioteca em todos os estabelecimentos de ensino público e privado. Isso se tornando realidade, a informação estará acessível a um número bem mais expressivo de aprendizes. Nesse sentido, a informação tornou-se o principal elemento de produção em uma sociedade que domina a escrita. Assim sendo, entra o papel educativo do bibliotecário que se fortalecerá dentro de um modelo de co-ensino no qual o CEPAE se baseia a partir de seu Projeto Político-Pedagógico.

A educadora norte-americana Carol Collier Kuhlthau vem aprofundando seus estudos escrevendo livros, artigos e ministrando palestras sobre a busca de sentido nos serviços realizados na Biblioteca e sobre a ciência da informação. Os estudos desta autora são amplamente divulgados pelo Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar GEBE/UFMG, e vêm ampliando, consideravelmente, o conhecimento sobre a dimensão pedagógica da Biblioteca escolar brasileira. As evidências proporcionadas por tais estudos podem referenciar o trabalho

educativo do bibliotecário mobilizando os variados recursos da Biblioteca como fonte de apoio aos professores e aos estudantes.

Para compreender então essa função educativa do bibliotecário, na sociedade da informação, devemos, também, levar em conta a Declaração de Praga/2003 que direciona as nações a se prepararem para diminuir o fosso digital entre elas. Dessa declaração, surgiram outras, inclusive aqui no Brasil, como a Declaração de Maceió sobre *Competência em Informação: Cenários e Tendências*, em 09 de agosto de 2011. Assim, o bibliotecário tem uma missão/tarefa de gerenciar processos relacionados às Bibliotecas digitais, bases de dados, portais como o da CAPES, podendo agregar não só o conhecimento, mas, sobretudo, a sabedoria ligada à literatura, às artes e à linguística do nosso país e do mundo. Então, pretendeu-se com esta pesquisa:

- a) diagnosticar a busca e o uso de informação relativa aos estudos literários curriculares, desenvolvidos pelos sujeitos: professora, bibliotecários, técnicos administrativos e sessenta estudantes do Ensino Fundamental, 6º ano A e B – face ao objeto de leitura de texto literário e suas relações com outras artes, outras formas;
- b) conhecer a ação pedagógica dos bibliotecários, verificando se ela tem como foco o desenvolvimento de habilidade em informação;
- c) a partir do acompanhamento e participação da professora, dos bibliotecários e dos estudantes, caracterizar o perfil desses sujeitos quanto às suas habilidades para o manejo de bases de dados referenciais de resumos/resenhas ou de textos completos, portais e bibliotecas: *SciELO*, www.dominiopublico.gov.br, *Kirkus Reviews*, *MLA International Bibliography* e a *Britannica Escola Online* para o Ensino Fundamental, que junta enciclopédia e dicionário aliados aos sites selecionados da *internet*, além de poder acessar um número de multimídia complementando a busca. Acessado durante os seminários, utilizamos sua área de pesquisa para o compartilhamento das tarefas, bem parecido com os sites sociais; buscador: *Google* e seus aplicativos; *Google Acadêmico*, o metabuscador *DogPile*, bem como algumas ferramentas da Web 2.0, por exemplo, *Blogs*, *YouTube*, *SlideShare*, *Wikipédia*, e *softwares* de fichamento como o *More* da UFSC, o *EndNote da Web of Science* e outros oferecidos nos próprios sites;
- d) promover encontros com os sujeitos em foco tendo como objeto de experiência o manejo de bases de dados disponíveis no Portal de periódicos da CAPES, catálogo *Sophia* do Sistema de Bibliotecas da UFG.

1.2 Hipóteses delimitadas

Considerando que o método escolhido é o antropopedagógico e, tendo como interesse de investigação a experiência planejada e vivenciada por nós, no mundo da Biblioteca escolar e acadêmica, formulamos hipóteses em consonância com as perspectivas do Projeto Político-Pedagógico para serem compartilhadas e postas em avaliação com os atores/pesquisadores, cooperadores e participantes:

- a) a prática do bibliotecário pode levar ao delineamento mais preciso da sua função educativa quando ele se propõe a ampliar a sua percepção das especificidades do contexto em que atua, desde que leve em conta o propósito do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da Instituição Educacional, o Plano de Ensino (PE) do professor bem como a realidade do leitor;
- b) quando a ação do professor é enriquecida pela do bibliotecário, o trabalho educativo assumido por ambos, na formação do leitor literário, mobiliza os variados recursos da Biblioteca tradicional e da digital, para colaborar com projetos de letramento literário e informacional;
- c) os bibliotecários não dominam todas as bases de dados disponíveis no portal de periódicos da CAPES;
- d) os professores têm relativa dificuldade para encontrar, nas bases de dados do portal da CAPES, fontes de consulta que subsidiem suas pesquisas;
- e) os estudantes desconhecem a Biblioteca digital, bem como as bases de dados do portal da CAPES, dificultando, assim, o desenvolvimento de seus estudos orientados por seus professores.

Assim, o estudo da relação do leitor literário com a Biblioteca digital, para acessar e manejar informações consideráveis relativas à sua formação literária, provoca, na bibliotecária escolar, o reconhecimento da necessidade de adotar ação educativa durante o processo de letramento literário e informacional com fins de fruição estética, quando o leitor em formação tem de ler e compreender obras/textos literários. O docente e seus alunos, auxiliados pelo bibliotecário, podem decidir, juntos, por implementar estratégias e técnicas que os encorajem a pensar uma prática que melhor lhes atenda. Foi também por isso que recorreremos à metodologia da pesquisa antropopedagógica, de André Morin, descrita no próximo item, uma vez que ela leva em conta a ação e a reflexão do próprio pesquisador com os outros, numa relação práxis ação-reflexão-ação.

1.3 Metodologia

Nesta pesquisa, adotamos como método a Pesquisa-Ação Integral e Sistêmica (PAIS), de André Morin (2004), partindo do pressuposto de que ela consiste num contrato entre os sujeitos participantes da experiência. Esse contrato é, ao mesmo tempo, formal e aberto. O procedimento (formal e aberto) pressupõe a cooperação e a participação ativa sobre a experiência pretendida e desenvolvida, no caso, a formação do leitor literário e informacional, no contexto das relações entre três instâncias básicas: a sala de aula, a Biblioteca escolar (tradicional complementada pela digital) e o laboratório de informática, todos ambientes colocados a serviço do processo de aprendizagem.

A Pesquisa-Ação Integral e Sistêmica (PAIS) ou Antropopedagogia Renovada reúne dois campos do conhecimento humano: a antropologia e a educação. Do primeiro, veio a inspiração na abordagem etnográfica de observação, porque “o pesquisador não procura mudar os povos; ele estuda as culturas e seus valores próprios para melhor compreendê-los [...]”. Do segundo, veio o “método pedagógico capaz de permitir as transformações intelectual, afetiva, sensório-motora e global das pessoas interessadas” (MORIN, 2004, p. 40). A Antropopedagogia é uma abordagem dinâmica, que nasce da união da antropologia cultural com a pedagogia aberta. André Morin (2004) define-a como um método de pesquisa que utiliza a etnografia antropológica e a pedagogia aberta, para facilitar o ato de conhecer um espaço ou lugar para tomar uma decisão de possível mudança ou transformação, mediante adoção dos instrumentos: diário de bordo e relatórios dos estudos em grupo, e atas sobre seminários. Tais instrumentos permitem operacionalizar os princípios da Antropopedagogia, “o modelo espontâneo ou aberto” criado pelo Grupo de Estudos Sobre Sistemas Abertos em Educação – GESOE, dirigido entre 1973 e 1997, por André Morin e C. Fotinas⁶. Por isso, para efeito de nossa experiência, metodologicamente delimitando, a pesquisa Antropopedagógica consiste em experimentar o processo de formação do leitor literário escolar, para buscar novos recursos que colaborem com o grupo na análise da obra selecionada e pactuada pelas partes, a partir das orientações contidas no Projeto Político-Pedagógico do CEPAE/UFG, documento que percebemos definir-se como:

Orientador e articulador das ações pedagógicas [...] da escola. É um instrumento dinâmico em constante processo avaliativo e não um documento que fique “engavetado” [...]. Uma escola que pretende ser transformadora da realidade social deve ser mediadora entre a formação do indivíduo e a sociedade. Logo, o fenômeno

⁶ FOTINAS, C. *L' école ouverte: “Vers une pédagogie sauvage base e sur la théorie générale des système ouverts”*, Technologie éducationnelle, Université de Montréal, 1976.

educativo deve ser concebido como uma das formas de se efetivar a relação do indivíduo com o meio social, visando o desenvolvimento da personalidade com a aquisição de habilidades específicas que contribuirão para a construção da emancipação humana (PPP/CEPAE/UFG, 2013, p. 13).

Estas orientações nos motivam a dar continuidade ao sonho das primeiras bibliotecárias e auxiliares de Biblioteca, formadoras da Biblioteca escolar do CEPAE. A Biblioteca é uma Setorial do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Goiás (BSCEPAE/UFG). Nas palavras de Demo (2011, p. 7), “a pesquisa é a base da educação escolar, não a aula, não o ambiente de socialização, não a ambiência física e nem o mero contato entre professor e aluno”. Sendo assim, a pesquisa é fundamental, sendo feita em uma Biblioteca tradicional e complementada em uma digital, onde aquela deixa de ser sala fechada, depósito de livros, que não funciona. Demo (2011) fala do questionamento reconstrutivo com qualidade formal e política, como sendo o eixo do processo de pesquisa, que deve ser atitude diária do professor e do aluno, incluindo o bibliotecário, membro fundamental que vai auxiliar, com o seu saber e com metodologia adequada, mediando e promovendo o estudo feito em fontes primárias e secundárias. Dada a importância da Biblioteca, podemos compará-la a um oceano em que as águas dos rios juntam-se formando-o, unindo, aí, um todo. Sendo ela o lugar apropriado para assumir a pesquisa no sentido colocado por Pedro Demo (2011, p. 8), sobretudo, mostrando o conhecimento como meio inovador, “é essencial não perder de vista que o conhecimento é apenas meio, e que, para tornar-se educativo, carece ainda orientar-se pela ética dos fins e valores”. Também Ildeu Moreira Coelho faz uma reflexão sobre:

Os problemas da educação, em geral reduzidos a problemas da escola, da universidade, do ensino, da avaliação da aprendizagem, da política educacional, da gestão da escola e dos sistemas de ensino e das reformas que nele deveriam ser feitas (COELHO, 2009, p. 15).

Ressaltamos que o tempo e o espaço devem ser planejados, assim como as tarefas relacionadas à pesquisa com os alunos; o professor deve estar presente em todas as fases das atividades desenvolvidas na Biblioteca, não podendo deixá-los sozinhos, desprovidos do seu auxílio e o do bibliotecário. Quanto ao fato de o Projeto Político-Pedagógico poder dialogar com todos os que compõem essa escola desejada, e nela educar sujeitos para a independência, para a emancipação, possibilita a formação de um perfil diferente, em que a comunicação seja para construir a sociedade tão sonhada, em que os direitos humanos mais fundamentais sejam

de fato colocados em prática. É preciso querer construir, querer mudar, e isso seria a “*topia da utopia*: a realização de todos os desejos”⁷.

Podemos mencionar que o Projeto Político-Pedagógico do CEPAE/UFG revela uma teoria embasada na dialogicidade entre professores, alunos, estagiários e pesquisadores, técnicos administrativos, entre eles, o bibliotecário “rumo a um conhecimento abrangente do processo de humanização, manifesto em um projeto que delinea diretrizes políticas e pedagógicas do processo educacional, e que pretenda ser autêntico, dinâmico e aberto” (UFG, 2013, p. 4).

A Pesquisa-Ação Integral e Sistêmica (PAIS) é um método de pesquisa qualitativa que nos encoraja tanto para o lado profissional quanto para a vida. Pensamos em melhorar nossa prática usando-a, pois esse é o objetivo da investigação que nos incentivou a não desistirmos diante da incerteza, das buscas de sentido diante de tanta informação, de tantos dados e de tanto conhecimento. Entretanto, a busca maior é pela sabedoria, fase que nos leva a perscrutar as coisas que queremos para nós e para nossa comunidade.

A PAIS, tal como concebida por Morin e adotada neste estudo, consiste, portanto, na mudança planejada em espirais sucessivas que requerem a participação dos atores participantes. Elas são desenvolvidas por abordagem etnográfica, fazendo uso do diário de bordo com as notas de observação, metodológicas, teóricas e práticas, trabalhadas também com a fotografia, o áudio transcrito e analisado, e do método pedagógico. Então, o seu objetivo é emancipatório em termos de discurso e de conduta nas interações sociais. Os eventos registrados e os dados coletados são organizados em mosaicos que facilitam a compreensão de sentidos dos eventos transcorridos e observados. Um dos conceitos que fazem parte do método da Pesquisa-Ação Integral e Sistêmica que adotaremos é o da triangulação, uma vez que favorece:

pontos de vista diferentes e complementares (...) [para] orientar o olhar crítico. Assim, por exemplo, o diário de bordo pode esclarecer as intervenções nas reuniões (...) ampliando o debate. (...) A prioridade é dada tanto à compreensão precisa quanto à penetração ampliada dos fatos e de sua significação (MORIN, 2004, p. 158).

Para essa finalidade, procedemos à caracterização da Pesquisa-Ação Integral e Sistêmica, que compreende: o campo de ação, Colégio CEPAE/UFG, espaço em que a disciplina de Língua Portuguesa é ministrada e em que os estudantes, doravante atores pesquisadores, sujeitos deste estudo; a professora e as bibliotecárias consideradas

⁷ CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. Agenda Latino-Americana mundial, 2015. Disponível em: <<http://latinoamericana.org/2015/textos/portugues/VisaoDeConjunto2015.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

cooperadoras, ou seja, pesquisadoras participantes, e têm participação ativa sobre a experiência pretendida; e os instrumentos de coleta de dados. Estabelecemos um detalhado perfil dos atores pesquisadores, advindo da aplicação de ferramentas de coleta de dados em diário de bordo, atas, fotografias, áudio. Os seminários foram adotados com a finalidade de observarmos o processo de aprendizagem, objeto central desta investigação.

A leitura metódica das anotações sobre as ações desenvolvidas, bem como da produção dos participantes, concretizadas ao longo desta experiência participativa, registradas nas ferramentas adotadas, considerou traços indicativos para a *triangulação* de expressões e atitudes manifestadas, principalmente pelos sujeitos-estudantes. Também nesse sentido, recorreremos à Morin que assim se expressa:

O conceito de *triangulação* deve ser adaptado à definição da PAIS e favorecer pontos de vista diferentes e complementares [...] orientar o olhar crítico. [...] A prioridade é dada tanto à compreensão precisa quanto à penetração ampliada dos fatos e de sua significação (MORIN, 2004, p. 159).

Para assegurar adequada e pertinente *triangulação*, adotamos o *paradigma indiciário* de Ginzburg (1989, p. 153), uma vez que esse autor propõe que sejam identificados vestígios, sinais e traços que, neste estudo, esse paradigma é assumido como critério para *perscrutar, inquirir, sondar, explorar, indagar*. Trata-se de sinais encontrados nos dados tomados como objeto de experiência e análise sejam eles *pistas, indícios ou signos pictóricos*, como fotografias, por exemplo.

Por meio desses recursos, pretendemos manter acordo mútuo entre os envolvidos na investigação e promover o compromisso de todos em relação às decisões e aos encaminhamentos advindos das discussões, já que a narrativa do pesquisador participante havia de levar em conta o arcabouço teórico de sustentação desta investigação que acolheu o Plano de Curso, parte do PPP.

Como partimos do pressuposto de que a ação das funcionárias da Biblioteca, em parceria com a professora, favorece melhor desempenho do estudante em processos e procedimentos de letramento, consideramos a participação de ambos os sujeitos como relevantes e pertinentes. O registro sobre a ação de ambos ocorreu, predominantemente, ora por *e-mail* ora entrevista ora gravação. Simultaneamente aos seminários, fizemos as entrevistas que foram utilizadas como um recurso para registro de informações advindas dos funcionários da Biblioteca e da professora, atuantes no CEPAE/UFG, doravante pesquisadores participantes.

Fizemos uso da entrevista acerca do portal de periódicos da CAPES e seus recursos, com o propósito de confirmar a hipótese a respeito dos bibliotecários não dominarem todas as bases de dados disponíveis no portal. Segundo as bibliotecárias do CEPAE, não tinham conhecimento das bases de dados *MLA International Bibliography* e *Kirkus Reviews*, assim como da *Britannica Escola Online*; mas que se utilizam da lógica booleana, truncagem e outros recursos. Para a pesquisa bibliográfica, não teriam problema em usá-las se, por ventura, viessem a utilizá-las no seu dia a dia na Biblioteca.

CAPÍTULO 2

LETRAMENTO: O LEITOR E A LEITURA

Neste capítulo, delimitamos os conceitos de leitor e leitura literária, letramento literário e informacional como pontos de ajuda na compreensão do paradigma indiciário guinzburgniano, recorrendo a formulações teóricas que norteiam esta pesquisa. Nessa perspectiva, recorreremos à concepção de leitor e leitura de texto literário, a partir da formulação teórica desenvolvida por Wolfgang Iser (1996; 1999), em sua obra *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*, cuja primeira publicação ocorreu em 1976. Nessa obra, Iser aborda o pacto entre leitor e texto, baseado na contingência da interação social. Nós nos apoiaremos também nas obras *'Foundations of Social Psychology'*, de Edward E. Jones e Harold B. Gerard (1967) e *'Percepção interpessoal: uma teoria e um método de pesquisa'*, de Ronald David Laing, H. Phillipson e A. R. Lee (1966) em que Iser (1996,1999) estudou para situar os tipos de leitor apresentados por outros autores e os estudados por ele mesmo.

Por tratar da recepção do texto literário a partir das relações entre leitor e texto, a teoria proposta por Iser pode subsidiar adequadamente a nossa compreensão quanto ao letramento literário, uma das perspectivas deste estudo. Assim, na visão de Iser, ao se encontrar com o texto literário, o leitor realiza os atos de apreensão de imagem ou imagens que se encontram formuladas no texto e vai conduzindo-as a uma situação que lhe é instigada. O ato de ler desperta uma experiência fundamentada no texto, chamada por Iser de teoria do efeito estético. Este aspecto leva Iser (1999) à teorização sobre o leitor inscrito no processo de leitura. Para tratar desse processo, o teórico situa-o em um movimento articulado que resulta “numa mudança de perspectivas e cria uma combinação intrínseca de perspectivas textuais diferenciadas, de horizontes vazios, de memórias esvaziadas, de modificações [...] e de futuras expectativas” (ISER, 1999, p. 23-24, v. 2).

Iser (1996) adotou o termo repertório, entendido como sinais no texto que evocam uma intenção comunicativa por parte do autor. O efeito estético é, portanto, a compreensão e a atualização do objeto literário pelo leitor no momento da leitura. Dessa forma, segundo o autor mencionado, a obra tem dois polos: o artístico, que designa o texto criado pelo autor e o estético, que é a concretização produzida pelo leitor.

Assim, ainda segundo Iser (1996, p. 50), o efeito estético consiste na análise da relação dialética entre texto e leitor e sua interação, e esse processo requer o uso da imaginação e da percepção. Essa relação está condicionada à comunicação entre dois polos: texto e leitor. Iser (1996) explica que é na leitura que esses polos se juntam para formar uma só unidade, que se

guia por um deles, que é o próprio texto. A essa reciprocidade ele dá o nome de interação, o que ocorre no ato de ler. Nesse sentido, a leitura é a atividade guiada pelo texto que afeta o leitor, promovendo, então, o diálogo entre os dois.

A nossa motivação mais acentuada, neste capítulo, consiste, portanto, no interesse em saber como são concebidos leitor e leitura na teoria do efeito estético de Wolfgang Iser e o que podemos entender sobre “efeito estético” ou como ele ocorre durante a leitura.

2.1 O leitor e a leitura literária

Os críticos, em geral, conhecem os leitores invocados para o efeito e para a recepção da Literatura. Eles são construções que formulam metas de conhecimento e diferenciam-se porque, para uns, ela se dá na construção do conhecimento, para outros, a ênfase inscreve-se no substrato do conhecimento, entendido como o que serve de base para o fenômeno “não-idêntico”, como uma maneira que o efeito se evidencia no leitor dando o sentido do texto (ISER, 1996, p. 87). Iser (1996, p. 67) recorre ao leitor de Stanley Fish, o leitor informado; ao leitor de Michael Riffaterre, o arquiteitor e ao leitor de Erwin Wolff, o leitor intencionado. Todos eles foram construídos para referir ao substrato empírico. São palavras suas:

O leitor informado é uma concepção didática que se baseia na auto-observação da sequência de reações, estimulada pelo texto, e visa a aumentar o caráter de informação e assim a competência do leitor;

O arquiteitor é um meio de verificação que serve para captar o fato estilístico pela densidade de codificação do texto;

Por fim, o **leitor intencionado** é um tipo de reconstrução que permite revelar as disposições históricas do público, visadas pelo autor (ISER, 1996, p. 72) (Grifos nossos).

Após essas considerações, Iser (1996, p. 63) desenvolve conceitos de leitor: o leitor ideal, o contemporâneo e o orientado pela psicanálise. O primeiro é “suspeito de ser mera construção, porque ele é uma ficção [...] representa uma impossibilidade estrutural de comunicação, porque deveria ter o mesmo código que o autor”; o segundo é aquele leitor que já existe, mas ainda insuficientemente construído para enunciados abrangentes. O terceiro é um leitor no qual se podiam observar os efeitos da literatura devido à sua disposição psíquica em livrar-se das categorias em questão cujas “qualidades não são apenas heurísticas”, mas sua acessibilidade é possível porque foi diagnosticada nos estudos de Simon Lesser e Norman Holland (*Apud* ISER, 1996, p. 64). Podemos refazer a história da recepção ao usarmos o leitor contemporâneo, porque a recepção da literatura por um determinado público ganha primazia.

A história da recepção interessa-se pelos testemunhos de leitores que, em épocas diferentes, responderam à obra em causa.

Para Iser (1996), a leitura é uma dialética entre protensão (espera do que vai acontecer) e retenção (memória daquilo que aconteceu). A dialética ocorre entre o leitor num dado tempo e espaço e, da mesma forma, entre o autor num dado tempo e espaço, o que deixa indícios para que o leitor se situe e interaja, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados pela época. Iser (1999) descreve o processo da leitura como uma “interação dinâmica entre texto e leitor”. Dessa maneira, ele considera a estrutura do texto e a estrutura do ato da leitura como dois polos da comunicação, que só acontece quando “o texto se faz presente no leitor como correlato da consciência” (ISER, 1999, v. 2, p. 9-10). A interação é condição polarizada: texto/leitor, comunicação. No ato da leitura, esses polos se juntam, formando uma só unidade, por ser uma atividade guiada pelo próprio texto. A essa união de reciprocidade dá-se a interação.

Cabe ao leitor, ainda sob a concepção de Wolfgang Iser (1996), estimulado pelo texto, atualizá-lo mediante os atos de sua própria consciência perceptiva. A apreensão ocorre em fases consecutivas da leitura, na medida em que esse mesmo texto se movimenta dentro dele; os correlatos de consciência produzidos pelo ponto de vista em movimento (o texto enquanto evento permite que o leitor, por meio de suas memórias e expectativas, agrupe os signos textuais, identifique suas relações e apresente-as); as sínteses passivas da leitura, as retenções e protensões do leitor são projetadas no texto durante o processo da leitura e suas representações produzem um novo sentido, posto que estruturado pelo texto. Assim, o leitor experimenta o texto como um acontecimento. Nele se encontram correntes opostas da constituição das figuras que também se opõem, mas que se falam guiadas pelo texto, espaço em que se vinculam (ISER, 1996, p. 50-52).

Segundo Iser (1999), o livro *Foundations of Social Psychology*, de Edward E. Jones e Harold B. Gerard “parte do pressuposto de que é preciso estabelecer categorias de tipos de contingência que são encontráveis ou emergem em cada interação humana”. Por exemplo:

A **pseudocontingência** se institui quando ambos os parceiros conhecem bem o “plano de conduta” (*behavioral plan*) do outro que é possível prever com precisão as “réplicas” e suas conseqüências [...]; neste caso não há situação contingencial;

A **contingência assimétrica** ocorre quando o parceiro A desiste de atualizar o seu próprio “plano de conduta” e segue o do outro (B) sem resistência; se deixa levar;

A **contingência reativa** domina quando os respectivos “planos de conduta” dos parceiros são continuamente encobertos pela reação momentânea ao que se acaba de ser dito ou feito. A contingência torna-se dominante neste esquema de reação orientada pelo momento e impede as tentativas dos parceiros de expressar seus “planos de conduta”;

A **contingência recíproca** domina o esforço de orientar a sua reação de acordo tanto com o próprio “plano de conduta”, quanto com as reações momentâneas do parceiro. Disso, decorrem duas consequências: ‘a interação pode levar ao triunfo da criatividade social, em que cada um é enriquecido pelo outro, ou pode conduzir ao debate de uma hostilidade mútua e crescente, com que ninguém se beneficia’ (ISER, 1999, p. 97-98).

As categorias acima esquematizam, de fato, o fenômeno da interação social. O que importa para Iser é inteirar-se a respeito da consequência metodológica dos modelos descritos. Da *Pesquisa Psicanalítica da Comunicação*, realizada por Ronaldo David Laing, H. Phillipson e A. R. Lee, Iser pôde retirar dados interessantes para explicar a interação entre texto e leitor, pois esses autores formulam um problema de percepção interpessoal, assim:

meu campo de experiência [...] não se preenche apenas com a visão direta de mim mesmo (ego) e com a visão do outro (alter), senão também com o que chamaremos de *metaperspectivas* [...] *minha visão da visão que o outro tem (você, ele, ela, elas) de mim* [...]. Efetivamente, sou incapaz de ver-me como os outros me veem, mas constantemente suponho que eles me veem de maneiras diferentes, e eu estou constantemente atuando à luz das atitudes, opiniões, necessidades etc., reais ou supostas que o outro tem em relação a mim [...] (LAING; PHILLIPSON; LEE, 1966, p. 12).

Através dessa observação de Laing, Phillipson e Lee, Iser (1979, p. 86) pôde perceber que esses autores falam das reações recíprocas que ocorrem na percepção interpessoal, em que um olha para o outro e cada um tem uma imagem de si e do outro. Dessa forma, as imagens não são “mais qualificáveis como ‘puras’ percepções; são o resultado de uma interpretação”. Essa interpretação, derivada “da estrutura da experiência interpessoal”, faz-nos conhecer nossa própria conduta, ou seja, “temos experiência do outro à medida que conhecemos a conduta do outro. Mas não temos experiência de como os outros nos experimentam”.

Iser (1999, p. 100-101) parte das observações de Laing, Phillipson e Lee (1966) que trazem a conclusão do que foi dito acima em outro livro, *A política da experiência*: “[...] tua experiência de mim é invisível a mim e minha experiência de ti é invisível a ti. Não posso experimentar tua experiência. Não podes experimentar a minha [...]”. Essa experiência (*Erfahrung*) é a invisibilidade do homem para o homem e isso vai permitindo as relações interpessoais, que Laing, Phillipson e Lee chamam de “No thing”, isto é, Coisa-Nenhuma, “Nonada”. “No thing” seria o “entre é em si mesmo nonada (no thing)”. Esse “No thing” é o que move nossas relações interpessoais e a partir delas reagimos como se soubéssemos as “experiências dos nossos parceiros”.

Para Iser (1996, 1999), a relação entre texto e leitor não se dá como na *Psicologia Social* e na *Pesquisa Psicanalítica da Comunicação* porque não existe um encontro pessoal. Essa relação é bem diferente daquela da interação social, justo por ser o produto de uma atividade interpretativa, que tem origem na imagem do outro. Para que haja a relação leitor/texto, o texto não pode estar em sintonia com o leitor porque nele não funcionam as réplicas.

Nas décadas de 1960 e 1970, época em que a obra *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético* deveria estar em gestação, pode-se constatar no livro de Norbert Elias (1997) as mudanças buscadas pelos alemães, pois, Iser diz que a Alemanha passava por um período sufocante. Para ele, dar vida ao texto ocorre no momento de questionamentos em relação à teoria da literatura que antes era analisada com base em uma “hermenêutica ingênua” (ISER, 1996, p. 7). As reflexões nesse sentido, ou seja, do ponto de vista histórico-científico e político, resultam numa “mudança de orientação nas análises da literatura, que não mais se concentravam tanto na significação ou na sua mensagem, mas, sim, nos efeitos do texto e sua recepção” (ISER, 1996, p. 7-10). As causas das transformações sobre a maneira de analisar os “textos literários baseiam-se, de um lado, na experiência de modernidade” e, de outro, na indignação estudantil, pois, tudo estava em crise. Deixavam-se as interpretações intencionais do texto em favor das interpretações de sua recepção, sobretudo, de seus efeitos. A reviravolta deu-se ao desvelar a ideologia mascarada na interpretação das grandes obras, assiduamente recitadas, visando “produzir nos ouvintes aquela atitude contemplativa que era requerida diante de uma obra de arte clássica” (ISER, 1996, p. 7-9).

Em *O direito à literatura*, de Antonio Candido (1995), podemos ver que ele aborda reflexões prévias a respeito dos direitos do homem, mostrando as contradições do “homem” que domina o desenvolvimento tecnológico e o progresso, gerando uma civilização cheia de conforto inimaginável, mas que ainda convive com a miséria e com a fome. O autor confirma a persistência da falta de meios básicos para a sobrevivência, mantendo um sistema social desigual. Relacionando literatura com os direitos humanos, o autor focaliza-os em dois ângulos diferentes:

Primeiro, verifiquei que a literatura [...] nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual (CANDIDO, 1995, p. 186).

No pensamento de Antonio Candido, a literatura é um direito fundamental para todos e a define “como todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das civilizações” (CANDIDO, 1995, p. 174).

Dessa forma, o autor exige mudança radical para nos apropriarmos da literatura erudita e não só ficarmos ‘nas alamedas’. A literatura deve ser tomada por todas ‘as vielas’. É preciso que leiamos também os clássicos e que nos apossamos desse direito fundamental, visando ao nosso crescimento, individual e social. Enfatiza também a literatura como um bem incompressível necessário, pois pode nos elevar física e espiritualmente. Ele cria, com isso, outro tipo de leitor humano: humanizante e, sobretudo, humanizador. É um leitor que sabe a respeito de sua tradição e descobre o sentido por meio da apreensão de diferentes níveis e camadas do texto (lexical, sonoro, sintático, semântico), em leituras diversas feitas com tempo para reflexão, de maneira que a sensibilidade seja apreciada. Tais reflexões servir-nos-ão como suporte para a análise dos comentários dos sujeitos-estudantes que, durante a experiência com a leitura de *Ouro dentro da cabeça*, de Maria Valéria Rezende, acharam o texto ora muito lindo ora de linguagem difícil devido às ilustrações. Deduz-se que a autora buscou impregnar nos leitores essa fome/sede de ler e, sobretudo, entender o que ler.

Assim, Candido (1995) destaca a fruição da literatura, ou seja, o prazer estético. Isto nos remete à capacidade do leitor em se apropriar da arte literária por meio deste exercício, chegando à sensação que a experiência literária proporciona. Sobre essa fruição estética, Hans Robert Jauss discorre em seu texto “O prazer estético e as experiências fundamentais”, três conceitos: *a poieisis*, *a aistheisis* e *a katharsis*:

no contexto da conduta de prazer estético, que é ao mesmo tempo liberação *de* e liberação *para*, a realizar-se por meio de três funções: para a consciência produtora, pela criação do mundo como sua própria obra (*poieisis*); para a consciência receptora, pela possibilidade de renovar sua percepção, tanto na realidade externa, quanto na interna (*aistheisis*); e, por fim, para que a experiência subjetiva se transforme em inter-subjetiva, pela anuência ao juízo exigido pela obra, ou pela identificação com normas de ação predeterminadas e a serem explicitadas (JAUSS, 1979, p. 81).

Para Jauss (1979), esses três conceitos (*poieisis*, *aistheisis* e *katharsis*) não se hierarquizam e nem se subordinam; eles se relacionam de maneira “autônoma”. O autor inicia o texto citando Goethe, no momento em que Fausto fala do prazer, porém esse termo foi desprezado, porque era usado pela “burguesia culta”. Assim, podemos ver que os três elementos por ele abordados levam à total liberação do ser grego através da fruição estética

porque, no mundo grego, a atenção era muito dirigida para o sentido perceptivo. Parte da sabedoria provinha da sede da sensação; essa sensação ou sensações não eram necessariamente pacíficas, pois podiam provocar um choque ao chegar à harmonia produzia a beleza. Feliz aquele que mostrava o sentido dos sentimentos, que quando exagerados era chamado de *Hubris* ou *Hybris*, palavra usada para degradar ou humilhar aquelas pessoas que ousavam se achar muito acima dos deuses. Mas, o significado do termo foi mudando, passando a designar uma pessoa arrogante, presunçosa. O exemplo pode ser o de Édipo Rei, pois ele foi punido por sua *Hubris* (*Enciclopédia Britannica Company*, 2015). A palavra *Hubris* no *Dictionary Merriam-Webster* é definida como a pessoa que tem orgulho exagerado ou autoconfiança exagerada, fora dos limites. Portanto, *Hubris* significava uma aberração deste equilíbrio cósmico, ou seja, exagera seu orgulho, sua presunção. O homem grego, acima de tudo, tinha que perceber com sua mente e com seu conhecimento. Tal virtude chamava-se *aistheisis*. Correspondia também o doar dos sentimentos para os outros. Era abençoada ou abençoava seu portador com a leitura das impressões. O propósito das faculdades do homem grego era o alcance do enriquecimento cultural não só para ele como para os outros. É fácil entender como a *aistheisis* tornava-se essencial na arte que era mais que arte, a literatura.

O segundo elemento da fruição da literatura seria a “sua casa”, *poieisis*. Uma vez inspirado pelos deuses, o que fazer? A inspiração chama para sua somatização, *poieisis*, boa construção, firme, bela; assim é a casa da literatura. Se a *aistheisis* chama o leitor em seu coração, a *poieisis* fornece-lhe onde morar, isto é bem claro na cultura e na arquitetura grega. *Poieisis* é fazer, é criar, compor, até mesmo politicamente. A *poieisis* é o divino dom dos deuses gregos que inspira a criação da poesia e da arte. Este segundo elemento vai situar o prazer estético.

O esforço de Jauss (1979) leva a uma compreensão da experiência quase mística que a literatura como gozo fornece. Ele a analisa por meio da: *aistheisis*, *poieisis* e *katharsis*, que discutimos acima. Obviamente, esse delírio científico literário nos motiva e seduz. Mas também, deve-se perguntar: em quais aspectos nosso estudo se relaciona com esse delírio literário? A formação do leitor, mesmo admitidamente precoce, será importante na instrumentalização para a fruição da literatura? Podemos falar de fruição literária e estética no educando que obtém o acesso às obras literárias? Esse leitor quer ser devidamente acompanhado pelo uso assistido das ferramentas de busca? Enfrentará limites de conhecimentos próprios da idade, de outras culturas ou de outras maneiras de pensar o conhecimento? Como e quando enfrentar os desafios desse universo tão diferente no caminho para a literatura, ou seja, o delírio literário?

Para entender que a Estética é um conceito formulado por vários estudiosos, filósofos, semiólogos, literatos, alguns deles serão abordados por nós. Hegel a estudou a como beleza artística, a verdade do espírito, do princípio divino. Em Emmanuel Kant, é um estudo dos juízos por meio dos quais os humanos afirmam que o objeto artístico desperta um sentimento de beleza ou de sublimidade. Para Umberto Eco (2003), a Estética seria a ciência que estuda a percepção do belo e seus efeitos artísticos. Ao se vincular fruição ao verbo fruir, que quer dizer desfrutar prazerosamente, isto é, ao se juntar os termos Fruição e Estética, no horizonte da recepção (Jauss), ou da Estética do efeito (Iser), passamos a entender o verbo (fruir) como uma união de bens *incompressíveis*. No próximo subtítulo, vamos compreender os efeitos do prazer estético que são alcançados por meio do letramento tendo como suporte teórico as teorias propostas por Magda Soares (2004; 2010).

2.2 Letramento e suas dimensões

Para discutirmos letramento, recorreremos à autora Magda Soares (2002, p. 66) que trata o letramento sob duas dimensões: a dimensão pessoal e a dimensão social. Ela nos alerta que, mesmo assim, ainda não se tem uma definição para esse termo. Segundo Soares, essa palavra está envolvida em uma “vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais [...]” como ‘um produto de transmissão cultural’. Portanto, o letramento ‘é um fenômeno social’. Na primeira dimensão, o letramento “é visto como um atributo *pessoal*”; a segunda, situa-o como “um fenômeno cultural.” Na dimensão individual do letramento,

tanto a leitura quanto a escrita formam um agrupamento de habilidades linguísticas e psicológicas, porém são diferentes, pois enquanto a leitura é entendida como uma habilidade de decodificar palavras escritas à capacidade de compreender, integrar informações provenientes de diferentes textos, a escrita é a habilidade de registrar unidades de som até a capacidade de transmitir significado de forma adequada a um leitor potencial [...] (SOARES, 2002, p. 69).

Dessa forma, a autora considera que um tipo de letramento complementa o outro em um mesmo indivíduo que fica hábil nos dois processos. Na segunda dimensão, o letramento é social. A autora argumenta que a pessoa não pode ficar presa às suas habilidades individuais tão somente, porque letramento não é um puro e simples conjunto de habilidades individuais. Ele é um conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social, em comunhão, para promover a mudança social, pois as

pessoas com habilidades de escrita e de leitura podem transformar a sociedade. Este deveria ser o principal objetivo de cada uma delas (SOARES, 2002, p. 72).

Um dos aspectos fundamentais na abordagem de Magda Soares (2002, p. 17) e de outros estudiosos do assunto, como Angela B. Kleiman, ajuda-nos a visualizar melhor os outros letramentos que adiante vamos estudar, de maneira a enriquecer a prática educativa junto à biblioteca escolar. Soares (2002) apresenta-nos o letramento em três temas: o primeiro é Letramento em verbete: o que é letramento? A autora procurou em obras de referências tais como dicionários, enciclopédias brasileiras e portuguesas e obras de autores brasileiros. E não encontrou a definição. No entanto, a definição saiu na 5ª edição do *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, da editora Positivo, em 2010:

1. Ato, processo ou efeito de letrar(se). 2. Pedag. E. Ling. Estado ou condição de indivíduo ou grupo capaz de utilizar-se da leitura e da escrita, ou exercê-las, como instrumentos de realização e de seu desenvolvimento social e cultural: “Letramento é palavra recém-chegada ao vocabulário da Educação, das Ciências Linguísticas e da **Ciência da Informação**” (Magda Soares, *Presença Pedagógica*, de jul./agosto de 1996). 2. do ingl. Literacy. 3. Pedag. E. Ling. o processo educacional que viabiliza este estado ou condição. (grifos nossos).

Letramento é tudo aquilo que aprendemos depois de alfabetizados, ou seja, ficamos cada dia melhores praticando a leitura e a escrita e tornamo-nos pessoas autônomas, com outra maneira de ver o mundo, outra maneira de comunicarmos com esse mundo. Consequentemente, nos inserimos nas práticas sociais. Por exemplo, ler um livro e buscar a compreensão nas fontes digitais, ou seja, passamos a pesquisar e até a calcular o quanto essa informação é importante e quando podemos usá-la. Aqui, estamos ligando letramento à importância do desenvolvimento de competências.

Então, seguimos o pensamento de Soares (2002, p. 44): “letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita.” Existe uma palavra designando esse estado ou condição que é o *alfabetismo*, significando estado ou qualidade de alfabetizado (sabe ler e escrever). Em Portugal, o termo letramento não existe, mas há o emprego do termo *literacia*, significando também o mesmo que a palavra inglesa *literacy*, ou seja, pessoa que sabe ler e escrever. Lembramos John R. Bormuth (1973) que deu o ponto inicial para pensarmos a sociedade da informação ou letrada⁸ e que usa a palavra *literacy* no sentido amplo de alfabetização como sendo a capacidade de ler ou de responder adequadamente à linguagem escrita. Neste sentido, ser

⁸ Traduzido do texto: “This paper was originally prepared for the Committee on Literacy of the National Academy of Education. It will also appear in a collection to be published by the National Academy under the title *Toward a Literate Society*” (BORMUTH, 1973, p. 2).

letrado é uma das habilidades mais valorizadas do homem. O homem usa a escrita para registrar, acumular e armazenar os seus conhecimentos de maneira mais fácil. Conforme afirmações de Bormuth, isso ocorre

Porque aqueles que foram alfabetizados são capazes de superar as barreiras que o tempo e o espaço lançam em forma de comunicação, outros foram capazes de dominar e aplicar informações técnicas e, assim, alcançaram prosperidade material sem precedentes. Alguns têm sido capazes de dominar e aplicar o conhecimento social e político garantindo mais liberdades pessoais e políticas para si próprios. E outros foram capazes de ampliar sua perspectiva e satisfazer seus desejos estéticos através da literatura (traduzido do texto de BORMUTH, 1973-1974, p. 9)⁹.

Quando a sociedade vai baseando-se na escrita e à medida que o analfabetismo vai ficando para trás, um fenômeno vai evidenciando-se, pois não basta saber ler e escrever, porque esse saber fazer deve ser incorporado nas competências. Este fenômeno é o letramento. Letramento, então, é o envolver-se com as práticas sociais da escrita: ler livros, mapas, figuras, tabelas, jornais, revistas, redigir um ofício ou um requerimento, redigir uma monografia, uma dissertação ou tese, buscar informação em catálogo telefônico ou da biblioteca digital. É, enfim, possibilitar a uma pessoa tornar-se letrada, capaz de encontrar a informação e saber usá-la de maneira a resolver sua falta de conhecimento em qualquer área que sinta vontade de conhecer (SOARES, 2002; BORMUTH, 1973).

Mas, o que significa informação na área da literatura? Antes do surgimento dessa palavra, na era industrial, havia somente a experiência (Erfahrung). Walter Benjamin (1994) define-a como algo efêmero, ela é encontrada nos livros e nos periódicos. Mas para a teoria da informação, esta diminui a incerteza em relação aos fatos, indícios e sintomas.

Para entender o termo competência, recorremos a Pedro Demo. Em *Educar pela pesquisa* (2011), este autor fala-nos do questionamento reconstrutivo. Segundo suas palavras, por “questionamento”,

compreende-se a referência à formação do sujeito competente, no sentido de ser capaz de, tomando consciência crítica, formular e executar projeto próprio de vida no contexto histórico. Não significa apenas criticar, mas com base na crítica, intervir alternativamente. Inclui a superação da condição de massa de manobra, ou de objeto de projetos alheios. Um dos sentidos mais fortes da educação é precisamente a passagem de objeto para sujeito, o que significa formação da competência (não

⁹ Traduzido do texto: “Literacy may be defined broadly as being able to respond appropriately to written language; in this sense, it is one of man's most valued skills. Man has used writing to record, accumulate, and store his knowledge in an easily used form. Because those who were literate have been able to overcome the barriers that time and space throw in the way of communication, some have been able to master and apply technical information and thereby achieve unprecedented material prosperity. Some have been able to master and apply social and political knowledge to secure personal and political liberties for themselves. And some have been able to enlarge their perspective and satisfy their aesthetic desires through literature” (BORMUTH, 1973, p. 9).

necessariamente ou apenas competitividade) [...] e por *reconstrução*, compreende-se a instrumentação mais competente da cidadania, que é o conhecimento inovador e sempre renovado (DEMO, 2011, p. 13).

Podemos ver que Demo (2011) descreve um sujeito que se forma de maneira digna que possibilite o crescimento da sua competência, pois alia as duas habilidades: a de saber codificar e a de decodificar a língua escrita, ou seja, ler e escrever, respectivamente. Esse sujeito vive em estado de letramento; não fica estagnado porque “usa socialmente a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita” (SOARES, 2002, p. 40). Exerce sua cidadania e, dessa maneira, não é enganado; deixa de ser ‘massa de manobra’, como afirma Demo (2011).

Voltando a Soares, encontramos três perguntas acerca do letramento: “Qual é o significado dessa palavra?” “Por que surgiu essa nova palavra, letramento?” “Onde fomos buscar essa nova palavra, letramento?” Ela escolhe a última para iniciar a inquirição diante da impossibilidade de se trabalhar tal palavra nos dicionários brasileiros e portugueses. Desde 1995, isso já havia sido evidenciado ou diagnosticado por Ângela B. Kleiman no capítulo: “Introdução, o que é letramento? Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola”. Essa palavra pode ter aparecido pela primeira vez em Mary Kato, em 1986.

Soares (2002, p. 36-38) recorreu ao dicionário de língua inglesa e traduziu da palavra *literacy*, que [...] vem do latim *littera* (*letra*), em que o sufixo – *cy* → denota qualidade, condição e estado [...], ou seja, é a condição ou o estado de ser uma pessoa letrada, da palavra inglesa *literate*. Por pessoa letrada, entende-se aquela que não só sabe ler e escrever, mas domina a leitura e a escrita, adquiriu cultura; é educada, instruída e conhece as obras literárias de uma comunidade, de um país e até de outras nações. Quanto à resposta para a primeira pergunta, a autora chega a uma possível definição de letramento: “*letra+mento* → cujo prefixo vem da palavra latina *littera*, e o sufixo *mento* indicando o resultado de uma ação, ou seja, letramento é o resultado da ação de ‘letrar-se’, se dermos ao verbo o sentido de tornar-se letrado”. Respondendo à questão de número dois, a autora leva-nos a ver o nosso atraso de um século em relação aos Estados Unidos e à Inglaterra (e agora, então, muito mais de cem anos!), pois o “fenômeno (letramento) que se evidencia entre nós no final do séc. XX, exigindo a palavra letramento, já se processava nos Estados Unidos e Inglaterra no final do século XIX [...]”.

Enfim, o último ensaio do livro de Soares (2002) trata o “*letramento em ensaio: como definir, como avaliar, como medir*”. Faz-se necessário entender que foram abordados vários conceitos fundamentados no processo de apropriação da escrita. Processo que tem papel

importante na ação que requer envolvimento no ato de medir, de avaliar e de definir essa estrutura complexa própria do ato de ler, como também do ato de escrever. Dessa maneira, o leitor apropria-se da escrita, sabe ler e escrever e, sobretudo, pratica esse saber ler e escrever. Como letrado, o sujeito deve acrescentar duas palavras além de ler e escrever: calcular e pesquisar. Assim, consolida-se um leitor que “deixa de ser objeto de ensino, para tornar-se parceiro de trabalho [...] contra a ignorância, contra a cópia, pelo questionamento, teoria e prática como processo reconstrutivo”, como também prevê Demo (2011, p. 11). Letrar(-se), capacitar(-se) no uso social e cultural da leitura e da escrita são ações que também alcançam àqueles indivíduos que não sabem ler nem escrever, mas que se comunicam com os fenômenos sociais e, por isso, são letrados, pois sabem pedir a informação certa. Isso ocorre a partir das relações entre leitor, texto e autor, implicando práticas que envolvam mais de uma pessoa. Dessa forma, existem condições para que se processe o letramento, tais como, escolarização real e efetiva dos indivíduos e disponibilidade de recursos e materiais de leitura cujo espaço é a escola e sua biblioteca escolar.

2.3 Letramento literário

Segundo Soares (2002), o letramento é uma maneira de cultivar as práticas sociais de uso da escrita e, diante disso, a definição de letramento literário seria por extensão ao termo letramento que é estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler um texto poético ou dramático, mas dele se apropria efetivamente por meio da experiência estética, fruindo-o.

Graça Paulino, em seu artigo “Letramento literário: por vielas e alamedas” (2001), tece reflexões acerca desse assunto sob o ponto de vista da desigualdade de acesso ao livro e, portanto, da leitura. Paulino (2001) define a expressão letramento literário com base também no exposto por Magda Soares.

[...] usamos, hoje, a expressão letramento literário para designar parte do letramento como um todo, fato social caracterizado por Magda Soares como inserção do sujeito no universo da escrita, através de práticas de recepção/produção dos diversos tipos de textos escritos que circulam em sociedades letradas como a nossa. Sendo um desses tipos de textos o literário, relacionado ao trabalho estético da língua, à proposta de pacto ficcional e à recepção não pragmática, um cidadão literariamente letrado seria aquele que cultivasse e assumisse como parte de sua vida a leitura desses textos, preservando seu caráter estético, aceitando o pacto proposto e resgatando objetivos culturais em sentido mais amplo, e não objetivos funcionais ou imediatos para seu ato de ler (PAULINO, 2001, p. 118).

O que Graça Paulino expõe acima é corroborado em bibliotecas das universidades nos Estados Unidos que convocam estudantes a participarem do planejamento estratégico para o

letramento e a exercerem sua cidadania ao apropriar-se, em específico aqui, do caráter estético da língua escrita.

Rangel (2003), relacionando o letramento literário com o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), fala da possibilidade de o estudante envolver-se com o mundo da escrita, ou seja, com a literatura. O autor começa a reflexão com a seguinte pergunta: O que é leitura literária? Para Rangel (2003, p. 128), é preciso fornecer subsídios práticos e teóricos à escolha e ao uso do livro didático a partir do programa (PNLD em ação). Como ele faz parte desse programa, sente que o leitor vai se envolver com a escrita e com a literatura a partir do Livro Didático de Português. O autor argumenta que não é contra a utilização de tal recurso como acesso à literatura, contudo é preciso “indicar [...] percalços e evitar outros para que o LDP possa funcionar [...].” Para a leitura literária, o autor aceita a ideia “de que o texto literário tem características formais diferentes dos demais” e acrescenta que “a relação entre a literatura e o livro didático tem sido das mais difíceis, no Brasil” e mais adiante diz que considera o texto literário “indispensável para o ensino/aprendizagem da leitura [...] direito do cidadão e dever do Ensino Fundamental [...]” (2003, p. 129-138).

Rangel cita duas perspectivas para a leitura: a primeira é que ela tem sido tratada, no âmbito do ensino de língua materna, como um fenômeno cognitivo cujo foco é o desenvolvimento das habilidades e da competência do leitor; e a segunda trata a leitura como um fato histórico-cultural, cuja preocupação seria com o resgate dos significados culturais historicamente atribuídos a certos autores, obras, gêneros, estilos, fazendo de cada ato de leitura um exercício coletivo e pessoal de reverência. Para Rangel, o letramento literário permite descrever as formas de existência cultural da escrita que definem um texto como literário, que delimitam um cânone determinado e assinalam o âmbito da estética associado à leitura literária. Segundo o autor, é interessante o que o Grupo de Pesquisa do Letramento Literário (GPELL / Ceale-FaE/UFMG) desenvolve, pois permite enxergar a trajetória do leitor de literatura em formação, ou seja, aquele que desenvolve o gosto pela leitura e expressa o desejo de querer saber mais.

2.4 Letramento informacional e biblioteca digital

Se a definição de letramento é uma aproximação da palavra inglesa *literacy*, a capacidade de ler e escrever, ou seja, alfa+beta+zado das letras gregas alfa mais beta, que por sua vez:

vem do latim *littera* significando *letra*, que se junta com o sufixo *cy* denotando qualidade, condição e estado de ser letrado (a), que por sua vez, vem da palavra inglesa *literate*, que significa a pessoa que domina a leitura e a escrita, que é educada, instruída e capacitada em leitura (SOARES, 2002; BORMUTH, 1973).

Por inferência, chegamos a uma definição de letramento informacional: pessoa letrada em informação que, instruída e educada, sabe manejar a biblioteca digital, tanto a sua biblioteca pessoal quanto aquelas criadas pelas instituições nacionais e internacionais, procurando informação, dado e conhecimento. Infere-se, pois, que essa pessoa sabe utilizar essa informação, esse dado e esse conhecimento com ética, isto é, sem copiar, podendo até imitar com criatividade, mas e, sobretudo, com sabedoria, reflexão.

Assim, segundo Bernadete Campello (2009), as noções de letramento informacional vêm aparecendo e tomando forma desde os anos de 1940, pela *American Library Association* – ALA (Associação Americana de Bibliotecas) nos Estados Unidos, com propostas de padrões para bibliotecas escolares, enfatizando a função educativa do bibliotecário¹⁰. No Brasil, a questão do letramento surge desde 1950, com o livro traduzido pelo bibliotecário e professor Sylvio do Valle Amaral, *Ensinando o uso de livros e bibliotecas: manual para professores e bibliotecários*. O termo letramento informacional eclode na década de 1970 como uma reação ao baixo uso das tecnologias da informação, ou seja, os bancos de dados estavam crescendo e, com isso, a necessidade de preparar as pessoas para o uso adequado de tais recursos crescia também. Assim, o letramento informacional vai sendo delineado nos encontros nacionais e internacionais rumo a uma sociedade letrada, que também se constrói (CAMPELLO, 2009). George Eduardo Freund, em 1982, alertava sobre o impacto das tecnologias da informação para a sociedade que se informatizava:

Duas tecnologias inicialmente independentes convergiram para a Tecnologia da Informação: telecomunicações e processamento de dados. A microeletrônica consolidou esta fusão e ambas não podem mais ser separadas. A Tecnologia da Informação introduziu o tratamento eletrônico integrado da informação, desde a aquisição, armazenamento, até a transmissão à distância. Telecomunicações e Processamento de Dados, apesar de tecnologias relativamente recentes já absorvidas pela sociedade moderna. Sua combinação, no entanto, abre perspectivas muito maiores em termos de aplicações e consequências, havendo uma preocupação generalizada no tocante aos impactos sobre a sociedade, seu modo de vida, seus hábitos, as profissões, a economia e até sobre o modo de pensar. Devido às grandes alterações provocadas pela Tecnologia da Informação, já se formou o conceito da Era Pós-Industrial ou a chamada Sociedade Informatizada (FREUND, 1982, p. 17).

¹⁰ Preparado pela American Association of School Librarians (AASL, divisão de bibliotecas escolares da ALA) em parceria com a Association of Educational Communication and Technology (AECT) (CAMPELLO, 2009, p. 34).

A Sociedade informatizada a que Freund refere-se é, atualmente, chamada de Sociedade da Informação ou do Conhecimento ou, ainda, Sociedade Letrada (*Toward Literate Society*, título do artigo de Bormuth, 1973). Se letramento informacional é um jargão da Ciência da Informação, é devido a isso que deixamos de assumir a urgência em formarmos leitores? Há que se ter em mente a necessidade de se reconhecer que é perceptível o crescimento de informações, nestes últimos anos, visíveis agora no próprio portal de periódicos da CAPES. São assinados 37 mil periódicos disponíveis em texto completo, 130 bases referenciais, 12 bases para patentes que são usadas por 423 instituições em todo o país (dados da CAPES/MEC, 2014). Assim, Campello (2009, p. 12-83) conclui em seu estudo que o letramento informacional é um aspecto do letramento e enfatiza que se ele não for visto pelos educadores como parte das ações pedagógicas em geral e, se for tratado pelos bibliotecários de forma isolada, nunca será colocado em prática na escola. Diante disso, podemos ver os princípios básicos do letramento informacional, criados na Declaração de Praga, em 2003¹¹, e a Declaração de Maceió¹², em busca ou em direção à Sociedade Letrada em Informação.

Podemos começar a falar das consequências do letramento informacional citando esse exemplo de Richard Sayers, em sua obra *Principles of Awareness-raising for Information Literacy: a case study*, em que uma criança de dez anos salvou muitas pessoas na Tailândia quando o tsunami aconteceu em dezembro de 2004 porque ela estava bem informada a respeito daquele desastre. Tilly Smith estava passando férias em Phuket, havia pesquisado sobre tsunami duas semanas antes porque priorizou saber a geografia do local onde iria ficar e, percebendo sinais das ondas antes do tsunami, alertou as pessoas a respeito da tragédia que viria acontecer. Aqui, o letramento informacional deu-se em relação ao aspecto geográfico. No entanto, pode ocorrer em todas as áreas do conhecimento. Neste estudo, serão priorizados o letramento informacional e o literário.

O letramento informacional pode ser definido como “habilidade para acessar, avaliar e usar informações em vários tipos de fontes”. Mais tarde, os conceitos apresentados por Instituições sugerem que letramento informacional pode ser descrito como “a capacidade de identificar, localizar, avaliar, organizar e, efetivamente, criar, usar e comunicar informações

¹¹ The Prague Declaration: “Towards na Information Literate Society”, em 2003. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/PragueDeclaration.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2014.

¹² Declaração de Maceió sobre a Competência em Informação. In: “Seminário sobre Competência em Informação”, em 2011. Disponível em: <http://www.febab.org.br/declaracao_maceio.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2014.

para resolver um problema ou uma questão” (SAYERS, 2006, p. 67-68)¹³.

Bernadete Campello, Kelley Cristine G. D. Gasque e Carol C. Kuhlthau são autoras referenciais para a compreensão do que seja letramento informacional, bem como o papel do bibliotecário, elevando-o a educador. A definição mais difundida é aquela proposta pela *Association of College and Research Library – ACRL*¹⁴, que corresponde à habilidade de conhecer quando existe uma necessidade de informação, para que o leitor seja capaz de identificar, localizar, avaliar e usar efetivamente a informação relativa à problemática com que o leitor se depara. Atualizado em fevereiro e abril de 2014, sob o título *Framework for Information Literacy for Higher Education*, o texto é uma boa referência sobre letramento informacional porque inclui as declarações acima mencionadas.

Para colocarmos em prática o letramento literário e o informacional é necessário que sejam fornecidos recursos para a biblioteca escolar, de maneira que possamos ter acesso à biblioteca digital que é um fenômeno idealizado há muito tempo por filósofos, poetas, bibliotecários, gramáticos, sociólogos, professores e consolidado por Tim Berners-Lee, em 1991, chamando-a Rede, Teia ou *Web (World Wide Web)*. Segundo Tammaro e Salarelli (2008, p. 115), a concretização foi a criação do arquivo por Paul Ginsparg, voltado para os físicos em Los Alamos, e dando continuidade aos repositórios institucionais. No Brasil, os repositórios estão em construção.

Vannevar Bush, em 1945, criou o Memex¹⁵, que serviu para os estudiosos como memória mecanizada (biblioteca pessoal), permitindo ao leitor acrescentar notas e comentários pessoais ao seu texto, cuja navegação é chamada de hipertexto que constitui uma modalidade de pesquisa no uso da biblioteca digital em que o usuário tem critérios de busca e refere-se à pesquisa através de mecanismos que auxiliam na recuperação do documento ou item. Segundo Anna Maria Tammaro (2008, p. 115), o “memex introduz outras importantes novidades além do hipertexto, por exemplo, o usuário como ator ativo, o conceito de depósito como organização, a conversão de formatos para permitir uma busca rápida nos dados”. Para a autora, a definição de biblioteca digital é a consolidação desse sonho de uma “*virtual library*

¹³ Citação de WIJETUNGE, Pradeepa; ALAHAKOON, U.P. *Empowering 8: the information literacy model developed in Sri Lanka. Sri Lanka Journal of Librarianship & Information Management*, v.1, n. 1, p. 31-41. 2005.

¹⁴ Traduzido do texto: *Information literacy is a repertoire of understandings, practices, and dispositions focused on flexible engagement with the information ecosystem, underpinned by critical self-reflection. The repertoire involves finding, evaluating, interpreting, managing, and using information to answer questions and develop new ones; and creating new knowledge through ethical participation in communities of learning, scholarship, and practice*. Disponível em: <<http://acrl.ala.org/ilstandards/>>. Acesso em: 22 dez. 2014.

¹⁵ Memex é um dispositivo no qual uma pessoa pode armazenar todos os seus livros, anotações e comunicações, e que é mecanizado de modo que possa ser consultado com enorme rapidez e flexibilidade. É um complemento ampliado de sua memória (TAMMARO, 2008, p. 114).

(www)” que vai se concretizando na grande Rede e “pode ser imaginada como um poderoso organismo que se nutre de informação e cresce de forma caótica” (TAMMARO, 2008, p. 117).

Tim Berners-Lee, o primeiro a usar a expressão *biblioteca virtual* (termo mais antigo que biblioteca digital), foi o criador da Rede. O modelo dessa experiência é a digitalização do *Google Print*, passando pela *Google Book Search*. Para Tammaro (2008), a fase das bibliotecas digitais, como conversações, foi difundida e elaborada pela *Associazione Italiana Biblioteche* que teve como suporte o *Cluetrain Manifest the end of business as usual*, ligado ao mercado no contexto digital para as transações comerciais que tem como princípio sua própria linguagem sem, no entanto, impô-la, evitando com isso o aumento do fosso digital (digital divide) entre as nações. Para o conceito de biblioteca digital, o mais difundido é o da *Digital Library Federation* porque reconhece a importância de seus serviços:

bibliotecas digitais são organizações que fornecem os recursos, inclusive o pessoal especializado, para selecionar, estruturar, oferecer acesso intelectual, interpretar, distribuir, preservar a integridade e garantir permanência no tempo de coleções de obras digitais, de modo que estejam prontas e economicamente acessíveis para serem usadas por uma comunidade determinada ou por um conjunto de comunidades (TAMMARO; SALARELLI, 2008, p. 120).

Um dos recursos mais utilizados na biblioteca digital é o acesso à informação que utiliza as bases de dados para recuperar essa informação. Jennifer Rowley (1994), em seu livro *Informática para bibliotecas*, no capítulo “Fundamentos da recuperação da informação”, explica que antes do advento da informática já existiam os sistemas manuais para tal recuperação, por exemplo, os fichários localizados na entrada da biblioteca. Os fichários eram separados por assunto, autor e título, assim como as bases de dados. Então, sempre existiu base de dados em bibliotecas. Mas, o sistema de informação automatizado necessita criar maneiras de interagir com os indivíduos que vão usá-lo. Daí, o surgimento de bases de dados, catálogos, buscador robotizado. Base de dados, segundo Rowley (1994, p. 66), “é uma coleção de registros similares entre si e que contêm determinadas relações entre esses registros (Registro é a informação que a base contém e que diz respeito a um documento ou item)”. Rowley (1994) classifica base de dados de duas formas: de Referência e de Fontes. As bases de Referência são aquelas que orientam o leitor onde encontrar o documento. As bases de Referência abrangem dois tipos: a) bases de dados bibliográficas, que incluem citações ou referências bibliográficas e, às vezes, resumos dos trabalhos publicados, por exemplo, a base de dados *MLA International Bibliography*, localizada no portal de periódicos da CAPES, cujo acesso é realizado através de senha para professores, alunos de pós-graduação e técnicos

administrativos. No site do portal, ela pode ser acessada através do link “buscar base” e digitar no campo *MLA International Bibliography*; b) bases de dados catalográficos podem ser o catálogo online de uma biblioteca, por exemplo, *Sophia*, do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Goiás.

Ressaltamos que, na perspectiva do letramento literário e informacional, as habilidades de leitura, escrita, cálculo e pesquisa devem ser aplicadas aos diversos suportes impressos ou digitais: enciclopédias e dicionários, buscador e metabuscador, artigos de revistas, capítulos de livros, livros didáticos, obras técnicas, blogs, bases de dados só de resumos ou só de texto integral, *SlideShare*, vídeos e áudios postados no *YouTube*, jornais, bibliotecas e digitais de universidades e organismos nacionais e internacionais.

CAPÍTULO 3

A EXPERIÊNCIA DO BIBLIOTECÁRIO

Neste capítulo, abordaremos o percurso entendido como o passo a passo do processo de busca de informação para subsidiar todo o processo a ser percorrido durante a execução da experiência a ser vivenciada pelos alunos do sexto ano A e B do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), da Universidade Federal de Goiás.

No início de 2014, realizamos uma reunião com a professora das turmas selecionadas para participarem desta pesquisa, definirmos e caracterizarmos a linha de trabalho docente. As questões foram levantadas a partir dessa pergunta: Como a professora orienta a leitura dos alunos? Após esse encontro entre os pesquisadores participantes, o desenvolvimento desta pesquisa-ação consistiu em percorrer o fluxograma negociado entre esses sujeitos participantes e baseou-se no princípio dialógico, para contrato entre as partes. Portanto, adotamos como critério de participação a formulação de objetivos, objeto de leitura e produção textual, fundamentados na pesquisa impressa e /ou digital.

O processo de pesquisa adotado para a concepção do projeto em desenvolvimento junto à professora, pesquisadora participante, foi delimitado com base na proposta de fases criadas por Kuhlthau, para orientar os procedimentos da busca e uso da informação. As atividades previstas e acordadas para orientar o trabalho dos pesquisadores e dos atores participantes foram estabelecidas conforme se encontram representadas no fluxograma geral (Figuras 3 e 4, Apêndice E), norteador do conjunto das atividades destinadas ao letramento perspectivado.

Essa nossa proposta de etapas a serem percorridas foi assumida por nós como um norte para a caminhada dos sujeitos pesquisadores e o resultado apreendido destina-se à avaliação da experiência, para indicar novas trajetórias e descobertas situadas em espiral, respeitando-se o plano de leitura concebido e coordenado pela docente, pesquisadora participante, que assim se apresenta:

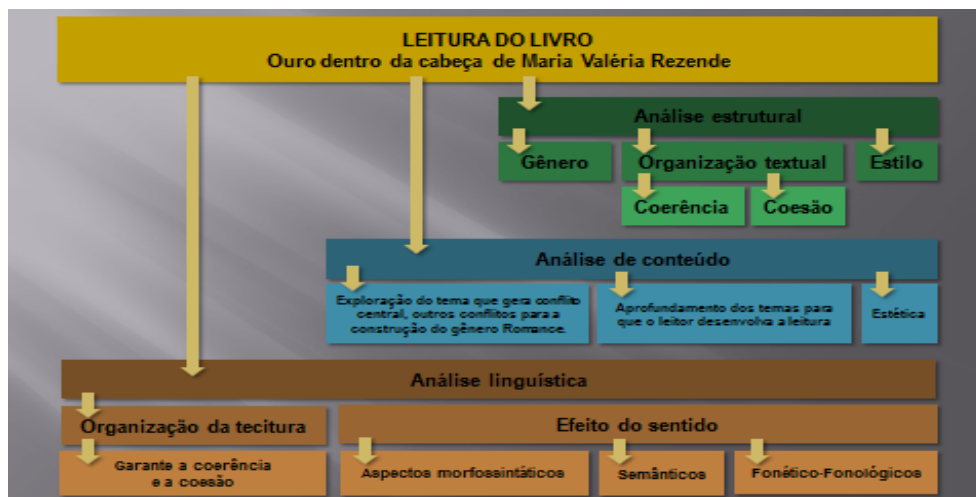


Figura 5: Fluxo da leitura do livro, *Ouro dentro da cabeça*.
Fonte: Elaborado pela Autora.

A leitura da obra escolhida, *Ouro dentro da cabeça*, de Maria Valéria Rezende (2012), é subsidiada por consultas às bases de dados pertinentes a esse objeto de estudo e norteadas pelos objetivos delimitados no projeto de pesquisa, respeitando-se o que já havia sido planejado pela escola que priorizava o aprender a ler e a argumentar; a provocar a inteligência com mais rigor e mais consistência. Na proposta da escola, como se pode notar pela figura n. 5, o planejado revela a predominância da leitura com foco no desenvolvimento de habilidades linguísticas e informativas, ficando os aspectos literários em segundo plano.

Os dados foram colhidos por meio de recursos técnicos, diários de bordo: notas de observação, de metodologias e de teoria e prática; atas dos seminários e tarefas elaboradas pelos grupos reunidos em blocos de um a quatro, assim definidos: Bloco I – grupos 1, 3, 5; Bloco II – grupos 2 e 4; Bloco III – grupos 6, 8 e 10; Bloco IV – grupos 7 e 9. Para facilitar a narração desta experiência, elaboramos a legenda: B = fala do bibliotecário; DB = fala proveniente do diário de bordo; DD = fala de documento digital (área de pesquisa da *Britannica Escola Online*); E= fala proveniente da entrevista (gravada e por e-mail, inserindo uma numeração, pois foram quatro); P = fala do professor; TA= turma “A” = sexto ano “A”; TB = turma “B” = sexto ano “B”.

Decidiu-se que, ao final do processo, as duas turmas (sexto ano “A” e “B”) executariam atividades que resultariam em um único livro cujo nome seria *Livro Acadêmico*. Nele, estariam os trabalhos dos grupos das duas salas. Tudo isso relacionado com a obra *Ouro dentro da cabeça*. Mas cada grupo quis costurar/tecer o seu próprio livro. Assim, o aprendizado deu-se com arte, através da arte, resultando em arte, tendo como aparato modelos e instrumentos de letramento informacional.

Essa atividade requeria a procura (*seeking*) em bases de dados, catálogos *online* de Bibliotecas que subsidiassem a pesquisa sobre o tema Furna. Isso se deu em estudos através de buscas (*searches*) na *Britannica Escola Online* para o Ensino Fundamental; no *Google Acadêmico* e na pesquisa avançada do *Google*, no catálogo *Sophia* do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Goiás. Durante essa atividade, adotamos os fundamentos da teoria da linguagem documentária e da lógica booleana, que nos permitia uma procura (Search) mais relevante e com maior rigor nos resultados. Nosso percurso deu-se na sequência: a) apresentamos a lógica booleana, os campos de busca avançada do *Google*; b) falamos do *Google* acadêmico; c) manejamos o catálogo *Sophia* das Bibliotecas da UFG; d) apresentamos o Portal de Periódicos da CAPES. Nele, trabalhamos a *Britannica Escola Online*, para o Ensino Fundamental. O formulário de busca desse portal dispensa a lógica booleana, mas exige o uso de frase mais completa, por exemplo, há de se inserir “Rio Araguaia” e não somente “Araguaia”, podendo escolher a enciclopédia ou o dicionário Houaiss Kernerman.

Para as atividades de busca virtual de informações, foi utilizado o Processo de Busca de Informação (*Information Search Process – ISP*), formulado pela educadora norte-americana Carol Collier Kuhlthau. Tendo em vista os objetivos desta pesquisa, essa perspectiva foi compartilhada com os atores pesquisadores e pesquisadores participantes (estudantes, professora e funcionários da Biblioteca), com destaque para o fluxo representado na figura 2, relativa ao processo de busca da informação que ecoa, processualmente, no momento da necessidade, busca, seleção e uso da informação que flui, segundo Kuhlthau e se revela na figura 3(Apêndice E) que representa o detalhamento do processo de busca de informação (ISP).

Assim, para o plano de estudo da narrativa, tivemos como apoio esses recursos da linguagem informacional. Organizamos em *slides* e vídeos que foram apresentados nos seminários e explorados em sala de aula e espaços da Biblioteca Central. Primeiro, indagamos o seguinte: por que pesquisar? Instados por essa interrogação, os sujeitos pesquisadores declararam que utilizavam o *Google* com o objetivo de manejarem um determinado jogo ou quando queriam assistir a um filme ou ouvir música. Os *slides* e os vídeos acima referidos consistiram na apresentação dialogada do sentido e processo de estudo, abordando os aspectos: a pesquisa permite-nos solucionar um problema; identificar informações sobre algum assunto delimitado pelo pesquisador; encontrar resposta para dúvidas; atualizar-se.

Nessa oportunidade, foi destacado que o nosso objetivo central, naquele instante, era aprender a buscar informação em catálogos *online*, em portais, em revistas *online* das universidades e, finalmente, em mecanismos de busca. Em qualquer desses recursos, usamos determinada linguagem para recuperarmos a informação mais relevante: podemos formular uma linguagem natural ou matemática própria para computadores, como exemplo os booleanos AND (E) que é uma intersecção, o booleano OR (OU) que é uma soma e o booleano AND NOT (E NÃO), que pode ser usado para exclusão como nos exemplos das figuras 6,7 e 8 do Apêndice F, respectivamente.

A tônica centrou-se na explicação de que, para pesquisar em sistemas de informação, ou seja, nos catálogos de Bibliotecas, nos mecanismos de busca e meta-buscadores, é necessário saber interrogá-los. Segundo Jaime Robredo (2005) para a interrogação e busca, precisamos elaborar uma estratégia interligando-a à lógica booleana (linguagem matemática: saber o que é intersecção, soma e subtração). Para a intersecção, usa-se a função lógica AND que significa o operador lógico que tem a propriedade de declarar se Maria Valéria Rezende é uma declaração e *Ouro dentro da cabeça* idem. Então, no campo AUTOR “E (AND)” no campo TÍTULO são verdadeiros se ambas as declarações forem verdadeiras; falsa, se uma das proposições ou ambas são falsas. “Verdadeiro” é normalmente expresso pelo valor 1(um) e “Falso” por 0(zero), na linguagem do computador. A figura 6, Apêndice F, ilustra o exemplo dado.

No catálogo *Sophia*, uma declaração é falsa porque não existe o livro *Ouro dentro da cabeça* na Biblioteca. No *Google*, as declarações e proposições são verdadeiras, porque se recuperam as declarações. Para o exemplo abaixo, o operador lógico OR (OU) faz comparações de declarações. Assim, se pelo menos uma declaração for verdadeira, ele devolve verdadeiro, se nenhuma o for, devolve falso (*Dicionário de informática e internet*). Para Paulo César Bhering Camarão (1989), um operador lógico, que tem a propriedade de recuperar a informação num documento ou em documentos diferentes, exige o uso do booleano OR. Assim, se FURNA e GRUTA são duas declarações, então, na declaração FURNA * GRUTA, o “*” é o operador “OR” exclusivo, a assertiva é verdadeira, conforme figura 7, Apêndice F.

Segundo Rowley (1994), a diferença lógica, simbolizada por (Rezende AND NOT Resende), ou (Rezende – Resende) vai recuperar documentos cujo sobrenome Rezende esteja escrito com a letra z e não com a letra s. O termo de indexação REZENDE deve ter sido

atribuído porque o sobrenome da autora é com z, e atribuído na ausência do termo RESENDE, para que o documento seja recuperado, conforme figura 8, Apêndice F.

A apresentação de slides explicando a lógica booleana foi seguida pela prática por meio de exercícios elaborados para cada site a que nos propusemos estudar. Para isso, a professora formou os blocos de I a IV nas duas turmas do 6º ano (TA e TB). Cada bloco foi constituído por 2 ou 3 grupos de 3 atores pesquisadores. O Seminário foi uma atividade que lhes permitiu compreenderem o sentido da pesquisa orientada, mediante estabelecimento de foco. A atividade seguinte consistiu em cursos de preparação para acesso às bases de dados, aos catálogos de Bibliotecas e ao portal da CAPES/MEC. Esses cursos ocorreram em três espaços específicos: no Laboratório de Informática e auditório situado na Biblioteca Central/UFG; e o terceiro, a sala de aula e a Biblioteca do CEPAE. Discutimos as tarefas escolhidas e as formas de apresentação do trabalho produzido com base nos estudos realizados pelos sujeitos-leitores das duas turmas de 6º ano. Durante as apresentações, a professora corrigia as tarefas desenvolvidas; destacava a necessidade de referenciar a autoria; ensinava a técnica de parafrasear, analisar e sintetizar. Enfim, resultava que a produção da escrita não podia ser plágio.

Nesse percurso, a primeira tarefa foi elaborar um cronograma marcando os dias para os encontros no Laboratório de Informática e auditório, executando tarefas de uso dos recursos informacionais tais como bases de dados para a pesquisa bibliográfica. Para isso, foi oferecido um curso de acesso às fontes *online*, para buscar dados em revistas científicas e usar a enciclopédia e o dicionário da *Britannica Escola Online*, bem como outras fontes já mencionadas.

No *Google*, utilizamos a busca avançada, procurando encontrar a informação relevante, por meio dos operadores na caixa de pesquisa definida pelo *Google*, personalizando, assim, as definições de pesquisa. Para facilitar a compreensão sobre como obter melhores resultados nas buscas de informação, apresentamos aos atores pesquisadores e demonstramos como funciona o site www.dominiopublico.gov.br, onde podemos recuperar a informação desejada, no campo *Tipo de Mídia: texto*, no campo *categoria: poemas brasileiros* e, a partir daí, escolher um estudo mais aprofundado sobre literatura, por exemplo.

Apresentamos aos estudantes a maneira como é organizada a informação e qual tipo de classificação utiliza-se para juntar assuntos idênticos tais como: na classe 8 da Classificação Decimal Universal (CDU), podemos encontrar Literatura e suas especificações como:

crônicas brasileiras, contos brasileiros, teatro brasileiro, romance brasileiro; literatura espanhola, francesa, alemã, norte-americana e inglesa.

3.1 Mobilização da busca de informações (processo de pesquisa)

Para melhor entender todos os formulários aqui apresentados, tomamos como exemplo os formulários de busca do *SciELO*¹⁶, por serem de fácil manejo e por estarem há mais tempo na *Web*. Essa estratégia foi utilizada para que tivéssemos uma noção de cada um desses campos retroespecificados e pudéssemos escolher um deles para nossa busca bibliográfica. Essa noção serviria para entendermos os outros formulários. Cada um deles tem suas peculiaridades e acrescentam mais recursos para recuperar a informação exata que queremos, mas que, basicamente, é o mesmo processo de aprendizagem.

O formulário livre do *SciELO*, assim como o da página inicial do *Google*, o da *Britannica Escola Online* e o busca rápida do catálogo *Sophia* são exemplos de formulários simples, não necessitando usar os booleanos (porque eles podem estar implícitos). Podemos usar a truncagem, isto é, para recuperarmos uma palavra, usamos o cifrão (\$) para pesquisar palavras com a mesma raiz (educ\$ que vai recuperar educação, educar, education, educación).

Ao entrevistarmos as pesquisadoras participantes, docente e funcionárias da Biblioteca do CEPAE, informamos que, no portal de periódicos da CAPES, encontram-se as bases de dados *Kirkus Reviews* e a *MLA International Bibliography*, bem como a *Britannica Escola Online* (portal em português e gratuito) para o Ensino Fundamental, os quais propusemo-nos estudar. O destaque atribuído a este portal contemplou as informações no *Britannica*: mais de 2.500 artigos de enciclopédia, além de *sublinks*: mais de 3.000 imagens (fotos, ilustrações, mapas); recursos multimídia que incluem animações, fotos e vídeos; milhares de sites da *internet* de uso fácil para os alunos; atlas mundial interativo; materiais de aprendizado interativos; recursos para os professores e uma área destinada ao compartilhamento das pesquisas entre os pesquisadores participantes. A *Britannica Escola Online* encontra-se no Portal de Periódicos da CAPES. Esse portal tem um histórico que:

[...] remonta o ano de 1990 quando, com o objetivo de fortalecer a pós-graduação no Brasil, o Ministério da Educação (MEC) criou o programa para Bibliotecas de

¹⁶ SciELO é um projeto consolidado de publicação eletrônica de periódicos científicos seguindo o modelo de *Open Access*, que disponibiliza de modo gratuito, na *Internet*, os textos completos dos artigos de mais de mil revistas científicas do Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, Cuba, Espanha, México, Portugal e Venezuela. Além da publicação eletrônica dos artigos, SciELO provê enlaces de saída e chegada por meio de nomes de autores e de referências bibliográficas. Também publica relatórios e indicadores de uso e impacto das revistas.

Instituições de Ensino Superior (IES). Foi a partir dessa iniciativa que, cinco anos mais tarde, foi criado o Programa de Apoio à Aquisição de Periódicos (PAAP). O Programa está na origem do atual serviço de periódicos eletrônicos oferecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) à comunidade acadêmica brasileira.

O Portal de Periódicos foi oficialmente lançado em 11 de novembro de 2000, na mesma época em que começavam a ser criadas as Bibliotecas virtuais e quando as editoras iniciavam o processo de digitalização dos seus acervos. Com o Portal, a CAPES passou a centralizar e otimizar a aquisição desse tipo de conteúdo, por meio da negociação direta com editores internacionais.

O lançamento foi marcado por uma solenidade realizada no Ministério da Educação, que contou com a presença do Ministro da Educação, o Presidente da CAPES, os membros da Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias (CBBU), representantes de instituições de ensino superior e dos provedores de informação científica.

O conteúdo inicial do Portal contava com um acervo de 1.419 periódicos e mais nove bases referenciais em todas as áreas do conhecimento (CAPES, 2015).

Atualmente, o Portal conta com mais de 37 mil periódicos, 126 bases de dados; sendo 43 para Artes, 33 para Línguas e Literatura e 27 para Linguística de um total de 126 bases de dados nacionais e internacionais, abrangendo as grandes áreas do conhecimento. Muitas dessas bases são multidisciplinares. Mas, ao especificarmos a busca no campo base de dados para as áreas acima citadas, vamos encontrar esses números, sem especificarmos os periódicos que existem em cada uma dessas bases. Então, é muito importante conhecermos tanto as bases de dados da Literatura nacional quanto internacional para nossas investigações.

Conhecer o Portal de Periódicos da CAPES é de suma importância, pois vimos que não pode ser exclusivo da pós-graduação e, sim, mais acessível, para que o pesquisador brasileiro, seja ele das instituições públicas ou privadas, pudesse acessar, gratuitamente, trabalhos científicos, literários, didáticos ou técnicos, produzidos no Brasil e em outros países, outras universidades. Nesse Portal, podemos encontrar livros importantes como enciclopédias, dicionários e manuais que provocam o *insight* para a pesquisa escolar e acadêmica. Já utilizando termos retirados da obra *Ouro dentro da cabeça*, os alunos foram orientados em relação ao uso da *Britannica Escola Online* que adota as seguintes orientações:

1. No campo de busca, digite o termo “Furna”, escolha um dicionário que traz o significado de furna, substantivo feminino que significa caverna, gruta.
2. Se no campo de Busca, procurarmos pelos termos “escravidão”, “escravo”, “garimpo”, individualmente, esta pesquisa resultará em artigos enciclopédicos disponíveis sobre cada tema, além de recursos multimídia relacionados.
3. Se clicarmos no primeiro resultado, podemos navegar por hipertextos.
4. Podemos ver os resultados Multimídia, observando como fazer a citação do artigo no rodapé, prestando atenção aos direitos autorais.

5. Podemos ver, também, os melhores sites da *internet* sugeridos pelo *Britannica Escola Online* que têm relação com outros artigos.
6. Podemos clicar nas diferentes seções do índice à esquerda e escolher um nome para o projeto de pesquisa salvando-o na área de pesquisa pessoal. O *link* da *Britannica Escola Online* fica no final da *homepage* do portal de periódicos da CAPES (www.periodicos.CAPES.gov.br), seguindo as imagens das imagens que constam na figura 09, Apêndice F. No *link* da *homepage* do portal de periódicos da CAPES, para acessar o site da *Britannica Escola Online*, o interessado pode ir até o final da página para encontrá-lo, conforme figura 10, Apêndice F.

A imagem a seguir remete-nos aos guias de orientações de uso da *Britannica Escola Online*, incluindo vídeos e os tutoriais.



Figura 11: Link para o manual Como usar o *Britannica Escola Online*.
Fonte: Site da *Britannica Escola online*.

A busca na *Britannica Escola Online* não necessita da lógica booleana, mas deve-se formular expressão completa para encontrar melhor resultado, como já visto com “Rio Araguaia” e não somente “Araguaia”. Para nos familiarizarmos com qualquer formulário de busca, apresentamos alguns exercícios aplicados com o propósito mesmo de conhecer, mas também de aprender a manejá-lo. O formulário da *Britannica Escola Online* dá acesso à enciclopédia e ao dicionário Houaiss Kernerman. Na página inicial da *Britannica Escola Online*, podemos ver esse formulário que nos leva à enciclopédia e ao dicionário.



Figura 12: Página inicial da Enciclopédia *Britannica*.

Fonte: Site da *Britannica Escola online*.

Fomos ao formulário de busca da *Britannica Escola Online*. Nele, pudemos acessar a enciclopédia ou o dicionário. A fotografia, a seguir, mostra as pesquisas no formulário da *Britannica* tendo, como exemplo, o termo “escravo” vindo da enciclopédia e do dicionário respectivamente. No Apêndice F, as figuras 13 e 14 ilustram a pesquisa realizada.



Fotografia 4: Laboratório de Informática – SIBI/UFG.

Fonte: Foto de Deise Mesquita.

Após a busca dos termos escolhidos dentro da obra de Maria Valéria Rezende, criamos, na área da pesquisa, os projetos em que participaram os atores pesquisadores das turmas do 6 ano A e do B. A imagem abaixo mostra-nos o compartilhamento, via *e-mail*, de uma pesquisa gravada na área acima citada:

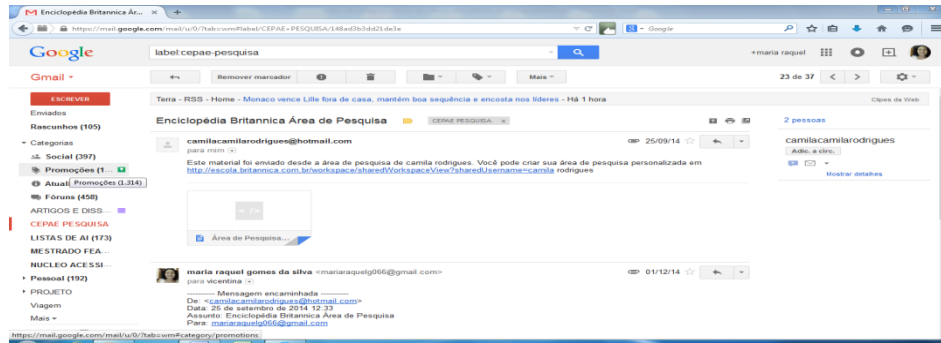


Figura 15: Compartilhamento da área da pesquisa na Enciclopédia *Britannica*.
Fonte: Site da *Britannica Escola Online*.

Nós nos detivemos na busca avançada do *Google* porque queríamos apresentar as diversas maneiras de como obter um dado e de como usar as várias ferramentas nela oferecidas: idioma, formato, título, autor, assunto, utilizar aspas ou não. Os alunos encantaram-se no momento em que puderam escolher em qual site queriam que a informação fosse recuperada. Os detalhes da busca encontravam-se em notas metodológicas. Abaixo a direção para chegarmos à busca avançada, vamos à homepage do *Google* e em definições clicamos com o mouse, chegando ao *link* desejado, conforme ilustra a figura 16, no Apêndice E.

No formulário da busca avançada do *Google*, inserimos o título da obra “Ouro dentro da cabeça”, entre aspas, e solicitamos no formato PDF. Dessa forma, obtivemos os seguintes resultados: as aspas são usadas somente quando se sabe o que quer exatamente ou quando não queremos documentos vindos da Wikipédia ou de outro site ou de qualquer domínio: *.com*; *.org*. Podemos excluí-los usando o símbolo da subtração. Exemplificando: queremos buscar a palavra *furna*, mas não queremos informações vindas da wiki: *furna -site:wikipedia.org*, conforme ilustram as figuras 17 e 18:

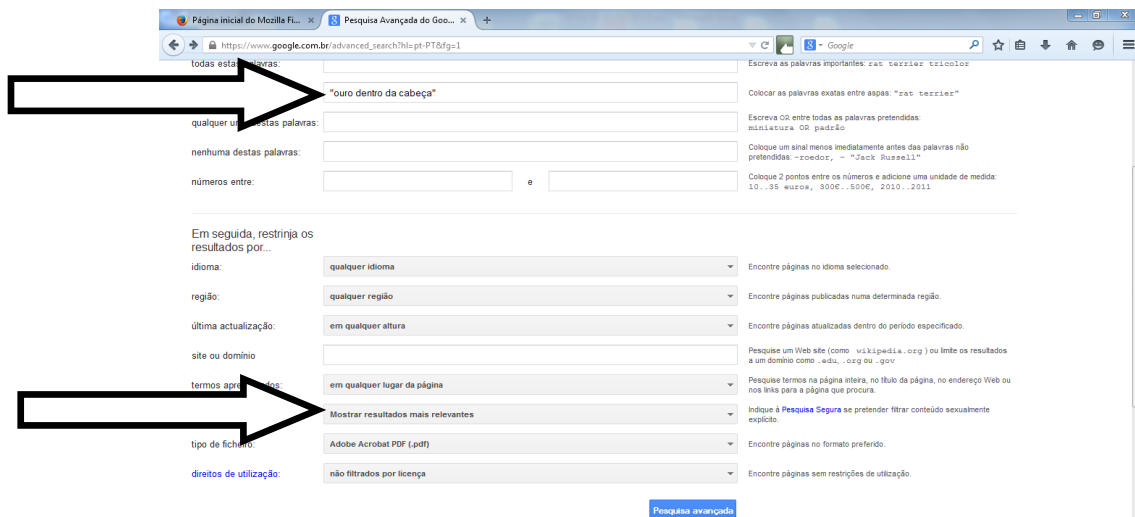


Figura 17: Formulário de Busca Avançada – *Google*.
Fonte: Site *Google*.

Segundo o próprio *Google*, o uso das aspas pode restringir muito a pesquisa. No exemplo abaixo, foi solicitado em PDF e, entre aspas, a obra “Ouro dentro da cabeça”. Pudemos ver, também, que saiu em PDF o boletim em que se fala dos finalistas do prêmio Jabuti, 2013, no qual a obra citada se encontra, além, também, do Plano de Curso da professora Deise, participante desta pesquisa.

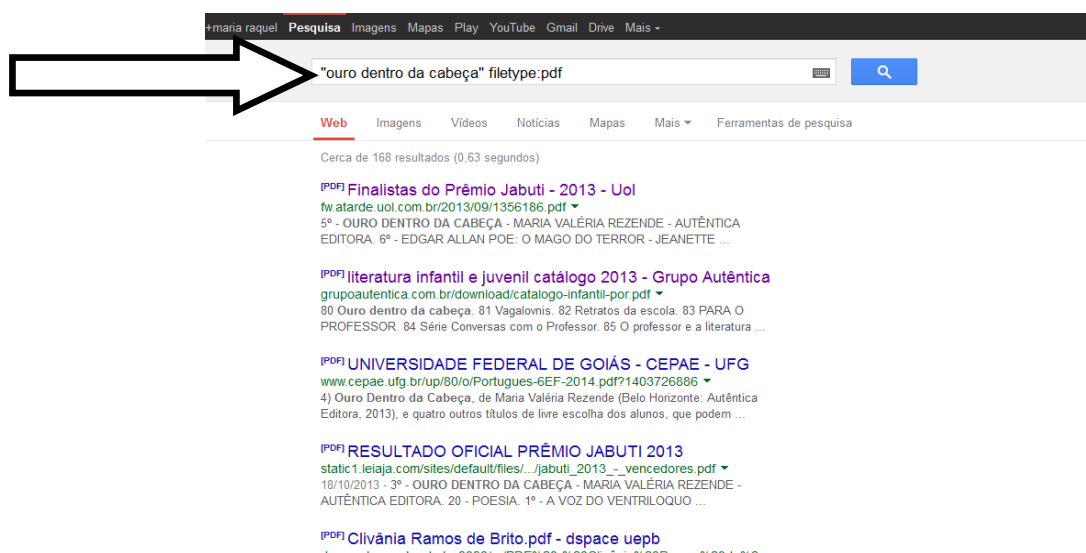


Figura 18: Resultado da busca da figura 17.
Fonte: Site *Google*.

No *Google Acadêmico* (www.scholar.google.com), os estudantes tiveram informações de maneira simples de como fazer pesquisas. Esse *site* de busca ajuda a localizar publicações acadêmicas em todos os recursos eletrônicos e impressos e ainda utilizar os *link* “*Minha Biblioteca*”, para salvar informações de interesse; “*as minhas citações*” que serve para receber informação de quantas vezes um periódico foi citado. O pesquisador pode criar ou receber alertas no *link* “*Alertas*”; verificar o fator de impacto (quantas vezes foi citada a publicação) no *link* “*Métricas*”. Na Biblioteconomia, esse termo é conhecido por bibliometria,¹⁷ utilizado, ultimamente, por outras áreas.

¹⁷ Disponível: <<http://www.scholar.google.com/>>. Acesso em 28 dez 2014.



Figura 19: Formulário de busca do *Google Acadêmico*.
Fonte: Site Google.

Ainda no *Google Acadêmico*, podemos localizar o h5-índice e o h5-mediana, serviço muito parecido com o do *Journal Citation Reports JCR* da *Web of Science*, que oferece o fator de impacto dos periódicos internacionais e nacionais (os periódicos indexados pelo *SciELO*). Segundo o próprio *Google Acadêmico*, esse é um *site* que “ajuda a identificar as pesquisas mais relevantes do mundo acadêmico.” A imagem abaixo, um exemplo do h5-índice e o h5-mediana, da revista do CEPAE *Polyphonia*:

Publicação	h5-índice	h5-mediana
1. Polyphonia/Solta a voz	3	5

As datas e a contagem de citações são calculadas e determinadas automaticamente por um programa informático.

[Acerca do Google Acadêmico](#) [Privacidade](#) [Termos](#) [Enviar comentários](#)

Figura 20: Revista *Polyphonia/CEPAE* – H5-índice e H5-mediana.
Fonte: Site Google.

Aproveitamos também para conhecermos outras revistas como a da 1ª fase do Ensino Fundamental do CEPAE, a *Folhinha Aplicada*, oportunidade em que os estudantes ficaram encantados, pois se viram lá.

Apresentamos, agora, o *site* domínio público (www.dominiopublico.gov.br), conforme figura 21, abaixo. No formulário de busca desse Portal, é possível recuperar variados suportes: no campo *tipo de mídia*, opção: Imagem, Som, Texto e Vídeo; no campo Categoria que depende da escolha do campo anterior (tipo de mídia); nos campos autor e título foi

necessário saber o nome e o título pra recuperá-los e ainda escolher o idioma. Esse portal é de acesso livre e pertence à CAPES. O exercício proposto foi buscar no campo *tipo de mídia*, texto; no campo *categoria*, poemas brasileiros. Foi solicitado aos alunos que escolhessem um documento que ajudasse na contextualização de obra de Maria Valéria Rezende, *Ouro dentro da cabeça*. Os alunos também buscaram textos como crônicas e contos brasileiros num trabalho integrado com a professora e a bibliotecária na sala de informática da Biblioteca Central.

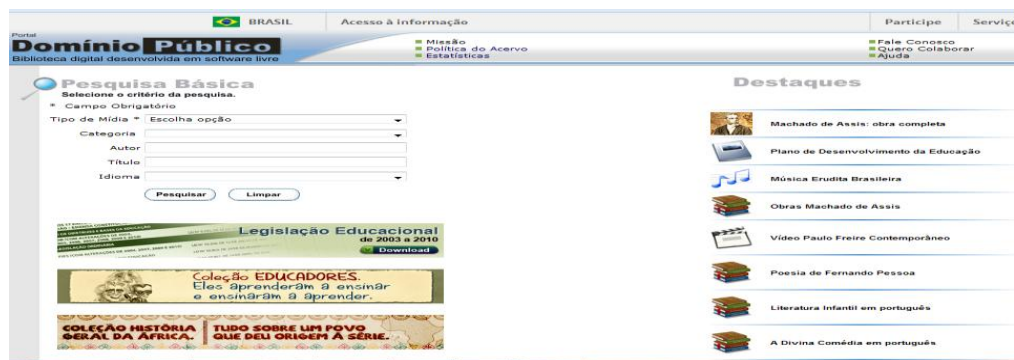


Figura 21: Formulário de busca do Domínio Público.
Fonte: Site Domínio Público.

O catálogo do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Goiás SiBi/UFG, *Sophia* (www.bc.ufg.br), vai recuperar todo o acervo impresso e virtual existente nas Bibliotecas que dele fazem parte como: Periódicos da UFG, BDTD da UFG e Repositório Institucional, Normas da ABNT, base Econômica, Base Vlex, E-Books da Springer e da Wiley. Além de oferecer em seu site toda essa documentação, oferece serviços, tais como ficha catalográfica, treinamento no Portal da CAPES, visita orientada, conforme ilustram as figuras 24, 25 e 26, abaixo apresentadas.



Figura 22: Página inicial do Sistema de Bibliotecas da UFG (SIBI).
Fonte: Site da SIBI/UFG.



Figura 23: Catálogo *Sophia* do SIBI/UFMG.
Fonte: Site da SIBI/UFMG.

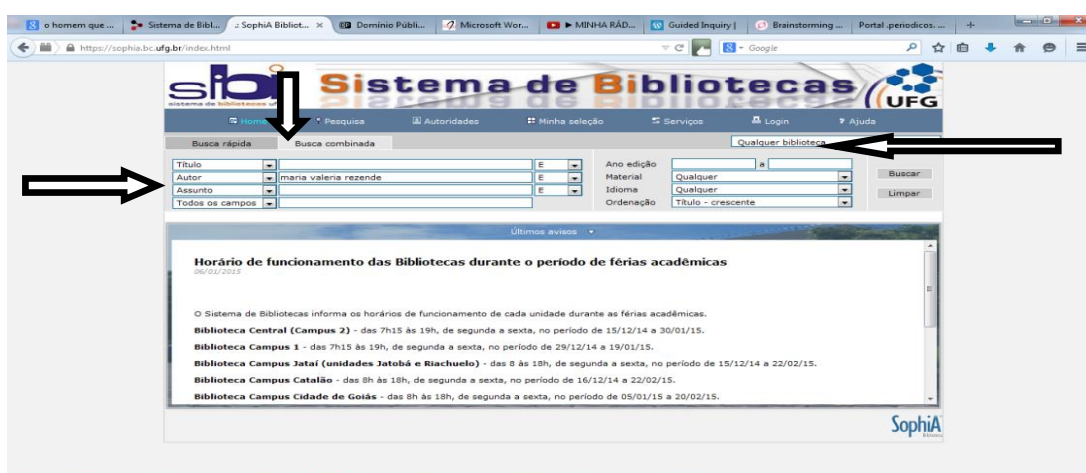


Figura 24: Busca combinada (*Sophia*) em qualquer Biblioteca do SIBI/UFMG.
Fonte: Site da SIBI/UFMG.

No catálogo *Sophia*, recuperamos obras de Maria Valéria Rezende, nos campos título e autor na busca simples, no campo qualquer Biblioteca; Na busca combinada, encontramos nove registros: obras traduzidas pela autora, obras em que ela é colaboradora e obras dela mesma. Tais registros foram significativos para o estudo em realização, o que proporcionou aos estudantes alternativas para escolha de assuntos requeridos pela atividade. Todos os participantes desta pesquisa constataram que esse processo de pesquisa é satisfatório. Essa evidência confirma o que se acha fundamentado na teoria da recuperação da informação.

Para fixarmos melhor as exposições acima, a professora solicitou-nos uma revisão dos cursos, através de seminários e sugeriu que comunicássemos mais espaçadamente, de maneira que os atores pesquisadores pudessem acompanhar melhor o processo de localização dos registros. Nessa revisão, pudemos usar a teoria e a prática da disposição dos livros da classe oito na estante. Por exemplo, os números da CDU 821.134.3, tratam de Literatura em Língua Portuguesa ou 821.134.2, Literatura em Língua Espanhola. Entretanto, para distinguir o país,

podemos acrescentar o número 81 entre parênteses que teremos literatura brasileira, pois o número 81, entre parênteses, significa Brasil; assim como 73, entre parênteses, significa EUA. Para subdividirmos ainda mais o número de classificação, podemos acrescentar um hífen, seguido de um número, significando poesia brasileira e romance brasileiro, por exemplo, 821.134.3(81)-1 e 821.134.3(81)-31, respectivamente. Depois, fomos às estantes onde cada ator participante pôde escolher seu próprio livro no catálogo, estando de posse do número de chamada, que é o número da CDU, seguido das iniciais do sobrenome do autor e das iniciais do título da obra.

Passamos, então, para as tarefas destinadas a cada bloco. O bloco I, grupos 1, 2 e 3, fez busca rápida no catálogo *Sophia*, selecionando o campo Biblioteca do CEPAE, aprendendo a usar o campo assunto com o booleano AND entre os termos crônicas brasileiras e escravidão. Caso zerasse, os pesquisadores poderiam utilizar outro booleano como o OR para expandir a pesquisa.

A tarefa do Bloco II – grupos 2 e 4 - era encontrar a revista cujo título é *Saeculum*, da Universidade Federal da Paraíba, editada pela Faculdade de História e verificar a referência bibliográfica. Primeiro, solicitamos que os pesquisadores fossem ao catálogo *Sophia*, em busca combinada, em qualquer Biblioteca. No campo ASSUNTO usaram dois termos entre o booleano AND: poesia AND escravidão. Dessa forma, recuperamos dois itens, clicando na analítica do periódico citado e selecionando qualquer um desses *sublinks*, detalhes ou selecionar, para obter a referência. As figuras 25 e 26, abaixo, explicitam o caminho:



Figura 25: Busca no campo ASSUNTO – uso do booleano AND.
Fonte: Site da SIBI/UFG.

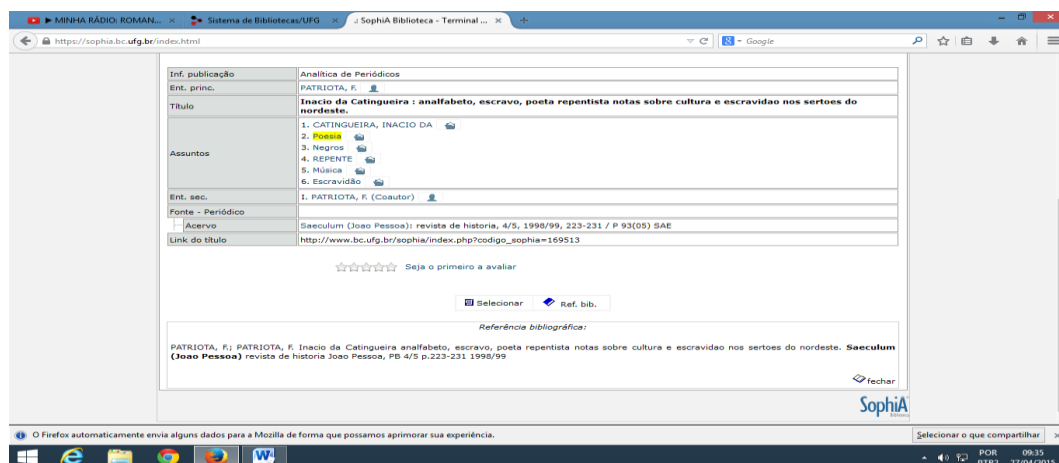


Figura 26: Referência e link para o site da revista *Saeculum* da UFPB.

Fonte: Site da SIBI/UFU.

Na tarefa do bloco III, grupos 6, 8 e 10, o ator pesquisador, já de posse do título do periódico, no nosso caso, *Saeculum*, digitasse-o no formulário de busca avançada do mecanismo de busca *Google*, clicando no *site* da revista, para encontrar o *link* (revistas) anterior e escolher o número 4/5 de 1998/1999 e fizesse a busca no sumário para encontrar o artigo solicitado cujo autor era Fernando Patriota.

Para a tarefa do último bloco IV, grupos 7 e 9, foi solicitado que fossem ao mecanismo de busca *Google*, utilizando o booleano AND, que aqui é simbolizado pelo sinal de +, digitassem o nome Inácio da Catingueira + escravo poeta. Foram orientados para que digitassem também utilizando o booleano OR entre os termos Fernando Patriota, que é o autor do artigo e Inácio da Catingueira, que é o assunto e título. A manifestação dos sujeitos participantes desta experiência foi registrada, como já anunciamos, em *slides*, entrevista via *e-mail*, fotografia e áudio. Por meio dos *slides*, foi proporcionada a interação entre os participantes da pesquisa sobre os formulários de busca: simples, básicos e avançados, em que está implícita a lógica booleana, além dos campos: título, autor, assunto e outros filtros.

Por meio das entrevistas via *e-mail*, colhemos informações que expressam o ponto de vista e a experiência do “educador” bibliotecário, dotado de habilidades para manejo da linguagem informacional sobre os portais e bases de dados disponíveis aos usuários de fontes gerais que constam de sistemas de bibliotecas escolares automatizadas. A pesquisadora docente também declarou o seu desconhecimento sobre as bases de dados do portal da CAPES (*Kirkus Reviews e MLA International Bibliography e a Britannica Escola Online*), por meio de entrevista via *e-mail*. A fotografia número 5, disposta no Apêndice F, comprova-nos a fidedignidade da experiência em diferentes etapas vividas pelos pesquisadores. O áudio

subsídia a produção da ata em que narramos a apresentação de trabalhos produzidos pelos sujeitos-estudantes ao final das atividades programadas por esta pesquisa.

Assim, depois de apresentar a maneira de buscar e de usar determinada gama de instrumentos, ainda apresentamos alguns vídeos (busca feita no *YouTube*) para enfatizar a importância de pesquisar, de escrever o que fora pesquisado e de promover a ação pedagógica compartilhada tanto mediante pesquisa na *Britannica Escola Online*, quanto por *e-mail*, seja através de slides, mapas conceituais, entrevistas, teatro, contos, poemas, e também recorrendo à arte manual, por exemplo, o livro de pano, que possibilitou aos participantes que extravasassem a emoção estética resultante de toda a pesquisa realizada.

Os vídeos foram introduzidos no conjunto da experiência com o intuito mesmo de ajudar-nos a entender melhor as duas empreitadas, ou seja, o letramento literário e o informacional, embora as lacunas ainda persistam, pois não se tem o domínio de tudo. Para todos nós implicados na experiência, o resultado foi compensador, confirmando nossas hipóteses levantadas ao longo do percurso. No primeiro vídeo, conhecemos a autora Maria Valéria Rezende, sem sairmos do espaço escolar; ela (autora) explicava ao entrevistador o livro de sua autoria (*Ouro dentro da cabeça*), que havia sido traduzido para outras línguas. Ela afirma que se preocupa muito ainda com a sua personagem principal (Marílio), chamado por ela de *neoleitor*, porque a realidade dele ainda pode ser vista em jornais recentes (*Diário da Manhã*, de 29 de janeiro de 2015, página 2, em Goiás), e que muitos, ainda, não podem ler os seus livros. O segundo vídeo mostrou o poema “O que é letramento” da norte-americana Kate M. Chong, declamado por diferentes vozes, que fazem configurar três vídeos: dois falados e, o outro, somente musicado. O terceiro vídeo apresentou um *Rap* feito por dois bibliotecários norte-americanos sobre a Classificação Decimal de Dewey (CDD), explicando como estão organizados os livros nas estantes. O quarto vídeo exibiu outra maneira de entrevistar – os estudantes são entrevistados por uma jornalista que pergunta se eles gostam da escritora Ana Maria Machado e se haviam lido o livro dela. O quinto vídeo foi sobre o letramento informacional, elaborado pela professora Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque, da UnB. O sexto vídeo expôs um conto sobre uma menina cujos pais lhe presenteavam com muitos livros, mas ela não gostava de ler. No entanto, após uma reviravolta dos bichos, personagens das histórias narradas nos livros, ela passou a se interessar pela leitura. O sétimo vídeo deu a conhecer um filme sobre a Biblioteca Nacional comemorando os seus duzentos anos e, o último foi a história do livro contada por uma bibliotecária de Portugal.

Apresentamos os tutoriais de alguns *sites* de busca, como por exemplo, a *Britannica Escola Online*. Explicamos sobre o MORE – Mecanismo Online para Referências. MORE é

um programa elaborado pela Universidade Federal de Santa Catarina. O MORE é autoaplicativo que possibilita inserir os dados e, no final, as referências no formato da ABNT de qualquer suporte informacional. O *EndNote*, da *Thomson Reuters*, é também um mecanismo utilizado para elaborar referências *online*, através do Portal de Periódicos que permite elaborar referências em formatos internacionais (APA, ISO 690, Vancouver).

3.2 Relação do pesquisador docente com a biblioteca digital

A proposta desta experiência parte do pressuposto de que a equipe da Biblioteca escolar tem papel educativo. O bibliotecário, integrante dessa equipe, é um ator que participa do processo de formação de pesquisadores, ou seja, de leitores escolares. Nessa perspectiva, a declaração da equipe da Biblioteca do CEPAE/UFG, que, neste caso, resume-se a duas funcionárias e uma bibliotecária, confirma a hipótese de que a prática do bibliotecário pode levar ao delineamento mais preciso da sua função educativa, quando ele se propõe a ampliar sua percepção das especificidades do contexto em que atua, desde que leve em conta o propósito do Projeto Político- Pedagógico (PPP) e Plano de Curso (PC) da Instituição Educacional e do professor a que serve, bem como a realidade do leitor.

Contamos, portanto, com a participação de três profissionais da Biblioteca do CEPAE/UFG e esses sujeitos participantes declararam sua visão sobre o trabalho educativo em entrevista. Uma das funcionárias, ao se pronunciar, afirmou que a organização dos livros nas estantes é muito difícil para ela e que a CDU deveria facilitar a localização dos títulos: “é trabalhoso demais ir às estantes tanto para guardar um livro quanto para buscá-lo, a CDU deveria ser mais simplificada [...], quanto ao portal da CAPES, não sei ainda utilizá-lo, nem mesmo quando fazia o mestrado, pois buscava sempre no *SciELO*”. Quanto ao portal da CAPES, outra funcionária respondeu, em entrevista, que depois que a Biblioteca do CEPAE começou a acessá-lo, assim como o catálogo *Sophia* em muito foram facilitadas a busca e a localização dos títulos: “com o catálogo *Sophia*, dá para checarmos quem está devendo livro; quem pegou emprestado; e, principalmente, sabermos o quantitativo do que temos na Biblioteca, quantos títulos e exemplares”. Também por meio de entrevista, a bibliotecária respondeu acerca do portal da CAPES:

Conheço o portal da CAPES, principalmente as bases de dados da área das Ciências Biológicas, em que eu trabalhava na Biblioteca universitária da Universidade Federal do Tocantins, antes de vir para a Biblioteca do CEPAE [...] Não conheço o periódico *Kirkus Reviews* nem a base *MLA International Bibliography* nem a

Britannica Escola Online para o Ensino Fundamental. Também trabalhei muito a *SciELO*, a *Web of Science* e a *Science Direct*.

O pronunciamento da equipe técnica deixa evidente o nível de consciência quanto ao papel da Biblioteca escolar, e quanto a compreender e aceitar a função que é própria do bibliotecário: formar leitores e facilitar a pesquisa do usuário escolar. No entanto, fica em suspenso a ideia de que há dificuldades a serem enfrentadas para que a importância de seu papel seja reconhecida. A bibliotecária demonstra relativo conhecimento do portal da CAPES, desconhece as bases de dados: *Kirkus Reviews*, *MLA International Bibliography* e a *Britannica Escola Online* para o Ensino Fundamental. Entretanto, destaca a relevância da participação da Biblioteca, por meio de seus profissionais em relação ao letramento informacional para busca de dados em fontes específicas. Sobre a possibilidade de inseri-lo no PPP do CEPAE, a resposta foi que confia muito nessa maneira de trabalhar, pois aproxima mais o professor e o estudante ao bibliotecário e, conseqüentemente, à biblioteca. Assim, todos saem ganhando, pois ao ingressar na universidade, já conhecem como é a pesquisa escolar e dela podem tirar proveito. A entrevistada afirma:

Acredito ser algo muito interessante para os alunos no sentido de situá-los mais nessas bases de dados. Que eles vão sair daqui sabendo como pesquisar melhor, que ao entrarem na faculdade ficará mais fácil [...] Seria uma coisa muito interessante fazer esse trabalho com eles [...] tudo é uma questão de tempo e de aprendizagem [...]. Para mim, é um público diferente, algo diferente do que eu sempre trabalhei. Então, cada dia eu aprendo uma coisa diferente. Assim como aprendo e ensino, e vice versa, passo alguma coisa pra eles, obtenho coisas diferentes toda hora. Nunca enche esse meu vaso [...] (E, 2014).

A entrevistada denominada E, declarou que a Biblioteca do CEPAE é definida como escolar, porque atende a educação básica (Ensino Fundamental e Médio). Ela é uma Biblioteca setorial, ligada ao Sistema de Bibliotecas da UFG e desenvolve ações educativas como o incentivo à leitura (dinâmicas como leitura compartilhada e “contação” de história); separação dos livros por faixa etária agendada pelo professor; organização dos livros na estante para orientação à pesquisa escolar. “E” assinala, ainda, que a responsabilidade da bibliotecária, dentre outras muitas tarefas desenvolvidas, é a de receber e orientar estagiários das licenciaturas e do curso de Biblioteconomia. Esses dados confirmam a necessidade desse trabalho de colaboração ou cultura de colaboração como discorre Campello (2009) sobre equipe multidisciplinar responsável pelo desenvolvimento do letramento informacional. Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque (2012) corrobora essa ideia.

Assim, no parágrafo único do Regimento do CEPAE, buscamos material não editado: relatórios e atas de reuniões, bem como aqueles disponibilizados no *site* do colégio

(www.cepae.ufg.br) para confirmar a função educativa da Biblioteca. Ficou evidenciado que, especialmente na primeira fase do Ensino Fundamental, o trabalho desenvolvido na Biblioteca confirma o pensamento de Campello (2009), de que a promoção da leitura é mais intensa que o letramento informacional. Mas, este com indícios comprovados pelo artigo da professora Janaina Fialho, que aplicou o ISP na disciplina de Biologia, no Ensino Médio do CEPAE.

Quanto à relação entre o professor e o bibliotecário na instituição educacional, no início desta investigação, a nossa expectativa era a de que os professores tivessem relativa dificuldade para encontrar, nas bases de dados do portal da CAPES, fontes de consulta que subsidiassem suas pesquisas. Para nós, essa dificuldade suscitou a hipótese de que, quando a ação do professor é enriquecida pela do bibliotecário, o trabalho educativo assumido por ambos, na formação do leitor literário, mobiliza os variados recursos da biblioteca tradicional e da digital, para colaborar com projetos de letramento literário e informacional. Durante esta investigação, passamos a entender que esses dois modos de letramento são indissociáveis.

Isso se deu, sobretudo, quando pudemos inferir, numa observação indiciária¹⁸, que as instruções e atividades propostas a partir do estudo do livro *Como orientar a pesquisa escolar: estratégias para o processo de aprendizagem*, tivemos que levar em conta a linha do tempo do processo de pesquisa proposto pela Kuhlthau. A lógica adotada por essa autora mostrou-nos que as instruções para subsidiar o desenvolvimento dos tipos de letramento mobilizaram-nos e requereram os variados recursos da Biblioteca escolar complementado pelos recursos digitais, em estreita interação com os diferentes sujeitos e participantes pesquisadores.

A pesquisadora participante-docente evidenciou habilidades para busca de informações no *Google* e no *Google Acadêmico*, isto é, no *Scholar*. Este buscador restringe-se ao campo da produção acadêmica, científica e tecnológica. Interrogada sobre a frequência com que utiliza o catálogo *Sophia*, respondeu que o fez pouquíssimas vezes. No que se refere ao Portal CAPES, informou também que, em suas pesquisas, não acessa nenhuma base de dados em especial, mas vai diretamente aos periódicos específicos. Perguntada se recorre à Biblioteca do CEPAE, informou que “leva os seus alunos a essa Biblioteca constantemente, para pesquisar e ler obras literárias”, entretanto desconhece as bases de dados *Kirkus Reviews*, *MLA International Bibliography* e a *Britannica Escola Online* para o Ensino Fundamental.

Como parte de seu plano de ensino, promoveu o Sarau da Biblioteca para que os alunos vivenciassem conversa de roda e fossem estimulados à leitura de Literatura de Cordel.

¹⁸ GUINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. Trad. Federico Carotti, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Nessa atividade, mostraram repentes de Pedro Malasarte e João Grilo. Recorrendo à informação contida no *site* (www.dominiopublico.gov.br), também puderam encontrar outros modelos de repentes, cantados, inclusive.

Observando essa experiência, constatamos que, por meio dessa metodologia, a leitura não é direcionada apenas aos que vão à escola. Pode ser aplicada a todos os que têm uma responsabilidade social e artística, no sentido de que seja promovida a interação entre a linguagem verbal e a de outros meios de informações.

Assim, nessa experiência, os sujeitos pesquisadores foram incentivados a trabalharem em grupo buscando no catálogo *Sophia* livros para livre escolha, narrativas, no gênero: crônicas, romance, contos e memórias. De posse do número de chamada (que é o endereço do livro na estante), íamos às estantes para encontrar os livros escolhidos, a partir da intervenção pedagógica da bibliotecária, mostrando, assim, que é possível desenvolver práticas de busca, ou seja, orientação à pesquisa bibliográfica em bibliotecas escolares.

CAPÍTULO 4

INDÍCIOS DE LETRAMENTO INFORMACIONAL

O objetivo central de nosso estudo incide sobre o acolhimento do texto literário pelos leitores em geral e, em particular, pelos sujeitos-estudantes e sujeito-professor, com quem foi desenvolvida a experiência que teve como foco o letramento informacional e o literário. Realizando um movimento em *démarche*, ou seja, em marcha, tivemos como suporte conceitual para o exercício da leitura da obra *Ouro dentro da cabeça*, de Maria Valéria Rezende (2012), a teorização de Wolfgang Iser sobre interação entre leitor e texto, ao realizarem a leitura dessa obra. Em se tratando de letramento literário, o propósito inicial era esclarecer algumas das dúvidas que nos motivavam a desenvolver esta experiência e que, aqui, reiteramos. A primeira foi: como são concebidos leitor e leitura na teoria do efeito estético de Wolfgang Iser e Antonio Candido. A segunda foi: como o “efeito estético” ocorre ao se ler um texto literário? Em se tratando de letramento informacional, a intenção foi a de compreendê-lo no âmbito da biblioteca escolar. Para este caso, recorreremos às teorias propostas por Sayers, Campelo, Gasque e Kuhlthau. As dúvidas eram acompanhadas das perguntas: em quais aspectos nosso estudo se relaciona com o delírio literário? A formação do leitor, mesmo admitidamente precoce, será importante na instrumentalização para as maravilhas da literatura? Podemos falar de fruição literária e estética com o menino que obtém o acesso às obras literárias? Esse leitor há que ser devidamente acompanhado pelo uso assistido das ferramentas de busca? Esse aluno enfrenta limites de conhecimentos próprios da idade, de outras culturas ou de outras maneiras de pensar o conhecimento? Enfim, como e quando enfrentar esse universo tão diferente no caminho para a literatura, ou seja, o delírio literário?

Ao longo do segundo capítulo deste estudo, buscamos sanar a primeira dúvida e parte da segunda, apenas parte porque descobrimos que, para a compreensão do ato de ler, tal como concebera Iser, passamos a vivenciar um programa de leitura orientada. Então, quanto à experiência da leitura literária, vivida na instituição escolar, seguramente, mesmo impulsionados por essas dúvidas e questões, não conseguiremos respondê-las plenamente. De todo modo, o nosso foco central, quanto ao letramento literário em si, foi observar como se dá a “mobilização das representações projetivas (*projektive Vorstellungen*)” (ISER, 1979, p. 88) durante o processo de leitura.

4.1 Letramento informacional dos sujeitos-estudantes

A participação dos sujeitos-estudantes confirmou a hipótese de que desconhecem a Biblioteca digital, bem como as bases de dados do portal da CAPES, dificultando, assim, o desenvolvimento de seus estudos orientados por seus professores. A maioria desses sujeitos declarou que saber efetuar buscas para pesquisas escolares é muito interessante: O *site* da Biblioteca “é fácil e rápido de usar. Por isso gostei” (DB, TB, 2014); “essa experiência foi muito boa, porque aprendi a pesquisar certo” (DB, TA, 2014). É dissonante em relação à maioria da turma, o sujeito estudante que vai ao celular para exercitar a sua pesquisa:

[...] fui ao celular e digitei SAECULUM, daí para frente eu não consegui fazer nada [...] pedi ajuda, mas aí não deu certo, porque não dava a opção de copiar o PDF. [...] fui na *Britannica Escola online* e o artigo em PDF era digitalizado (foto) e do nosso grupo ninguém fez (DB, TA, 2014).

Como podemos perceber, esse sujeito revelou que ele e seu grupo têm um ritmo diferente quanto à organização de seu estudo e à percepção da pesquisa. Nesse sentido, podemos inferir que, nessa etapa da aprendizagem, o grupo ainda não adquiriu a capacidade de apreender informações para resolução de tarefas que pressuponham pesquisa (SAYERS, 2006, p. 68). A fala transcrita abaixo, por outro lado, foi manifestada em exercícios enviados por meio de *e-mail* e consta de um dos *diários de bordo*:

No dia 14 de setembro de 2014 realizei a busca no *Google* sobre Inácio da Catingueira – escravo e poeta. Identifiquei o texto escrito por Fernando Patriota – Inácio da Catingueira: analfabeto, escravo, poeta repentista. Notas sobre a cultura e a escravidão nos sertões do Nordeste. Gostei muito desta forma de pesquisa, pois já vem com a indicação do autor que escreve sobre o Poeta. Quando os professores passam tarefas gostaria de saber o nome de alguns *sites* confiáveis e que ajudem na pesquisa (DB, TA, 2014).

É notório que esse sujeito-estudante destacou que essa forma de pesquisa foi muito eficaz para a realização de sua tarefa e que os dados do site são confiáveis: “pois já vem com a indicação do autor que escreve sobre...” Notamos que, em sua condição de estudante do 6º ano do Ensino Fundamental, avançou em suas conquistas como leitor escolar, o que se comprova pela expressão: “Quando os professores passam tarefas gostaria de saber o nome de alguns *sites* confiáveis e que ajudem na pesquisa”. Destacando registros sobre os diferentes perfis desses sujeitos-estudantes em meio aos efetivados manualmente. Podemos retirar, a título de exemplo, a declaração do estudante da turma A (TA), também em *diário de bordo*:

[...] eu coloquei no *Google*, Sistema da Biblioteca do CEPAE/UFG e cliquei o que estava escrito Sistema de Bibliotecas e pesquisei crônicas brasileiras AND escravidão e apareceu “nenhum registro”. Encontrado, então, eu apaguei e coloquei “crônica brasileira” e apareceram 55 registros [...]. (DB, TA, 2014).

Diante da tarefa orientada na Biblioteca, individualmente, para manejo do catálogo *Sophia*, o exercício propunha: “No catálogo *Sophia*, em busca rápida, selecione Biblioteca do CEPAE, pesquise no campo assunto: crônicas brasileiras AND escravidão e responda: quantos documentos foram recuperados? E se você fosse ao campo título?” Esse estudante deixou de cumprir a atividade no prazo indicado, mas recebeu a orientação do profissional da Biblioteca e este atuou como formador de pesquisador, pois conseguiu que o estudante se manifestasse, apresentando resultado. O vocativo empregado em seu destaque comprova a conquista de ambos: “Professora, eu coloquei... crônica brasileira, no singular, e apareceram 55 registros...” (TA, 2014).

As respostas à experiência seguem o mesmo estilo e revelam que alguns sujeitos-estudantes demonstraram mais dificuldades que outros, mas a maioria entendeu bem o processo de busca, como esse ator participante do bloco III relata a facilidade em encontrar o artigo, embora fale que o PDF não tenha aberto. Nesse caso, a dificuldade deve estar na incompatibilidade de *software* ou por falta da instalação do *acroact reader*: “na ida ao *Google* foi sem nenhuma dificuldade, pesquisei Saeculum, apareceram vários links, entrei no primeiro link, segui o número e ano solicitado, encontrei o artigo de Fernando Patriota, porém não consegui abrir o PDF.” (TA, 2014). Outro fala que o *site* da revista era muito prático, de maneira que encontrar a informação foi uma tarefa muito fácil: “a minha experiência ao acessar a informação relevante [...] consegui baixar o artigo de Fernando Patriota sem problemas” (TB, 2014). Outro sujeito-estudante ficou preocupado por não ter conseguido encontrar o que procurava, embora entregasse, dias depois, o resumo do artigo que fora solicitado. Assim ele relata a sua dificuldade:

No dia 8 de setembro fomos à Biblioteca Central, fizemos exercícios em como pesquisar [...] no final recebemos uma folha, em que cada grupo teria que pesquisar sobre um assunto proposto [...] o meu grupo tinha que pesquisar sobre o poeta escravo [...] pesquisei só “Inácio da Catingueira, escravo poeta” [...] não consegui encontrar nada e solicitei ajuda à minha colega. Gostaria de saber o que eu devo fazer? (TB, 2014).

Pelo fragmento, percebe-se que o sujeito-estudante utilizou as aspas no formulário simples do *Google*, que especifica o assunto. Ele não seguiu o que fora solicitado. Entretanto, no dia 11, apresentou-nos um resumo escrito de próprio punho acerca do que fora solicitado,

declarando que sua colega havia lhe explicado bem, provando sua capacidade de relatar suas dificuldades em um diário, sua habilidade em leitura e em resumir um texto.

4.2 Percurso da leitura: descobrindo tesouros

Ouro dentro da cabeça é um livro que foi apresentado pela autora como *autoplágio* de outra obra sua, intitulada *O voo da guará vermelha*, publicada em 2005, que assim se declara em entrevista para o Blog francês, Estudos lusófonos:

Os dois livros são autoplágios porque eu me dei conta do seguinte: os meus personagens são esses neoleitores que estão por aí, nas escolas de educação de jovens e adultos. E começou a me incomodar muito quando eu percebi que eles não podiam ler o que eu escrevia sobre eles. Os livros que eu escrevo, em grande parte, as histórias que estão ali, o modo de falar, o modo de ver o mundo foram eles que me ensinaram. E me incomodava e me angustiava perceber que eles não conseguiam ler esses livros não por causa do conteúdo, mas por causa da estrutura do livro... Eu mesma reescrevi alguns dos meus textos levando em consideração, tendo em minha frente esse leitor.

Eu escrevi um outro romance que é a autobiografia do personagem que no *Voo da guará vermelha* se chamava Rosálio e que eu, enfim, para distinguir um pouco os dois livros, neste livro aqui ele se chama Marílio... *Ouro dentro da cabeça* que é a autobiografia do Rosálio... Reescrito, plagiado por mim mesma, retirado do contexto mais complexo e apresentado diretamente para o próprio Marílio... pra todos aqueles que estão aí na escola buscando a leitura. Estudar, aqui no Nordeste, é adquirir a leitura... Meus livros são a aventura da leitura para quem está em busca da leitura. A ilustração não é uma ilustração infantil. Tem uma alusão à xilogravura de cordel... Que aproxima o livro do leitor (YOUTUBE, 2012).

Em forma de paratexto, ao abrir o seu contato com o leitor, a autora assume-se e proporciona justificativas ao leitor. Assim procedendo, instaura o processo de enunciação e referencializa duas situações: a) a leitura do leitor, b) a atitude da personagem que criara, a quem atribuíra o papel de contador de estórias:

[...] este livro é filho de duas paixões: a primeira é a paixão pelas histórias, o desejo imenso e urgente de aprender a ler para explorar todas as vidas e os mundos escritos em todos os livros [...]. outra paixão: lutar para que todos, crianças, jovens e adultos, possam conquistar o direito de ler e de alargar sempre mais seu mundo e sua vida (REZENDE, 2012, p. 7) .

Isso significa que a apreensão de imagem ou imagens que se encontram formuladas no texto dirigem-se a uma situação que é ativada no leitor que se inscreve no texto e passa a desempenhar seu papel de mobilizador de efeitos de sentido. A expectativa registrada nesse paratexto é a de que ele, no plano da estória *Ouro dentro da cabeça*, oferece-se como instância que remete o leitor a duas direções: pensar-se como leitor e como contador de estórias. Com essa abertura textual, a personagem central, protagonista, entra em cena e põe o

discurso em movimento: “Vim contar a minha vida pra quem quiser conhecer a história de um lutador que correu sérios perigos, andou Brasil inteiro, tentando achar um tesouro nem de prata nem de ouro: de coisa mais preciosa” (REZENDE, 2012, p. 9). Posicionando-se como instância discursiva, o protagonista põe o leitor em suspense.

Por meio desse procedimento, a proposta da autora coincide com aquela requerida pelo ato de ler o texto literário, na medida em que aponta a ideia de interação e mudança do leitor: “Conheci muito de perto inúmeros Coisa-Nenhuma, Piás, Marílios e Marílias, cujos sonhos, aventuras, paixões, desventuras e lutas vocês vão encontrar neste romance” (REZENDE, 2012, p. 7). Assim, o leitor é convidado a concretizar o movimento de seu poder de viver, pela leitura, “mudança de perspectivas e cria[r] uma combinação intrínseca de perspectivas textuais diferenciadas, de horizontes vazios, de memórias esvaziadas, de modificações [...] e de futuras expectativas” (ISER, 1999, p. 23-24, v. II).

Como destacamos no primeiro capítulo deste estudo, o efeito estético, tal como concebido por Iser, consiste na atualização do objeto literário pelo leitor no momento da leitura, sabendo-se que a obra tem dois pólos: o artístico, que designa o texto criado pelo autor; e o estético que é a concretização produzida pelo leitor. Essa combinação está condicionada, portanto, à comunicação entre texto e leitor, mediante exercício da percepção imaginativa (ISER, 1996), num convite ao desenvolvimento da sensibilidade estética.

Ouro dentro da cabeça é um discurso que se exprime por meio de dois sistemas de linguagem: a verbal e a não verbal, esta representada por ilustrações elaboradas para dialogarem com a temática formalizada pelo amálgama entre o livro, como expressão da prática da contação de histórias e a escrita como forma de registro de narrativas orais. Ambas, linguagem verbal e não-verbal, compõem o exercício oral e escrito – chaves que não são letras e letras que não são chaves, mas que nos remetem ao livro – “tesouro nem de prata nem de ouro: de coisa mais preciosa...” (REZENDE, 2012, p. 98).

A metaforização suscitada pela linguagem icônica, chave e fechadura, livro-fechadura e multiplicidade de chaves-letras e letras, instaura diálogo com as múltiplas possibilidades que a escrita representa nesse jogo que se institui, fundamentalmente, em um convite à fantasia, ou seja, à superação da “miséria e da tristeza” (REZENDE, 2012, p. 9) por meio da conquista da “coisa mais preciosa”. Esse diálogo estabelecido entre a linguagem verbal e a não verbal serve para enriquecer a leitura e ampliar a percepção do texto. Conforme afirmação da própria autora, o fato de as ilustrações lembrarem as xilogravuras usadas na literatura de cordel aproxima o leitor do livro, o que reforça a teoria proposta por Iser sobre o processo de interação, anteriormente comentada.

Do ponto de vista da expressividade da linguagem verbal, recursos como aliteração, assonância, rima, repetição, metáforas, termos próprios da oralidade, isto é, da contação de causos, matizam a linguagem. Assim, esse narrador, repetidas vezes, chama a atenção para o fato de que, muito do que conta, conta por ter ouvido contar:

Conforme a história que ouvi contar tantas vezes, um dia São Benedito apareceu em seus sonhos [...] (REZENDE, 2012, p. 11).

Isso foi o que ouvi contar, mais de mil vezes, pela voz de nossos velhos, sempre à boquinha da noite, depois da ceia, antes do sono levar a gente pra rede (REZENDE, 2012, p. 13).

Essa história me contaram quando eu cresci, me fiz homem, tive coragem de perguntar pra saber, que eu de mim mesmo não me lembrava de nada (REZENDE, 2012, p. 16).

Depois cumpri minha parte, contando as minhas histórias, de verdade, de ter visto, de ter ouvido contar e também que inventava (REZENDE, 2012, p. 96).

Os fragmentos acima transcritos não só comprovam o uso da repetição como recurso estilístico, mas reforçam a presença de um narrador autodiegético que transcreve palavras alheias, dando-lhes sentido e significação. É evidente que são recursos utilizados e trabalhados pela autora Maria Valéria Rezende, mas de forma tal que o leitor esquece sua presença e se interage com Marílio e com as poucas personagens que fazem parte de sua história. Utilizando sua linguagem simples, Marílio faz de sua contação de história um exemplo de oralidade na qual se estabelece uma musicalidade advinda da repetição consonantal e vocálica que corresponde à aliteração e à assonância, respectivamente:

Até o meu nascimento, que é o começo de tudo, ninguém sabe explicar bem, muita coisa se adivinha, mas sem saber de certeza. Nasci e cresci sem nome, num lugar bem escondido que não se acha no mapa e vivi por muito tempo sem ter nome de respeito.

(...)

O lugar de onde eu venho, onde nasci e me criei, fica no pé de uma serra de que ninguém sabe o nome e tem no alto umas penhas: são as Pedras do Perdão (REZENDE, 2012, p. 11).

A musicalidade da linguagem expressa-se, não só pelo uso dos recursos citados, mas, ainda, pela pontuação e pela posição das conjunções nas orações que formam os períodos. O leitor atento pode perceber que, no primeiro parágrafo transcrito, há uma marcação métrica, que faz parecer propositadamente um trabalho de versificação em que surgem versos em redondilha maior, isto é, versos com sete sílabas, próprios da literatura popular:

A/té/o/meu/nas/ci/men/(to),
 queé/o/co/me/ço/de/tu/(do),
 nin/guém/sa/beex/pli/car/bem/,
 mui/ta/coi/sa/sea/di/vi/(nha),

Mas/sem/sa/ber/de/ce/te/(za).
 Nas/ci/e/cres/ci/sem/no/(me),
 num/lu/gar/bem/es/con/di/(do)
 que/não/se/a/cha/no/ma/(pa)
 e/vi/vi/por/mui/to/tem/(po)
 sem/ter/no/me/de/res/pei/(to).
 (REZENDE, 2012, p. 11)

A musicalidade, comprovadamente marcada em todo o texto, é reforçada pela rima que é produzida na composição textual, como no parágrafo final que, não por acaso, é o mesmo do início do primeiro capítulo. A sonoridade é tão intensa que faz lembrar as cantigas dos repentistas nordestinos e a literatura de cordel:

– Vim contar a minha vida, pra quem quiser conhecer a história de um lutador que correu sérios perigos, andou o Brasil inteiro, tentando achar um tesouro nem de prata nem de ouro: de coisa mais preciosa [...] (REZENDE, 2012, p. 98).

Mais uma vez, comprova-se o trabalho cuidadoso na manipulação das palavras e da pontuação na composição em prosa dos versos heptassílabos e da rima interna (contar/achar; tesouro/ouro). Infere-se que Maria Valéria Rezende, mesmo escrevendo um texto em prosa, explora recursos da poesia, utilizando-se da função poética da linguagem. Assim sendo, faz produzir no leitor o efeito estético aclamado por Iser e comprova a literariedade de seu texto. A literariedade, ou seja, a literatura como portadora de propriedades organizacionais da linguagem, como já explicitado anteriormente por meio da exploração da função poética, confirma-se também através do intertexto. Não bastasse o autoplágio declarado pela autora, ela vai beber em outras fontes como em *Dom Quixote*, obra prima de Miguel de Cervantes. Ao se referir ao pseudo-herói, Dom Quixote de La Mancha, a autora, através da voz narradora de Marília, põe em questão o fato de a sociedade muito valorizar as aparências e não enxergar o que realmente precisa ser visto:

Só Dom Quixote enxergava o que de fato existia por detrás das aparências de cada coisa que via, porque ele muito sabia, que vivia lendo livros, e por eles conhecia quase tudo o que pode existir no mundo, coisa de enganar fácil qualquer sujeito que não tenha sido bastante avisado.
 [...] Repare em Dom Quixote, este aqui, todo encourado como os vaqueiros que vi quando andei pelo sertão: veja como era magrinho, porque comia bem pouco, que tudo economizava do dinheiro que ele tinha por mor de comprar livros e ler todas as histórias pra descobrir neste mundo o que o olho só não vê (REZENDE, 2012, p. 25).

À medida que narra a história que tantas vezes ouvira através da sabedoria do Pajé, o narrador Marília vai colocando o leitor mais e mais próximo da grande metáfora do livro já

anunciada no título. Assim como Dom Quixote, o narrador autodiegético quer descobrir o mundo através da leitura. Aprender a ler, poder ler os livros que o Pajé trazia “naquela caixa encantada”, poder “sair pelo mundo por mor de aprender a ler e a escrever” (REZENDE, 2012, p. 26) são ações que significam a aquisição do conhecimento, ou seja, o “ouro dentro da cabeça”, o tesouro que não é ouro nem prata, mas o saber, o domínio na utilização das palavras: “O ouro que eu desejava não era desse, amarelo, era um ouro de palavras, feito de tinta e papel” (REZENDE, 2012, p. 83). Assim, o próprio Marílio define sua sede de saber:

Fomes e vontades do corpo eu podia resolver, que desses há muitos jeitos de se cuidar, pois, sempre, quase todo viver é isso. Mas, quanto mais eu viajava, outra fome aperreava, bem lá dentro, dia e noite: era a fome de palavras, fome de conhecimentos, de saber tudo, que era como um escuro dentro do oco do peito, cegueira de olhos abertos, vendo o que há para ver só com os olhos da cara, ali, onde a gente está, mas sem enxergar mais longe por meio de ler nos livros (REZENDE, 2012, p. 87).

Imbuído do desejo de saber para enxergar além do que o olho vê, para se afastar da “cegueira de olhos abertos”, Marílio da Conceição continua sua busca e só vai encontrar o conhecimento das letras e das palavras na rua, não há sala de aula, nem família, nem escola: “Não importava que a escola fosse um batente de loja nem que essa professora fosse velha e esmolambada” (REZENDE, 2012, p. 96). Dessa forma, o processo de letramento, iniciado com o Pajé agora se consolida, através do contato entre Marílio e a velhinha bêbada, Naná, moradora de rua, ex-professora que domina a arte de ensinar e que alfabetiza o rapaz. A condição por ela imposta é que o jovem lhe contasse histórias para que ela dormisse depois de cada encontro.

Ao viver as narrações de Marílio, Naná acende a sua sensibilidade estética e vive uma espécie de estado transcendente. Para nós, essa é a expressão de situação que une o leitor ao texto ficcionalizado, no caso, texto oral. Trata-se da experiência estética enquanto atividade em que se dá o amálgama da *poieisis*, *aiestheisis* e *katharsis* de que trata Jauss. Naná ouve, revive, saboreia e se entrega à sua sensibilidade estética de antes: quando se apaixonara pelo canto de seu amor perdido.

A atividade do narrador, representada por Marílio, contador de histórias, instaura pacto com Naná e ambos viajam pelo mundo da fantasia, numa relação de contingência assimétrica proposta por Iser, que é aquela que ocorre quando numa relação diádica, o parceiro A desiste de atualizar o seu próprio “plano de conduta” e segue o do outro (B) sem resistência; deixa-se levar (ISER, 1999, p. 97-98). A ouvinte tem a sua atitude humana mudada, elevada, numa espécie de adesão às narrativas de Marílio.

O processo pelo qual o narrador da história passa remete-nos ao que Magda Soares, já citada no primeiro capítulo, afirma sobre os resultados que o sujeito alcança através de sua inserção no universo da escrita e de suas práticas de recepção e produção dos mais diversos textos escritos que circulam pela sociedade.

Assim sendo, ainda conforme a autora citada, podemos deduzir que a pessoa dotada de habilidades de leitura e escrita pode transformar o mundo que a cerca, justamente porque o próprio sujeito sofre transformações intelectual, afetiva, sensório-motora. Nesse caso, a primeira ação transformadora realizada pelo protagonista, além da sua própria, foi dar sentido à vida da sua mestra que abandonou a bebida e passou a cuidar mais de si mesma. Essa atitude significa que Marílio não está apenas alfabetizado, mais ainda, letrado, ou seja, sabe ler e escrever e responde adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita. Esse tipo de aprendizado que começou antes da escrita e concretizou-se através da leitura e da escrita pode ser explicado pelas palavras de Goody e Watt,

[...] Os elementos mais significativos de qualquer cultura humana são indubitavelmente canalizados por meio de palavras e fazem parte do conjunto particular de sentidos e de atitudes que se acrescentam aos símbolos verbais dos membros de quaisquer sociedades. Esses elementos incluem não apenas o que pensamos normalmente como comportamento costumeiro, mas também aqueles itens e ideias de tempo e espaço, objetivos gerais, em resumo, a visão de mundo – *Weltanschauung* – (GOODY; WATT, 2006, p. 13).

As transformações sofridas por Marílio e sua mestra são a confirmação das afirmações de Goody e Watt, uma vez que, enriquecidos pelos símbolos verbais, orais e escritos, puderam mudar comportamentos, dar sentido às suas vidas e enriquecer suas visões de mundo. Naná muda seus objetivos, ou melhor, adquire novos objetivos e Marílio, ao ser alfabetizado, vê-se pronto para acrescentar novos sentidos e novas atitudes em seu caminhar pelo tempo e pelo espaço.

Segundo Maria Valéria Rezende, em entrevista transcrita neste estudo, os livros que ela escreve, em grande parte, as histórias que estão ali, o modo de falar, o modo de ver o mundo são suas próprias personagens que lhe ensinam. Este fato ocorre exatamente porque a autora as busca no mundo real, concreto. Basta lembrar que Maria Valéria foi alfabetizadora de adultos desde os quinze anos, profissão que a levou a rodar o Brasil e o mundo levando a educação de jovens como uma missão. Assim sendo, a visão de mundo a que se referem os autores acima citados, ou seja, as ideias de espaço, tempo e objetivos incorporados em personagens como Marílio nada mais são que a representação ficcional da realidade.

À medida que acompanha Marílio por vários espaços num período de tempo indeterminado atrás do alcance de seu objetivo, aprender a ler e a escrever, o leitor, por meio da leitura de um texto literário, confirma as ideias de Antonio Candido que considera a literatura “um bem incompressível necessário”, ou seja, um direito, assim como qualquer necessidade essencial do ser humano. Nessa perspectiva, esse leitor, ao ler *Ouro dentro da cabeça*, atinge a fruição estética especialmente quando o narrado-personagem consegue enxergar além do que o olho vê.

4.3 Mobilização da representação imaginativa (processo de leitura)

Confirmando a hipótese de que quando a ação do professor é enriquecida pela do bibliotecário, o trabalho educativo assumido por ambos, na formação do leitor literário, mobiliza os variados recursos da biblioteca tradicional e da digital, para colaborar com projetos de letramento literário, nós optamos por criar dois momentos destinados à prática da leitura. Uma em que a obra fora selecionada pelo docente, conforme já ressaltamos no início deste capítulo e outra em que os sujeitos-estudantes tiveram a oportunidade de escolher o livro literário de seu interesse.

A primeira experiência tornou-se concreta a nossa proposição primeira, quando observamos as fases propostas por Kuhlthau, naquilo que se refere à formação de pesquisadores que assim se traduzem: indicação do livro a ser estudado, exploração de informações, definição do foco, coleta de informação, preparação para apresentação do trabalho escrito e avaliação. Quanto à exploração literária orientada pela docente, como parte de seu trabalho pedagógico institucional, os leitores teriam de realizar o que fora denominado como análise de conteúdo e consistiu em: “explorar o tema que gera o conflito central e os conflitos advindos deste, para a construção do gênero romance; buscar o aprofundamento dos temas para o desenvolvimento de uma leitura mais aprofundada da obra (não meramente de entretenimento), analisando a sua riqueza literária, sua estética, seu estilo [...]”.

Nesse sentido, como resultado da experiência, as estratégias contaram com as etapas: o docente apresentou a obra e a autora aos grupos - sujeito-estudante e pesquisador participante (profissional da biblioteca). Este ato se desdobrou nas atividades: leitura individual em sala de aula; pesquisa sob a orientação da bibliotecária; retorno à sala de aula para trabalho sobre o livro, em pequenos grupos, seguindo o roteiro elaborado pela docente; apresentação oral sobre a produção escrita, explorando o aspecto escolhido pelo grupo, com base no livro lido, mas tendo como método o Processo de Busca de Informação (ISP).

Após a leitura individual, em sala de aula e enquanto durou a pesquisa, ou seja, a busca de informações, a pesquisadora-bibliotecária fez provocação aos sujeitos-estudantes, orientando e formulando perguntas, dentre as quais: “Fale de sua experiência ao ler o livro *Ouro dentro da cabeça*, de Maria Valéria Rezende. Mais especificamente, gostaria de saber o que é que cada um de vocês pensa sobre o processo que ocorreu desde o momento em que a professora apresentou-o para vocês até o momento em que a leitura foi concluída. Escreva seu comentário em sala de aula, dizendo o que você aprendeu e o que gostaria de falar a respeito disso, em formato de um livro”.

Instados por essa provocação, os sujeitos-estudantes, reiteradamente, declararam: gostei [...]; achei difícil [...]; achei as palavras difíceis [...]; Não gosto de ler livro de romance e eu não gostaria de contar isso em forma de livro. (TA, 2014, 13) A manifestação proferida por esses sujeitos revela diferentes níveis de letramento literário: em um dos níveis, situam-se aqueles que declararam “achei difícil [...]”; em outro nível, declararam “gostei [...]”; e, num terceiro nível, estão os que disseram “Não gosto de ler livro de romance e eu não gostaria de contar isso em forma de livro.” Desse modo, entre os sujeitos-estudantes que participaram da experiência, sessenta estudantes do 6º ano, há um grupo que ainda não se revelou leitor dotado das características daquele classificado como leitor informado (FISH *apud* ISER, 1996, p. 72). Todavia, já se tornaram leitores contemporâneos porque já leem, são dotados de algum repertório, mas de forma insuficiente para chegarem à interação com o texto a que se refere Iser como já explicitado no segundo capítulo.

Entre aqueles que assim se revelaram, alguns esclareceram: “[...] mas [...] depois a professora explicou/ensinou [...] consegui [...] /aprendi muito”. Essa manifestação sugere entender que, apesar da provocação desenvolvida pela bibliotecária e pela docente, um grande número de estudantes ainda não descobriu, por si só nem por exigência escolar, a relação entre leitura de texto informativo e texto literário impresso. Estes, por outro lado, confirmam o que Iser prevê quando informa que a leitura é um processo dialético que se situa entre a protensão (espera daquilo que vai acontecer) e a retenção (memória daquilo que aconteceu). Quando isso ocorre, permite-nos inferir que houve um processo de aprendizagem a que podemos denominar letramento, no caso, letramento literário.

Outras respostas inscrevem-se em duas visões básicas: uma que destaca o papel da docente e outra que se dirige à percepção do aluno sobre si na sua relação com o texto que lhe é proposto:

- a) destacando o papel da docente: o participante designado como TA, 2014, 4 declara “... A professora nos disse que era um romance, e eu não achei que a experiência de ler, *Ouro*

dentro da cabeça, foi muito boa com aquelas palavras novas e diferentes. Mas, aprendi muito e isso eu adorei”. O participante TA, 2014, 2 esclarece: “A professora mandava a gente ler e pegar partes do texto que explicava o título e o desenho, achei bem interessante isso”. O participante TA, 2014, 4 comenta: “Quando a professora passou o livro *Ouro dentro da cabeça* eu não entendi muito, porque tinha muita palavra esquisita que eu não entendia, mas consegui ler e é um livro muito interessante”. Dizendo quase o mesmo, mas de modo inverso, o participante TA, 2014, 3 assim se expressa: “No começo quando a professora falou sobre o livro eu achei que ia ser muito interessante o livro, mas no final não fez todas minhas expectativas”. Capacidade de estabelecer relação entre visão de si mesmo e a proposta contida no texto, mobilizando representações perceptivas é revelada pelo participante TA, 2014, 5: “O livro *Ouro dentro da cabeça* é um ótimo livro e traz várias experiências como: sair de casa para o mundo afora sozinho; o trabalho escravo que a personagem enfrentou. Quando a professora apresentou-o para nós, pensei que fosse uma história de amor, mas ao terminar de lê-lo, percebi que era uma história de... aventuras, sofrimentos, alegrias e de desejos”.

- b) discorrendo sobre a percepção que o participante revela de si na sua relação com o texto que lhe é proposto, destacamos algumas avaliações. Uma visão que revela a função da obra literária como capaz de ampliar o conhecimento é traduzida pela voz do participante TA, 2014, 2: “Gostei muito deste trabalho que fizemos com o livro *Ouro dentro da cabeça*, de Maria Valéria Rezende. Gostaria de falar que aprendi muito com o aprofundamento do estudo acerca do livro, que aprendi várias novas palavras e significados que eu não sabia”. TA, 2014, 3 e 9 revelam percepção semelhante: “... Mas eu gostei do livro, aprendi que a educação é muito importante e que sem ela não somos nada, tudo que sabemos é inútil”. “Esse livro ensina que tem coisa mais preciosa que ouro: aprender a ler e a escrever” (TA, 2014, 9).
- c) Uma terceira visão revela-se. Esta indica que a interação entre leitor e texto foi alcançada, mas há diferentes graus de percepção frutiva, caminhando do simples prazer, ou seja, da comunicação simétrica para a fruição estética: “... o livro ensinou que o personagem nunca desistiu dos seus sonhos... E aprendi que nunca posso desistir dos meus sonhos e também de estudar ...” (TA, 2014, 6); “Achei muito legal, só que o final do livro achei muito chato e sem sentido” (TA, 2014, 4); “Gostaria de falar sobre o livro com Maria Valéria Rezende, ia ser só elogios e mais elogios, o livro é realmente bom, adorei”; “Esse livro é daqueles que mexem com a gente com aquele conflito que traz

toda a graça na estória”(TA, 2014, 14). A habilidade para perceber a representação imaginativa inerente à obra, demonstrada por TA 8 e TA 10, oscila entre a literariedade textual e a exploração temática: “A primeira vez pensei que ‘ouro dentro da cabeça’ seria o título mais louco. Não tem nada a ver uma coisa com a outra. Eu sei que é uma metáfora, mas ouro? A partir do segundo capítulo já dava para notar que ‘esse ouro’ não significava uma pedra preciosa, mas sim de uma coisa muito mais preciosa ‘o saber ler e escrever’” (TA, 2014, 8). “No final, a gente descobre que toda a estória que ele conta, no livro, ele está contando na praça. Aí, achei o livro comovente pelo relato que passou. Ele nos ensina também a não desistir dos nossos sonhos por qualquer motivo, porque desistir não vale a pena. Ele tinha o sonho de estudar” (TA, 2014, 10).

4.4 Descobertas pelos leitores: ação coletiva

As atividades de estudo do livro foram concluídas com a produção de um texto por grupo. Durante esse processo, cada grupo percorreu o caminho que escolheu a partir das perguntas formuladas pela docente: O que o grupo irá desenvolver? Quais os temas que vamos escolher relacionados com a obra *Ouro dentro da cabeça*? Quais recursos serão utilizados? Quais *sites* serão pesquisados? Qual é o produto a ser apresentado? A qual gênero o produto se refere?

Como resultado, os grupos produziram textos de diferentes modalidades: entrevista; seminário (utilização de slides); teatro; filme; livro. Essa produção foi elaborada através de diferentes gêneros e assuntos, de acordo com o aspecto que o livro em exploração provocara. Um grupo expôs o seu trabalho sob o título *A vida e trabalho no campo*. O gênero literário escolhido foi em forma de poemas que contavam histórias da vida no campo, envolvendo pessoas da cidade e da zona rural, expressando o interesse pelo estudo. Outro grupo baseou-se em *Ouro dentro da cabeça* e dramatizou, em palco, a história de um menino que foi iludido pelo “gato”, achando que iria estudar e acabou em um trabalho escravo em uma carvoaria.

Em seminário, um grupo recorreu a slides e mostrou recortes e imagens de reportagens referentes a pessoas que ainda hoje estão sendo escravizadas no Brasil. A partir desses slides, iniciaram-se discussões com os participantes relacionando conhecimentos semelhantes ao assunto, sendo esta atividade concluída pela professora que esclareceu como se deu a história da escravidão no Brasil. Após pesquisa no *site YouTube*, um outro grupo mostrou um filme em que uma personagem, depois de muitas leituras, mudou o seu modo de pensar.

Durante as apresentações, a docente, pesquisadora-participante, formulava perguntas e fazia comentários, elucidando as descobertas dos sujeitos estudantes: “No livro *Ouro Dentro da Cabeça*, o capítulo “Coisa nenhuma, filho das nuvens” sugere indagar por que a personagem se chamava filho das nuvens? O que é que a gente sabe sobre ser analfabeto? O que é que a gente pensa sobre negritude e pobreza? Não pensamos em um branco de olhos azuis para ser escravo e nem analfabeto, não é? Mas o nosso imaginário fica em volta daquilo. Deve haver algum propósito por parte da autora ao colocar uma pessoa da raça branca como escrava. O que isso teria em relação com letramento? Os escravos analfabetos no Brasil são apenas os negros? Será que a escravidão é só aquela a que os negros foram submetidos? No texto, a criação da personagem deve ter alguma intencionalidade. Quando as pessoas pensam em trabalho escravo, elas pensam no negro porque o preconceito ainda é muito grande”. Um dos sujeitos-estudantes comentou: “Na aula de História, o professor passou um texto sobre o trabalho escravo e não tinha só negro, na verdade, tinha brancos também”.

Em suma, a experiência planejada e vivenciada com o 6º ano do Ensino Fundamental foi iniciada com base em habilidade literária e informacional na leitura, na reflexão, no debate, na mediação, na reelaboração de discursos com inúmeras possibilidades de trabalho que animam os alunos a sentirem vontade de estudar, de pesquisar, de construir seu próprio pensamento. Para a realização de toda essa experiência, tomamos como base as fases descritas por Kuhlthau: abertura do trabalho, seleção do assunto, exploração de informações, definição do foco, coleta de informação, preparação para apresentação do trabalho escrito e avaliação (KUHLETHAU, 2010), como explicitado no início deste subtítulo.

Podemos inferir, portanto, que a hipótese de que quando a ação do professor é enriquecida pela do bibliotecário, o trabalho educativo assumido por ambos, na formação do leitor literário, mobiliza os variados recursos da biblioteca tradicional e da digital, para colaborar com projetos de letramento literário. Não apenas aqueles de que a biblioteca escolar dispõe, mas ela aponta recursos variados para subsidiarem a formação do leitor contemporâneo. Podemos deduzir, portanto, que o estudo escolar pode ser enriquecido pelo trabalho pedagógico compartilhado, em que todos sejam assumidos como sujeitos individuais e coletivos.

Assim sendo, as ações mediadas pela docente participante foram auxiliadas pela ação pedagógica da bibliotecária do CEPAE/UFG que, aqui exerce, ainda, a tarefa de pesquisadora como Mestranda da PUC Goiás na área de Literatura. Dessa forma, o esforço deu-se em unir teoria e prática, ou seja, a Biblioteconomia e os Estudos Literários. Como bibliotecária, além de todas as informações passadas aos sujeitos estudantes em relação à utilização das Bases de

Dados, tanto do Portal da CAPES quanto da WEB, em geral, a orientação foi a de que se buscasse a *Britannica Escola online*, a pesquisa avançada do *Google, dominiopublico.gov.br* e o catálogo *Sophia* do Sistema de Bibliotecas da UFG para pesquisas que os levassem à elaboração da atividade de busca e uso de informação com o objetivo de finalizar as atividades que envolveram a obra *Ouro dentro da cabeça*, de Maria Valéria Rezende. Para que os sujeitos-estudantes tomassem conhecimento do como elaborar as referências de forma correta e competente foi utilizado o *software* MORE (Mecanismo Online para Referências), da Universidade Federal de Santa Catarina.

A atuação conjunta entre sujeitos-estudantes, docente-participante e bibliotecária-pesquisadora resultou em uma aprendizagem mais consistente e recíproca, pois todos aprenderam com todos. Essa ação conjunta provou que quando teoria e prática caminham juntas, os resultados poderão ser visíveis. Assim sendo, pode-se deduzir que a hipótese levantada de que a prática do bibliotecário pode levar ao delineamento mais preciso de sua função educativa na medida em que amplia sua percepção das especificidades do contexto em que atua é real e foi comprovada durante a realização dessa experiência, assim como está previsto no Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar:

Está comprovado que bibliotecários e professores, ao trabalharem em conjunto, influenciam o desempenho dos estudantes para o alcance de maior nível de literacia/letramento na leitura e escrita, aprendizagem, resolução de problemas, uso da informação e das tecnologias de comunicação e informação.

Os serviços das bibliotecas escolares devem ser oferecidos igualmente a todos os membros da comunidade escolar, a despeito de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua e status profissional e social. Serviços e materiais específicos devem ser disponibilizados a pessoas não aptas ao uso dos materiais comuns da biblioteca.

O acesso às coleções e aos serviços deve orientar-se nos preceitos da Declaração Universal de Direitos e Liberdade do Homem, das Nações Unidas, e não deve estar sujeito a qualquer forma de censura ideológica, política, religiosa, ou a pressões comerciais (IFLA/UNESCO, 2002).

As palavras do manifesto lido reforçam a ideia primeira deste trabalho dissertativo de que bibliotecário e docente trabalhando em conjunto podem produzir resultados surpreendentes e positivos. As respostas dos sujeitos-estudantes obtidas a respeito do letramento informacional e literário são a comprovação da hipótese levantada de que a aprendizagem, o acesso à biblioteca e à orientação do bibliotecário são direitos constituídos e devem ser oferecidos a qualquer cidadão independente de seu grau de instrução, raça, credo, condição social, profissional.

4.5 Índícios de letramento literário

O paradigma indiciário discutido por Ginzburg (1989) orienta-nos quando buscamos, no particular e no global, pequenos sinais que nos indiquem indícios de que, no conjunto, os sujeitos-estudantes não exprimiram delírio literário, também não recusaram a realização da experiência literária. Pelo pronunciamento deles, podemos inferir que a maioria desses sujeitos não apenas experimentou o prazer de ler, como se sensibilizou ao exercer sua percepção frutiva: teve acesso à literariedade discursiva e a informações virtuais. Sem dúvida, alguns desses sujeitos manifestaram dificuldade de compreensão de vocábulos presentes na narrativa, mas, ao final, conseguiram penetrar no universo ficcional.

O fato de a trama urdida na obra *Ouro dentro da cabeça* ser narrada e controlada pela voz de um narrador jovem, analfabeto, órfão, destituído de família e dotado da vontade incontida de aprender a ler e escrever fez com que os pesquisadores, de comum acordo, entendessem que a experiência deveria concluir-se com a produção de um livro desenvolvendo temas relacionados às problemáticas abordadas por Maria Valéria Rezende. O livro seria denominado *Livro Acadêmico*, mas cada grupo de leitores quis compor o seu próprio material antecedido de apresentação oral, no formato do gênero discursivo por ele escolhido: representação cênica, contação de estória, entrevista, debate sobre filme, exposição sobre letramento. O material produzido pelo grupo seria reunido para compor um livro organizado artesanalmente. Portanto, com escrita e desenho produzidos manualmente: capa feita em tecido.

Ao final, foi decidido que cada grupo faria o seu próprio livro, em que seria reunida toda a produção realizada a partir da leitura do livro *Ouro dentro da cabeça*. As atividades foram concretizadas com a nossa participação. Esta experiência produtiva permitiu-nos inferir que podemos confirmar a hipótese acima levantada. Por consequência, nós, participantes da pesquisa, pudemos perceber que, na aplicação e adaptação do método antropopedagógico, que é baseado na autonomia dos sujeitos-estudantes, durante o percurso da investigação, esses sujeitos conquistaram um processo emancipatório (MORIN, 2004).

A composição das capas e a organização da produção textual foram, portanto, o desfecho do conjunto de atividades realizadas pelos sujeitos-estudantes das turmas do 6º ano A e B, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação CEPAE, da Universidade Federal de Goiás, tendo cada grupo desenvolvido proposta temática e gênero textual escolhido. Esse critério revelou que a atividade, mesmo compondo as exigências do programa escolar,

conquistou essas turmas. O material apresentado nos Apêndices, ao final desta dissertação, é apenas uma amostra do resultado registrado por nós, docente e bibliotecária pesquisadoras. Um dos exemplos refere-se ao desempenho do grupo TA, 2014, que escolheu fazer um seminário sobre letramento e, ao final, reunir a sua produção no livro denominado: *Letramento é...*, conforme fotografia 6, abaixo apresentada.

Esse grupo fez a sua pesquisa via *internet*, buscando conhecimento sobre letramento, com o objetivo de elaborar entrevistas sobre o assunto e complementar o estudo a ser apresentado em seminário. Simultaneamente, formulou perguntas para encaminharem à especialista em letramento, com o objetivo de contar com a ajuda desta profissional. Essas perguntas, depois de transcritas pelo grupo, foram enviadas via *facebook* para essa especialista. Não tendo obtido retorno em tempo hábil, ou seja, antes da data do seminário em que socializariam a pesquisa, o grupo sentiu-se prejudicado, restando-lhe o material encontrado na *internet*. Esse percalço é, do ponto de vista de Carol Cullier Kuhlthau (2010), previsível. Nesse sentido, a autora manifesta-se alertando que o processo de busca de informação pode provocar frustração e, por consequência, desapontamento na apresentação do estudo, uma vez que nem sempre o pesquisador consegue acessar dados que atendam aos objetivos da investigação planejada. O livro *Letramento é...*, portanto, destinado à reunião de informações correspondentes ao percurso do grupo TA, 2014, registra a experiência relativa à leitura do livro *Ouro dentro da cabeça* e à produção escrita que lhes fora solicitada pela professora. A capa, a seguir apresentada, expressa a criatividade desse grupo.



Fotografia 6: Letramento: Os sujeitos-estudantes simularam uma entrevista entre eles mesmos, com base em pesquisa sobre Letramento. Escreveram um texto utilizando o gênero textual entrevista.

Fonte: Foto da Autora.

Outro grupo iniciou sua apresentação declarando: “Aprender a ler não é só falar que sabe, é você fazer a diferença na sociedade”. E continuou a exposição, utilizando-se de informações obtidas através do acesso aos *sites* que tratam do tema letramento literário disponíveis na *internet* o que comprova o sucesso obtido através do letramento informacional desenvolvido durante a experiência:

Fala-se do letramento como ampliação do sentido de alfabetização e como prática social que favorece aos sujeitos interpretar os discursos veiculados socialmente. No dia a dia temos vários exemplos para isso. Por exemplo, um texto que está codificado. Letramento não é só você ler o que está do jeito que você sabe, mas também você decodificar isso aqui pra poder ler, por exemplo, o *QR Code* muito utilizado pelos bancos, pelas empresas (DB, TB, 2014).

A imagem que se tem do *QR Code*, conforme fotografia 7 abaixo, significa *Quick Response Code*, isto é, código de resposta rápida. É um código lido, rapidamente, não só por celulares, mas por câmeras. A partir do código, a mensagem pode ser redirecionada para uma página, ou seja, automaticamente, de maneira que esse código serve para encurtar a comunicação conduzindo os *links*, adicionando as mensagens através do *QR Code*. A figura abaixo ilustra um modelo:



Fotografia 7: Explicação do *QR Code*.
Fonte: Foto da Autora.

O grupo utilizou essas imagens para expor essa maneira de expressar determinada informação pelo. A professora, docente-pesquisadora, ouviu a explicação e justificou que estava aprendendo essa linguagem nessa experiência e declarou:

O nível de letramento é determinar a variedade de gêneros – Conto, crônica, poesia, romance [...] de textos escritos que a criança ou o adulto reconhece. Cada um deles é escrito de uma forma, de uma forma diferente e quando ler tem gente que não vai saber entender como o autor está apresentando. As cartas, mensagens, *Facebook*, *Whatsapp*, *Twitter*, *e-mail*, *orkut*, cartazes [...] tudo isso são gêneros discursivos porque eles servem pra gente dialogar. Não tem o jeito próprio de escrever um e-mail, cortando as letras? Também o *Whatsapp* não é um instrumento que a gente utiliza com uma linguagem própria? Ninguém fala “senhor professor, venho por

meio desta” [...]. Vocês mudam a linguagem, não mudam? Todos esses são gêneros discursivos: Jornais, revistas, bulas de remédio, receitas culinárias. (DB, P, 2014).

Essas descobertas confirmam o que Kuhlthau (2010) expõe a respeito de o estudante solicitar ajuda ao professor, pois a orientação concedida pelo educador é de suma importância para o enriquecimento da informação pesquisada.

Outro grupo discorreu sobre experiências de crianças que convivem com a escrita em diferentes situações do convívio no dia a dia: “criança que vive num ambiente em que se leem livros, jornais, revistas e outros tipos de leitura, o nível de letramento será superior ao de outras crianças que não têm seu convívio cotidiano que favoreçam a atuação em sociedade grafocêntrica” (DB, TB, 2014).

Para entender o significado da palavra grafocêntrica, os alunos do grupo pediram ajuda à professora que esclareceu: “grafocêntrica é uma sociedade centrada na grafia, na escrita [...] A nossa sociedade não é uma sociedade letrada? Ela se baseia nas letras, na grafia? Portanto, grafocêntrica.” (DB, P, 2014). Esse momento favoreceu a participação da bibliotecária-pesquisadora que aproveitou a conversa para falar da CDU. Assim sendo, explicitou o significado da sigla, nomeou seu autor e esclareceu a forma como a CDU é utilizada pelas bibliotecas de forma geral:

Classificação Decimal Universal. E o que isso significa? É usado nas bibliotecas para classificar os livros, os periódicos, CD-ROM, DVDs, ou seja, todos os suportes das áreas do conhecimento. É mais fácil ter um número lá do que um texto pra mostrar qual o autor, qual o livro. A Classificação Decimal de Dewey, que vimos no *Rap* elaborado pelos bibliotecários norte-americanos deu inspiração para se criar a CDU. Dewey foi o autor que inventou esse sistema decimal baseado na lógica de Bacon (DB, B, 2014).

Inferimos que com a ajuda do bibliotecário, como explica Kuhlthau, em seu modelo de uso e busca da informação, *Information Search Process* – ISP ficou muito mais fácil localizar a informação no acervo da biblioteca, seja ela a do CEPAE, seja qualquer outra em outro espaço público ou particular.

Outro grupo apresentou a aprendizagem de quem sabe ler e escrever, mas esclareceu que não basta só saber ler e escrever. Acrescentou que tem que haver muito mais, confirmando as reflexões de Magda Soares (2002) buscadas por nós, ou seja, pela bibliotecária-pesquisadora, como suporte teórico para tratar a questão do letramento como habilidade de decodificar e compreender palavras e informações provenientes de todo tipo de texto bem como desenvolver a capacidade de transformação da leitura e da escrita em um

agrupamento de habilidades sejam elas linguísticas ou psicológicas. Esse grupo assim discorre em seu projeto, cuja capa vem em seguida:

Aprender a ler e a escrever era o grande sonho de Marílio no livro. Sabia contar histórias, mas só sabia oralmente, por isso é que chama *Ouro dentro da cabeça*, porque o conhecimento é como o *ouro*. A história do Marílio que quer aprender a ler, pois ele não poderia ter ficado contando história oralmente a vida inteira, queria aprender a escrever e poder divulgar a sua história. Por isso com muita determinação, ele lutou o tempo todo (DB, TB, 2014).



Fotografia 8: Letramento é muito mais que ler e escrever – Apresentação oral focando as teorias sobre o Letramento.
Fonte: Foto da Autora.

Magda Soares (2004) indica-nos uma ampla gama de práticas no âmbito da leitura e da escrita. O conceito de letramento vem sendo acompanhado por adjetivos que buscam delimitar cada uma de suas dimensões, sendo possível encontrar estudos sobre letramento matemático, literário, musical, científico e outros.

Tal variedade de concepção e formalização do que seja letramento vem sendo objeto de vários estudos como os desenvolvidos por Roxane Rojo e Eduardo Moura, organizadores do livro *Multiletramento na escola*. Estes pesquisadores ampliam o conceito de letramento por entenderem que no mundo globalizado, a escola tem a obrigação e o compromisso de estar inserida nesse mundo, a fim de atualizar suas práticas de ensino reconhecendo, valorizando e utilizando-se de novas técnicas da informação, incitando novas práticas de ensino e de diálogos no ambiente escolar.

Considerando-se que o letramento faz parte da multiplicidade cultural de cada sujeito-estudante e, por isso mesmo, levando-se em conta as referências trazidas por cada um deles, é que os docentes necessitam apontar para a variedade de gêneros e de textos híbridos, ou seja, aqueles que mesclam textos artísticos como os literários, textos técnicos, charges, quadrinhos, pinturas, entre outros modos de expressão que nos estão à volta. Assim, a leitura do livro

Ouro dentro da cabeça foi vista como uma forma de despertar o gosto pela leitura e de incentivar o aspecto crítico dos sujeitos-estudantes do sexto ano A e B do CEPAE. Desta forma, outro grupo também teve a oportunidade de se manifestar a respeito do letramento:

O letramento é algo fundamental, pois é, basicamente, você conseguir ler algo que está escrito em qualquer lugar e compreender isso e é tão importante quanto a escrita, sendo uma ferramenta chave para o aprendizado, pois, em um bom estudo, você irá ler bastante. Não adianta só a gente saber ler, é preciso compreender o que lê. Desenvolvemos a ideia a partir de um vídeo do Gustavo Horn. Vi que muita gente pensa que ler não faz diferença, não é uma diversão, é um castigo. Eu estava lá em casa, não tinha nada para fazer e resolvi pegar um livro. Um colega me falou: “Isso é perda de tempo. Por favor, não o desperdice lendo.” Ai eu fiquei pensando: “Cara, ler é tão legal”. Por que ele não gosta? E eu assumo, tem livros que eu não gosto de ler, mas, em compensação, têm alguns que são legais pra valer. Gosto de comédia, ação, ou estilo Harry Potter. Teve um trecho no final em que ele fala: “Ler não é desperdício de tempo. Ler é apenas aprender”. Vou mostrar o vídeo, que mostra um cara sem nada para fazer, até que ele descobre o livro (DB, TB, 2014).

O fragmento acima, retirado da apresentação de um grupo da turma do 6º ano B, levou a uma discussão, que nos remete a Nortrop Frye: o leitor necessita de compreender aquilo que lê. Não basta ser alfabetizado. Ele tem que ser letrado, isto é, compreender, decodificar o que lê. Assim, é de suma importância o olhar do crítico literário e do professor que sabe ler e gosta de compartilhar esse conhecimento, acima de tudo. Esses sujeitos-estudantes do sexto ano B utilizaram-se de um vídeo que mostra uma personagem que não tinha ideia de como era ler um livro, mas que ao conseguir praticar a leitura, foi transformado. Ficou diferente. Assumiu a personagem do livro lido, mudou de atitude. Essa mudança sugere a teoria proposta por Antonio Candido (1995): a fruição da literatura, ou seja, o prazer estético. Então, a discussão sobre o vídeo iniciou-se. Professora e alunos estabeleceram um diálogo cujas falas obedecem a seguinte legenda:

P- Fala da professora

TB- fala dos alunos

- Ele ganhou um livro, alguém deixou na porta dele. Depois ele entregou o livro pra outra pessoa ler, compartilhou. Isso é muito interessante. E o que chama atenção é que no início ele era uma pessoa muito entediada. Não é isso? (P, Áudio, 2014).

- Ele não fazia ideia de como era o livro e quando ele começou a ler ele percebeu que o livro pode nos levar, através da imaginação, a outro lugar (TB, Áudio, 2014).

- Quando ele começou a ler esse livro, ele viu que tinha um mundo dentro desse livro. Então, ele se jogou dentro desse livro (TB, Áudio, 2014).

- A leitura pode ser como se você tivesse entrando em outro mundo. Acho que, tipo assim, pode nos dar uma vida melhor [...] Imaginação [...] (TB, Áudio, 2014).

- O vídeo fala o que nem todo mundo fala, que quando você abre um livro você entra dentro do livro. A gente não sai mais como entrou (TB, Áudio, 2014).

- O que mais vocês gostariam de comentar sobre o vídeo? (P, Áudio, 2014)
- As imagens... (TB, Áudio, 2014).
- A vida entediante dele [...] (TB, Áudio, 2014).
- Então mostra também que a leitura amplia os nossos horizontes com o conhecimento. Por exemplo, quando ele lê – [...] quando ele lê, ele começa a entender melhor [...] Por exemplo, quando ele entra numa história de uma época medieval, ele não conhece também esta história? Ele não se apropria desta história que foi verdadeira? Tudo o que se transformou com o passar do tempo. Então, é um retorno também à nossa própria história (P, Áudio, 2014).
- Quando ele entrou no livro pareceu que era videogame. Assim, ele lá com a flecha [...] (TB, Áudio, 2014).
- Então, o letramento literário ele abre também pra essa função estética. Não é isso que vocês falaram em relação a vocês saberem também de todas aquelas narrativas do Marfílio por outro gênero discursivo como jornal, como revista, e depois vocês lerem de uma forma bonita, metafórica [...] Nisso, vocês percebem a beleza da história. Isso é uma função estética. E vocês também têm acesso a conhecimento. Não é isso? Então não é só uma questão de beleza, de estética, mas é uma questão também de aprofundamento de conhecimento. Certo? Muito bom (P, Áudio, 2014).

O recorte acima discutiu o vídeo de Gustavo Horn. Os dados referentes às fontes usadas pelo grupo serviram para a bibliotecária-pesquisadora ajudar a elaborar a referência cujos dados são retirados do *YouTube*, utilizando o Mecanismo *Online* para Referências – MORE/UFSC¹⁹. Mais uma vez, teoria e prática caminhando juntas produziram aprendizagem.

Os sujeitos deste discurso são todos os participantes da investigação proposta por nós e assumidas pelo conjunto dos sujeitos (estudante, docente, profissional de biblioteca), todos aprendizes porque conscientes de que “ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes.” (GINZBURG, 1989, p. 179). Todos planejaram, realizaram e avaliaram o executado e esta última atividade revelou-nos que a experiência foi valiosa, pois em quase todos ocorreram mudanças aliadas a conquistas. “Quase” porque houve também aqueles sujeitos-estudantes (poucos) que não conseguiram vencer as dificuldades da leitura e da escrita, conseqüentemente, não atingiram o prazer estético, confirmando o que declara um dos narradores de José Saramago: há “cegos que veem. Cegos que, vendo, não veem” (SARAMAGO, 1995, p. 310).

¹⁹ *O LIVRO* - Youtube. Direção de Gustavo Horn. Curitiba: www.youtube.com/lightbulbfilmes, 2013. audio (5 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=76t2u1rikKw>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este estudo dissertativo, tínhamos como objetivo central pesquisar a relação do sujeito-estudante do sexto ano do Ensino Fundamental com a biblioteca escolar e digital como instrumentos de ensino-aprendizagem. O foco central incidiria na identificação de como se dá a leitura literária e como a ação do bibliotecário poderia colaborar para que o sujeito-estudante se tornasse um leitor literário e conhecedor do processo de busca e uso de informação. Ao finalizar este estudo, podemos afirmar que o objetivo proposto foi alcançado, o que pode ser comprovado por relatos que afixam a utilização dos conhecimentos adquiridos pelos alunos que hoje estão no sétimo ano.

Outro objetivo proposto nesta pesquisa foi conhecer a ação pedagógica dos bibliotecários, verificando se eles têm como foco o desenvolvimento de habilidade informacional e literária. Ficou evidente que a ação pedagógica da bibliotecária está mais voltada para encaminhar o sujeito-estudante da primeira fase do Ensino Fundamental à manipulação dos livros e, conseqüentemente, despertar o gosto pela leitura. Assim sendo, foi comprovado que a habilidade informacional fica mais direcionada àqueles que já cursam a segunda fase. Outra conclusão a que se chegou foi que a atividade pedagógica da bibliotecária-pesquisadora teve real aproveitamento devido ao fato de ter sido efetuada em conjunto com a docente participante.

Em todo o *locus* da pesquisa foi utilizada a mesma metodologia, com ênfase nos diários de bordo da bibliotecária-pesquisadora, seguindo as orientações da docente-participante, no que se referia ao letramento literário. Foram tomados como resultados positivos e como sinais de aprendizagem os relatos dos sujeitos-estudantes, ou seja, os seus diários de bordo, as representações cênicas, as entrevistas, as apresentações orais com a utilização de slides, bem como a montagem das capas dos livros com trabalhos em tecido, a composição de poemas, tudo voltado à obra *Ouro dentro da cabeça*, de Maria Valéria Rezende. Nos diários, os sujeitos-estudantes comunicaram os temas propostos para as suas apresentações, o que realizaram e o que não foi possível ser realizado, assim como os motivos da não realização de algumas tarefas que foram consideradas difíceis, fossem por motivos estruturais, institucionais e ou culturais.

A experiência proposta no início da pesquisa, portanto, apoiou-se na Antropopedagogia que tem como objeto um processo educativo que envolve os princípios da Antropologia e os da Pedagogia, em sua prática etnográfica. Essa prática enfoca seus princípios metodológicos para o registro que, conforme teoria de Geertz, citada por Morin,

constitui uma “descrição densa”, isto é, entrevistar informantes, recolher dados dos comentários, dos áudios, das fotografias para compreender um acontecimento, uma ideia, um costume, uma informação e, de tudo isto, fazer uma avaliação e uma interpretação dos significados contidos em cada ato executado pelos envolvidos na ação. Assim sendo, fez-se uma análise, no momento das escolhas dos códigos estabelecidos. Daí, a proposta metodológica de uma pesquisa-ação do ato educativo ocorrida em sala de aula junto à biblioteca em que a interpretação levou em conta indícios, sinais e pistas na escola CEPAE/UFG, muito parecida com o trabalho de um crítico literário em que se determina a importância de respostas semelhantes e ou diferentes.

Nesse caso, o profissional prático, aqui sendo o bibliotecário, situado no plano da práxis, ou seja, fora desse campo teórico, apreendeu a singularidade, a espacialidade e a temporalidade e não se esqueceu de integrar-se ao ato na totalidade, no conjunto. Podemos dizer que a discussão sobre o estatuto teórico dos dados singulares explicitados pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, ou seja, o paradigma indiciário, está presente em todo esse trabalho. O processo de investigação ocorreu por meio das narrações vindas dos diários em que os dados foram se transformando em uma linguagem científica, acadêmica, numa perspectiva antropopedagógica que consiste na aplicação e na adaptação de métodos de observação participante tomados da Antropologia e de princípios da Pedagogia aberta, que é baseada na autonomia dos educandos, atualizando as propostas de investigação do tipo emancipatório como explicita André Morin (2004).

Quando decidimos aplicar o processo de busca e uso da informação, recorreremos às fontes de dados digitais para o Ensino Fundamental porque acreditávamos nas particularidades existentes em cada um de nós, do que somos capazes de fazer quando temos um objetivo a ser alcançado. Entre essas fontes trouxemos como exemplo a *Wikipédia*, que foi usada como ferramenta de pesquisa e que é elaborada através da colaboração dos usuários que postam dados e informações.

No passo a passo da experiência, buscamos informações sobre como acessar a *Britannica Escola Online*, o *Catálogo Sophia*, a busca avançada do *Google*, o *Google Acadêmico*, o *Dogpile*, o *dominiopublico*, o *YouTube* e o *MORE* com o objetivo de contextualizar a obra *Ouro dentro da cabeça*, de Maria Valéria Rezende. Ressaltamos o entusiasmo dos sujeitos-estudantes ao acessarem o *YouTube* como instrumento de pesquisa quando puderam, através do vídeo, entrar em contato com a autora da obra numa entrevista para um blog. Esse mesmo entusiasmo ocorreu com o *RAP* da CDD, cujo tema tratava-se do letramento informacional, isto é, como localizar a informação em biblioteca.

Outro objetivo proposto ao iniciar esta pesquisa foi o de delimitarmos os conceitos leitor, leitura literária, letramento literário e informacional. Para tanto, recorreremos aos teóricos Wolfgang Iser, Antonio Candido, Magda Soares, Jack Goody e Ian Watt, John R. Bormuth, Graça Paulino e Egon de Oliveira Rangel, Bernadete Campello, Kelley Cristine G. D. Gasque e Carol C. Kuhlthau. Foram estabelecidas aproximações conceituais relativas a letramento informacional e literário, leitor e leitura literária. Além do exposto, adotando-os como pontos de ajuda na compreensão do paradigma indiciário guinzburgiano, para tratamento dos dados que expressavam a experiência na sala de aula e na biblioteca.

A pesquisa-ação, ocorrida na sala de aula e na biblioteca, teve como primeiro resultado a tomada de consciência dos sujeitos-estudantes envolvidos no processo da necessidade de levar a pesquisa e a leitura seguindo as orientações do docente e do bibliotecário pesquisadores-participantes. Assim sendo, a primeira fase da experiência foi concretizada também, a partir das observações feitas por Kuhlthau, naquilo que se refere a como orientar uma pesquisa escolar. Assim, seguiram-se os passos da pesquisa: a) indicação do livro a ser estudado;

b) exploração de informações;

c) definição do foco;

d) coleta de informação;

e) preparação para apresentação do trabalho escrito e

f) apresentação e avaliação.

Na medida em que a pesquisa-ação acontecia dentro e fora da sala de aula ou da biblioteca, os sujeitos-estudantes entraram em contato com dois tipos de linguagem no livro *Ouro dentro da cabeça*: a verbal e a não verbal e puderam perceber que as ilustrações do livro aproximam-se da xilogravura, além da exploração das cores nessas estranhas figuras.

Na linguagem verbal, os sujeitos-estudantes passaram a conviver com uma personagem cujo sonho era aprender a ler e a escrever. A temática gira em torno da realização desse sonho. E ao descobrirem que o ouro era metáfora do conhecimento, do saber, esses estudantes ficaram impactados, questionando a possibilidade de alguém ter um sonho desses. Essa revelação foi surpreendente.

Dessa forma, realizando uma experiência com o letramento informacional e literário, tivemos como suporte conceitual para o exercício da leitura da obra *Ouro dentro da cabeça*, de Maria Valéria Rezende (2012), a teorização de Wolfgang Iser sobre interação entre leitor e texto bem como, apoiados nos teóricos anteriormente citados.

A conclusão a que chegamos é a de que o bibliotecário, agindo lado a lado com o docente, exerce a função de educador. Tem-se notado que essa união favorece os sujeitos-estudantes a alcançarem níveis mais altos em conhecimento básico, assim como melhores condições de aprendizagem e na competência para solução das dificuldades ao ler uma obra literária.

REFERÊNCIAS

ABAGGANANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

A *BIBLIOTECA escolar*: tema para uma prática pedagógica. 2. ed. 2. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 64 p.

ACCART, Jean-Philippe. *Serviço de referência: do presencial ao virtual*. Brasília: Briquet de Lemos, 2012.

BAPTISTA, S. G.; CUNHA, M. B. Estudos de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. *Perspect. Ci. Inf.* Minas Gerais, v. 12, n. 2, 2007.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura; Obras escolhidas*, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORDINI, Adair. Entrevista por e-mail: pragmática de um gênero (des)conhecido ou problemas comunicativos na variação do gênero. *Rev. Letras*, n. 22, v. 1-2, jan./dez. 2000.

BORMUTH, John B. Reading Literacy: its definition and Assessment. Paper prepared for Committee on Literacy of the National Academy of Education; Reprinted from Reading Research Quarterly, 1973. p. 7-66.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Linguagens, códigos e suas tecnologias*; volume 1. 2006. 239 p. (Orientações Curriculares para o Ensino Médio). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em: ago. 2014.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Biblioteca escolar: técnico em multimeios didáticos*. Escola; ProFuncionário, curso técnico de formação para os funcionários da Educação. Brasília: UnB, 2007.

_____. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *PORTAL de Periódicos da Capes*. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 2014-2015.

_____. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *BRITANNICA Escola Online*. Ensino Fundamental. Disponível em: <<http://escola.britannica.com.br/>>. Acesso em: ago./nov. 2014.

_____. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Diretoria de Estatísticas Educacionais. *Resultado do Censo da educação básica 2009*. Brasília: Inep/MEC, 2009. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/download/censo/2009/TEXTOS_DIVULGACAO_EDUCACENSO_20093.pdf>. Acesso em: 16 jun. 15.

_____. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Diretoria de Estatísticas Educacionais. *Censo Escolar da educação básica 2013: resumo técnico*. Brasília: Inep/MEC, 2014. Disponível em:

<http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2013.pdf>. Acesso em: 16 jun. 15.

CAMARÃO, Paulo César Bhering. *Glossário de informática*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

CAMPELLO, Bernadete Santos. O movimento da Competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 32, n. 3, set./dez. 2003.

_____. *Letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico*. 2009. 209 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

_____. A escolarização da competência informacional. *Rev. Bras. Bibliotecon. Doc.*: Nova Série, São Paulo, v. 2, n. 2, dez./2006.

_____. Encontros científicos. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette (Orgs.). *Fontes de informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

_____. Parâmetros para bibliotecas escolares brasileiras: fundamentos de sua elaboração1. *Inf. & Soc.: Est.*, João Pessoa, v. 21, n. 2, maio/ago, 2011.

_____. Perspectivas de letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. *Enc. Bibli: Rev. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.*, Florianópolis, v. 15, n. 29, 2010.

CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. Ciência e Cultura, v. 24, n. 9, 1972.

_____. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

COELHO, Ildeu Moreira. Universidade e Formação. 2013. Palestra em comemoração aos 10 anos de implantação da Universidade Federal do Tocantins. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5RPUx0pe198>>. Acesso em: 17 jan. 2015.

COELHO, Ildeu Moreira. Filosofia, educação e formação: uma introdução. In: COELHO, Ildeu Moreira et. al (Org.). *Educação, cultura e formação: o olhar da filosofia*. Goiânia: PUC Goiás, 2009.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. 9. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

DICIONÁRIO *Informática & Internet*. São Paulo: Nobel, s.d.

ECO, Umberto. Sobre algumas funções da literatura. In: _____. *Sobre literatura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. *Tratado geral de semiótica*. Trad. Antônio de Pádua Danesi e Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2012.

ELIAS, Norbert. Civilização e informalização: mudanças nos padrões europeus de comportamento no século XX. In: ELIAS, Norbert. *Os alemães: a luta pelo poder e evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FIALHO, Janaina Ferreira. Experiência com estudantes do Ensino Médio através da pesquisa orientada. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 18, n. 1, jan./mar. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v18n1/03.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2014.

FREUND, George Eduardo. Impactos da tecnologia da informação. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 11, n. 1, p. 17-22, 1982. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1479/1098>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; COSTA, Sely Maria de Souza. Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional dos usuários. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 39, n. 1, jan./abr. 2010.

_____. *Letramento informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem*. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: <<http://leunb.bce.unb.br/handle/123456789/22>>. Acesso em: 13 mar. 2014.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOODY, Jack; WATT, Ian. *As consequências do letramento*. São Paulo: Paulistana, 2006.

GOOGLE. *Pontuação, símbolos e operadores na pesquisa*. Disponível em: <<https://support.google.com/websearch/answer/2466433?rd=1>>. Acesso em: 14 maio 2013.

GOOGLE ACADÊMICO. *Sobre o Google Acadêmico*. Disponível em: <<http://www.scholar.google.com/>>. Acesso em: 29 ago. 2014.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. Literariedade. In: GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

HIGHET, Gilbert. *La tradición clásica: influencias griegas y romanas em la literatura occidental*. Carretera Picacho-Ajusto: Fondo de Cultura Económica, 1996. 2 v.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION AND INSTITUTIONS/UNESCO. Manifesto IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares. Trad.

Neusa Dias de Macedo. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, 1996, v. 1.

_____. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, 1999, v. 2. (Coleção Teoria).

JAUSS, Hans Robert (Org.). O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Cap. 2. (Coleção Literatura e Teoria Literária; v. 36). Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima.

KLEIMAN, Ângela B. Introdução: o que é letramento? Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Ângela B. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

KUHLTHAU, Carol Collier; HEINSTRÖM, Jannica; TODD, Ross J. O processo de busca de informação revisitado Mary Kato, em 1986: o modelo ainda é útil? *Information Research*, v. 13, n.4, 2008. Disponível em: <<http://InformationR.net/ir/13-4/paper355.html>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

_____. *Como orientar a pesquisa: estratégias para o processo de aprendizagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. *Seeking meaning: a process approach to Library and Information Services*. 2. ed. Westport: Libraries Unlimited, 2004.

_____. *Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o Ensino Fundamental*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LIMA, Luiz da Costa (Seleção, coord. e trad.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARTINS, Gilberto de Andrade. *Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MESQUITA, Deise Nanci de Castro. Estágio curricular: a pesquisa como campo de conhecimento e formação docente em língua estrangeira. *Signótica*, Goiânia, v. 21, n. 2, jul./dez. 2009.

MORIN, André. *Pesquisa-ação integral e sistêmica: uma antropopedagogia renovada*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

PAULINO, Graça. “Letramento literário: por vielas e alamedas”. *Rev. Faced*, n. 5, p. 117-125, 2001.

RANGEL, Egon de Oliveira. Letramento literário e livro didático de Língua Portuguesa: ‘os amores difíceis’. In: PAIVA, A. et. al (Org.). *Literatura e letramentos. Espaços, suportes e interfaces*. O jogo do livro. Belo Horizonte: Autêntica; Ceale/FaE/UFMG, 2003.

REZENDE, Maria Valéria. *Ouro dentro da cabeça*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

ROBREDO, Jaime. *Documentação de hoje e de amanhã: uma abordagem revisitada e contemporânea da Ciência da Informação e de suas aplicações biblioteconômicas, documentárias, arquivísticas e museológicas*. 4. ed. Brasília: Thesaurus, 2005.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Org.) *Multiletramento na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

ROWLEY, Jennifer. *Informática para bibliotecas*. Brasília: Briquet de Lemos, 1994.

SAYERS, Richard. *Principles of Awareness-Raising for Information literacy, a case study*. Bangkok: UNESCO, 2006.

SEADLE, Michael; GREIFENEDER, Elke. Defining a digital library: editorial. *Library Hi Tech*, v. 25, n. 2, p.169-173, 2007.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Rio de Janeiro, *Rev. Bras. Educ.*, v. 25, jan./fev./mar./abr., 2004.

_____. Práticas de letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Orgs.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

_____. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

STROM, Georg. Sense-making methodology: learn what users understand is important. In: DANISH HCI RESEARC SYMPOSIUM, 6., 2006, Aarhus. *Proceedings...* Denmark: Diku University Of Copenhagen, 2006. p. 12. Disponível em: <<http://www.diku.dk/forskning/performance-engineering/Requirements-development/Articles/gstrom-3.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2014.

TAMMARO, Anna Maria; SALARELLI, Alberto. *A biblioteca digital*. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

TOMAÉL, Maria Inês et. al. Avaliação de fontes de informação na Internet: critérios de qualidade. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 11, n. 2, 2001.

TONUS, Leonardo. *Um dedo de prosa com Maria Valéria Rezende*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LVEBYSILQKk>>. Acesso em: ago. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação. Projeto Político-Pedagógico. Goiânia: UFG/CEPAE, 2013.

_____. Sistema de Bibliotecas. Catálogo *Sophia*. Goiânia: UFG/SIBI, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *MORE*: Mecanismo Online para Referências, versão 2.0. Florianópolis: UFSC, Rexlab, 2013.

WELKER, Herbert Andreas. *O uso de dicionários: panorama geral das pesquisas empíricas*. Brasília: Thesaurus, 2006.

WIKIPÉDIA. *Sobre a Wikipédia*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Sobre_a_Wikip%C3%A9dia>. Acesso em: maio 2015.

_____. Brenda Dervin. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Brenda_Dervin>. Acesso em: 03 jun. 2015.

YOUTUBE. *Sobre o Youtube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/yt/about/pt-BR/>>. Acesso em: maio 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A

DIÁRIO DE BORDO

AGOSTO DE 2013 – MAPAS CONCEITUAIS

Começamos a nos encontrar no CEPAE, às quartas-feiras, à tarde, para fazermos a busca bibliográfica pertinente às pesquisas dos alunos do terceiro ano do Ensino Médio, que pesquisavam o raciocínio lógico e como ajudar crianças com dislexias ou com TDAH; e de duas alunas da segunda fase do Ensino Fundamental, que buscavam narrativas curtas (memórias, poesia, crônicas e teatro) sob o tema Drogas lícitas e ilícitas, para o projeto *Literatura com Arte*.

Em um desses encontros, a professora de informática ensinou-nos a fazer uso dos mapas conceituais. A partir dessa maneira de visualização das atividades, pudemos explicá-las melhor bem como sumarizar a pesquisa. Fizemos um rascunho de como seria o mapa conceitual do modelo (*Information Search Process* ISP) desenvolvido por Carol Collier Kuhlthau, aqui chamado Processo de Busca da Informação, ISP. Estudamos as fases juntos, para entender melhor o Processo.

13/11/2013 – FIZEMOS USO DO DIÁRIO

Não recolhemos o nosso diário de bordo, definitivamente, do primeiro projeto, muito embora tenham acontecido encontros, porque não houve possibilidade de colhermos dados. Sentimos muita dificuldade em trabalharmos nos computadores do antigo laboratório do CEPAE. Primeiro, os computadores eram lentos, não conseguíamos navegar em nenhum *site* de pesquisa. Segundo, não conseguimos gravar nada ou quase nada, quando encontrávamos alguma coisa interessante. Terceiro, quando a professora de informática ou o técnico encontravam-se no laboratório, os computadores demoravam a dar sinal, mas ainda assim o uso era limitado. Não chegamos ao final do ano, de maneira que não demos continuidade no projeto inicial.

29/08/2014 – ENCONTRO PARA REDEFINIR NOVO CAMINHO

Encontro da bibliotecária com a professora para definição do que iríamos trabalhar junto aos estudantes. A professora apresentou o livro de Maria Valéria Rezende, *Ouro dentro da cabeça*. A análise estava começando. Dessa forma, a docente pediu-me que encontrasse contos, crônicas, poemas sobre o tema central: Furna, da página 13. Pediu para buscar

material de jornal, em enciclopédias, no *YouTube*, em blogs, enfim, nas fontes digitais ou impressas e ensinasse aos seus alunos o caminho.

01/09/2014 – APRESENTANDO O LIVRO *OURO DENTRO DA CABEÇA DE MARIA VALÉRIA REZENDE* PARA A TURMA A

Depois de ser apresentada à sala do 6º ano A pela professora, preparamos o Datashow e demos início à exposição. Enquanto isso, a professora fez uma revisão explicando o livro que tínhamos analisado. Tínhamos lido em voz alta, fizemos muitas perguntas, pois queríamos decifrar as ilustrações em cada capítulo. Depois da explicação da professora, enfrentei com cuidado e respeito a primeira atividade. Então, foi apresentado o primeiro *slide* sobre pesquisa: Por que pesquisar? A bibliotecária provocou nos estudantes um *brainstorming* e eles responderam a isso de prontidão. Ela queria saber deles como resolviam um problema pessoal; como elaboravam uma tarefa para qualquer disciplina; como atualizavam um tema de que precisavam, por exemplo, buscar um poema, um livro, o nome de algum escritor, a biografia dele. Todos respondiam em unanimidade que era no mecanismo de busca mais conhecido atualmente: *Google*. No segundo *slide*, as respostas também foram discutidas entre nós. Percebíamos nervosismo indecifrável. Esse era o primeiro dia de aplicação do letramento informacional na sala do 6º ano B do Ensino Fundamental.

A professora ia explicando como seria a leitura do livro. Alguns percalços aconteceram: sentia os meninos com os olhos focados em mim, principalmente os da frente. A professora orientava-me a acelerar para montar o Datashow e conectá-lo à internet. Finalmente, ela terminou a explicação, e começamos a apresentar os primeiros *sites*. A Internet estava com sinal bom, enfim, começamos bem.

O PowerPoint que havia preparado e corrigido junto com a professora não apareceu no *pendrive* de maneira que só aumentou aquele nervosismo indecifrável, acima citado. Mal conseguia abrir a boca, mesmo seguindo os *slides*. Para completar não havia terminado de ler o livro de Maria Valéria Rezende, *Ouro dentro da cabeça*. Sabia os dois primeiros capítulos, da biografia; que o nome a dar início na pesquisa seria Furna, de maneira que a organização dos dados para a busca estava ainda incompleta.

Gostaríamos que André Morin, cuja metodologia seria seguida, estivesse ali naquele momento, pois a leitura de seu livro também não havia terminado de modo que o processo de investigação ia ocorrendo como o próprio Morin expressou em seu livro: em espirais. Sugerimos que se criassem grupos de pesquisa, que competiriam entre si e, no final, ganhariam prêmios para quem melhor apresentasse o resultado da pesquisa, após a leitura do

livro em análise. Como não havia combinado com a professora antes da aula, sem pensar mesmo, sem ter planejado, saiu impulsivamente. Seria para motivá-los a irem às bases de dados? Como faria o acordo aberto de que André Morin (2004) falara em seu livro? Sentia calafrios, pois também não havia terminado a leitura acerca da metodologia que propunha Morin. Queria contextualizar o livro que estávamos lendo para a vida, mas não conseguia expressar esse pensamento. A professora achou que a competição não seria boa coisa, prova disso foi que os meninos viraram os narizes e as meninas olharam para cima.

O *slide* fazia a pergunta: para que pesquisar? Os meninos ficaram calados, não houve resposta. Houve pânico. A professora, mais uma vez, socorreu porque a sala se alvoroçou. Obtivemos respostas dos meninos e meninas mais atentos, quase os mesmos de sempre, a não ser quando a professora interpelava àqueles ou àquelas desatentos/as ou que estavam puxando conversa. Estávamos entrando em um bom clima. A turma explicaria aqui o que fora falado. Oralidade, narrativa. Fala. Língua: falei aos meninos/as que para pesquisar em sistemas de informação, ou seja, em catálogos das bibliotecas, nos mecanismos de buscas e meta buscadores (mecanismos que buscam informação em outros mecanismos de buscas), era preciso saber além da linguagem natural, da lógica booleana, ou melhor, usar linguagem matemática, que é a que se encontra em computadores: saber o que é a intersecção, a soma e a subtração para recuperarmos dados na Web. Então, para a intersecção, usa-se a palavra em inglês AND, que significa que os termos estarão todos no item ou documento, por exemplo: Maria Valéria Rezende AND Ouro dentro da cabeça. Caso não encontrassem nenhum documento, tentassem o booleano OR (OU) que significa a soma dos termos, tanto pode recuperar um ou outro, ou melhor, vai recuperar termos indexados em documentos semelhantes ou associados. Explicamos, também, sobre o booleano NOT, que simboliza a subtração, ou seja, não queremos documentos vindos da Wikipédia ou de outro *site* ou de domínio.org, podemos excluí-lo assim: queremos buscar a palavra furna, mas não queremos informações vindas da wiki: furna –site:wikipedia.org. Não queremos com esse exemplo, dizer que não façamos mais pesquisas no *site* da Wikipédia. O crescimento da Wikipédia depende de nossa colaboração, no caso, em português, do Brasil. Ela não se iniciou livre, seu “projeto anterior fora ligado por um processo de revisão por pares, projetada para tornar seus artigos comparáveis aos de enciclopédias profissionais, mas como era lento, não era um ‘wiki’”. Por isso, não deu certo. Criou-s, assim, a *Wikipédia*, cujo nome vem da palavra havaiana ‘wiki’ que significa ‘rápido’ e de enciclopédia. O conteúdo é livre, pois a *Wikipédia* fora fundada com base em um modelo de arquivos abertos, ou seja, podemos editar

livremente, sob os moldes dos seus cinco pilares, rígidos por sinal. Ela é um projeto multilíngue²⁰, ou seja:

Wikipedia é escrita de forma colaborativa por voluntários em grande parte anônimos que escrevem sem remuneração. Qualquer pessoa com acesso à Internet pode escrever e fazer alterações a artigos da Wikipédia, exceto em casos limitados onde a edição é limitada para evitar a distorção ou vandalismo. Os usuários podem contribuir de forma anônima, sob um pseudônimo, ou, se quiserem, com a sua identidade real (WIKIPEDIA, 2015)²¹.

Diante do exposto, a *Wikipédia* é uma enciclopédia online e pode dar-nos o ponto inicial para um assunto em que gostaríamos de aprofundar em outras fontes.

Usamos as aspas apenas quando sabemos a palavra exata e queremos recuperá-la ou um conjunto de palavras, por exemplo, “Furna dos crioulos”; “Maria Valéria Rezende”; “ouro dentro da cabeça”. Para encontrarmos um documento somente em PDF, inserimos os termos nos campos de busca avançada (isso no *Google* ainda), exatamente esta palavra ou expressão: “ouro dentro da cabeça” e, no campo, encontre páginas no formato preferido: *filetype:pdf*, vai recuperar, neste exemplo, em primeiro lugar, o plano de curso da professora Deise. Em seguida, o catálogo da editora do livro em questão, o prêmio Jabuti, 5º lugar na categoria juvenil para *Ouro dentro da cabeça*.

Contamos a história da Classificação Decimal Universal (CDU) e, assim como a busca na internet, usamos a linguagem matemática. Também usamos a linguagem decimal na organização dos livros, pois facilita para encontrarmos os livros nas estantes. É a Classificação Decimal Universal ou CDU, comumente chamada entre os bibliotecários. Então, falamos dos números de chamadas somente da classe 8, especificamente as relacionadas à Literatura: para Literatura 82 e depois, a especificação dos gêneros, formas literárias, poesia, poemas, romance, teatro, ficção, narrativa em prosa, contos e, especificamente, a Literatura em português e aqui do Brasil. Para isso usamos o número 81 entre parênteses (81). Ficando assim:

²⁰ Traduzido do texto: [Wikipedia](#) [...] is a multilingual, web-based, free-content encyclopedia project supported by the Wikimedia Foundation and based on a model of openly editable content. The name "Wikipedia" is a portmanteau of the words *wiki* (a technology for creating collaborative websites, from the Hawaiian word *wiki*, meaning "quick") and *encyclopedia*. Wikipedia's articles provide links designed to guide the user to related pages with additional information.

²¹ Traduzido do texto: Wikipedia is written collaboratively by largely anonymous volunteers who write without pay. Anyone with Internet access can write and make changes to Wikipedia articles, except in limited cases where editing is restricted to prevent disruption or vandalism. Users can contribute anonymously, under a pseudonym, or, if they choose to, with their real identity.

82 – Literatura

821 – Literatura das diversas línguas (só olhando na tabela para sabermos como fazer; o profissional da área de Biblioteconomia é o responsável para catalogar e classificar os livros da Literatura, da Crítica literária, usando as subdivisões específicas da CDU).

821.133.3(81)-1 Poesia.

821.133.3(81)-2 Teatro.

821.133.3(81)-3 Ficção. Narrativa em prosa.

821.133.3(81)-31 Romance.

821.133.3(81)-34 Contos.

821.133.3(81)-94 Crônicas.

É preciso catalogar, classificar e, depois, organizar os livros nas estantes. Assim como numa rua a casa tem um número para se chegar até ela, o livro também tem um endereço nas estantes. Virtualmente, esses dados passam a se chamar de metadados, ou seja, dados sobre dados; por exemplo, a ficha catalográfica do item, documento ou livro. Temos uma maneira de catalogar os dados digitais que se chama FRBR.

03/09/2014 – APRESENTANDO O LIVRO *OURO DENTRO DA CABEÇA*, DE MARIA VALÉRIA REZENDE, PARA A SALA DA TURMA B

Estávamos novamente juntos, mas agora de maneira diferente porque iríamos expor o acordo firmado, ou melhor, o caminho que iríamos percorrer juntos. No primeiro encontro, nós estávamos lendo o livro e suas ilustrações, estrutural e linguisticamente. Dessa vez, os alunos estavam agitados, entravam e saíam da sala sem parar. Mas quando a professora entrou em sala e montou tudo (o Datashow funcionou), os meninos ficaram caladinhos. A professora iniciou a aula criando um clima favorável ao debate acerca do livro de Maria Valéria Rezende, *Ouro dentro da cabeça* que, por alguns lapsos, eu repetia *ouro branco dentro da cabeça...* e os meninos me ‘pegavam’, riam. Fiquei encantada com a turma, não sei se devido às duas estagiárias (Alunas de Letras, que elaboravam o TCC e participavam também das aulas para colher dados de sua pesquisa), pois me sintonizava com elas. No final da aula, a professora me acalmou, dizendo que o Sr. Carlos é a pessoa encarregada em montar os equipamentos na escola. Da próxima vez, convido-o a me ensinar, pois não vi segredo nisso.

Eu estava tranquila para conseguir aguentar as batidas fortes de meu coração e não deixei meu pensamento ou minha linguagem no caos. Fiquei solta, de maneira que eu e a

professora formávamos uma dupla perfeita, até parecia que havíamos treinado juntas aquela aula. Contava com outros equipamentos para que tudo ocorresse melhor do que na primeira vez:

a) o PowerPoint estava bom, era o que a professora havia corrigido (erros de concordância em plena aula de Língua Portuguesa).

b) a *internet* não funcionou, mas não havia problema porque estávamos preparadas para ambas as coisas; com ela ou sem ela iríamos expor aos estudantes do 6º ano B o que havíamos preparado. Dois meninos falaram após algumas sugestões da exposição: “Meu pai é da área de informática também”; e outro: “O rapaz do laboratório de informática me ensinou a pesquisar na internet”. A apresentação tomou um rumo em que todos se implicavam.

08/09/2014 – PRIMEIRO DIA DE AULA EXPOSITIVA NO LABORATÓRIO DA BIBLIOTECA CENTRAL

Estávamos agora no laboratório da Biblioteca Central, pontualmente às 7h, e um aluno já estava esperando. Sentia-me serena e a tranquilidade ia tomando conta de mim. Fui para a sala e verifiquei se estava tudo certo: Datashow, notebook, computadores. Chegaram todos à biblioteca às 7h30min e a professora parou na porta e fez a chamada. Íamos entrando, de três em três, para o laboratório, sem tumulto. Fizemos uma revisão da aula anterior, agora com uma lista de exercícios. Nela havia um lembrete relacionado aos números de chamadas da CDU, porque são importantes para irmos às estantes e encontrarmos com facilidade os livros que escolhemos no catálogo *online*. Usamos o *Sophia*, mas em qualquer biblioteca das universidades existe um catálogo. E porque também, podemos ficar sem estes números de chamadas e percorrermos as estantes em busca de qualquer livro.

Vimos que para pesquisar ou buscar no *Google* quando não se sabe o website da biblioteca, por exemplo, coloca-se no campo de busca: site: bc.ufg ou somente *Sophia* biblioteca. Para encontrar o portal da CAPES usa-se também, assim, site: portal da CAPES; ou o *website* do Domínio Público do Governo Federal: www.dominiopublico.gov.br. Falamos que se usa sempre a linguagem natural para a busca de qualquer informação que pode ser utilizada no campo inicial de qualquer um desses mecanismos de busca. Explicamos que não é errado fazer isso. Mas, informamos que existe a busca avançada e que podemos melhorar essa busca, facilitando a recuperação e até diminuindo resultados que não queríamos.

10/09/2014 – SEGUNDO DIA DE AULA EXPOSITIVA NO LABORATÓRIO DA BIBLIOTECA CENTRAL

Os alunos chegaram bem comportados e sentaram-se às mesas organizadas; a professora ia chamando em grupo de três alunos, porque não havia computador para cada um. Todos se sentaram e decidiram qual iria navegar na *internet*. Comecei revisando a aula passada, mas oferecendo novos recursos. A professora ajudou-me a distribuir a folha com os exercícios. Pronto. Revisamos a busca no catálogo da biblioteca utilizando, na prática, os booleanos AND, OR e o AND NOT. Pedimos que buscassem no formulário de busca do *Sophia* as obras de Maria Valéria Rezende que existissem em cada biblioteca do Sistema de Bibliotecas (seria muito bom se existisse um Metabusador/Metasearch entre os Sistemas de Bibliotecas das Universidades Federais e particulares para que pudéssemos implementar o empréstimo entre bibliotecas/Comutação/SCAD). Os alunos fizeram o exercício e obtiveram um resultado negativo usando o booleano AND.

Há uma diferença entre buscar informação e orientar a pesquisa para o *Information Search Process* (ISP), porque o primeiro requer habilidade em manejar as obras escolhidas e delas obter os dados para transformá-los em informação. O segundo exige uma linha do tempo, pois é preciso que o professor, ao iniciar a tarefa, delimite nessa linha do tempo os passos que o aluno deve seguir para ir se acostumando com a incerteza, com os pensamentos de insatisfação e saber relaxar diante de tanta informação, ou seja, deve saber focar e fazer o recorte, porque é importante assim.

Com relação ao booleano AND, como é uma intersecção no sistema de informação, o professor informa em qual máquina se encontra o documento que se quer recuperar. Esse documento deve conter o mesmo o nome da autora e o título, caso contrário, só o nome ou só o título não recupera. Já o uso do booleano OR, por ser uma soma, o sistema pode buscar vários documentos com o nome do autor com o título solicitado.

Na área de pesquisa, foram apresentados os passos que eles fizeram para navegar na Enciclopédia, no Catálogo *Sophia*, no *Google*, no *Dogpile*, no *dominiopúblico*. A professora perguntou-lhes se tinham *internet* em casa. Dois responderam que não e ela se dispôs a trazer o notebook para eles não ficarem para trás. Começamos a aula com a preocupação de falar mais compassadamente, de apresentar os *sites* com todos os recursos que eles oferecem. No *Google*, mostramos-lhes as definições da pesquisa avançada; sobre o metasearch *Dogpile*, informamos-lhes que era um metabuscador que recupera informação do *Google*, do *Yahoo*, *ASK*, *Crawler* etc. Apresentamos o *site* dominiopublico: www.dominiopublico.gov.br, pois

todos me responderam que nunca tinham entrado, portanto não conheciam. Perdi-me no campo categoria que eu havia digitado na folha ASSUNTO, para escolher LITERATURA. A professora socorreu-me, explicando a eles. Agradei a ela que me salvou naquele momento. É preciso uma postura muito séria para ensinar, ou seja, ter didática, dom. Do contrário, os alunos vão para outro rumo e, então, ninguém sabe o que pode acontecer porque, no meio da turma, há os meninos que desencadeiam sua energia para a bagunça, desordem. Ao lado dos meninos capazes de desviar as atenções de todos, estavam as estagiárias do curso de Letras. Uma delas me sorriu como que me respondendo a um apelo meu: será que os meninos estão compreendendo isso tudo? Vi-os animados, fazendo perguntas para mim, e a professora me acudia quando não explicava de uma forma clara para que eles entendessem. Ela me pedia para ir mais devagar porque eles não estavam me acompanhando.

Vimos na pesquisa avançada do *Google* que o símbolo usado para o booleano NOT é o sinal menos, da subtração; observamos que o sinal positivo, da adição, é o booleano OR/ou, e o AND não me veio à cabeça. Esqueci-me e falei isso para os estudantes. A busca sobre a autora do livro no formulário avançado do *Google* não foi clara, foi preciso verificar um tutorial. Assim que terminamos a aula expositiva, elaborei esta ata e naveguei nos *sites* do *Google*, do *dominiopublico*, da *Britannica* e do *Sophia* para revisão e reflexão do que havíamos aprendido.

Fizemos a apresentação dos *slides* sobre pesquisa e sobre como acessar a biblioteca digital. Repeti os *slides* apresentados no dia 01/09. Acrescentei algumas dúvidas apresentadas pelos meninos da aula anterior.

A professora enviou-me um e-mail:

“Esteve ótima a sua aula! Como conversamos, agora é só ir mais devagar com as instruções, certo? A proposta da 1ª atividade aos grupos ficou muito boa, também. Como lhe disse, vou fazer uma pequena revisão textual, antes de imprimir o exercício aos alunos do 6º B. Parabéns! Bjo (para vc e LACY).”

15/09/2014 – BUSCA NO ACERVO DA BIBLIOTECA DO CEPAE

Na biblioteca do CEPAE, houve apresentação do Repente de Pedro Malasarte e João Grilo. Vimos a pesquisa no catálogo e, em seguida, íamos às estantes para ver como fica a organização vinda da CDU. Foi muito bom, pois os alunos estavam felizes, descobriam outros livros de várias autorias e nacionalidades.

17/09/2014 – 6º ANO A – RECEBIMENTO DE TAREFAS

Hoje foi um dia muito cheio de surpresas. Cheguei à biblioteca às 8h e já fui direto para o laboratório de informática, com o objetivo de terminar a tarefa. A professora havia me pedido para falar mais devagar para os meninos me acompanharem melhor. Ela conseguia colocar os meninos mais calmos, incrível! Eles estavam encantados com a infinidade de coisas do portal, sobretudo a *Britannica*. Mostrei a eles como funcionava o campo de busca da enciclopédia e do dicionário, da *Britannica Escola Online*. Mostrei a eles a área de pesquisa: nesse campo os estudantes fazem a pesquisa na enciclopédia e pode salvar a informação, seja um artigo, um vídeo. Podem criar os grupos de compartilhamento de projetos ou fazê-los individualmente. As atividades foram entregues numa folha para responderem de próprio punho, ou na área da pesquisa por meio do link e enviar por *e-mail*. Muitos responderam. Alguns falaram das dificuldades com a *internet*, outros ainda justificaram que não conseguiram fazer por falta de computador. A professora comentou que uma mãe reclamou devido às tarefas serem feitas em casa, não queria, portanto.

22/09/2014 – NA BIBLIOTECA DO CEPAE

Houve a “Feira do Empresta”, utilizando a CDU, o número de chamada. Percorremos as estantes, sobretudo aquelas ligadas à Literatura, ou seja, à classe oito da CDU.

24/09/2014 - 6º ANO A

Hoje não deu certo, queria falar devagar, mas não consegui. Não sabia escrever, então a professora sugeriu-me que narrasse tudo.

A sala estava lotada, os meninos pareciam que não escutavam, mas estavam atentos. Não escutam, por quê? A carinha deles era de preocupação, às vezes de deboche. As meninas eram mais tranquilas, mas também estavam agitadas. Bem que a professora havia me avisado desde a primeira vez, que aquela turma era a mais cheia de brincadeiras, mais inquieta, difícil. Comecei a falar do Portal da CAPES, sobre os dois caminhos em que podemos navegar. Daí, sem querer, minha fala foi para outro rumo, pois me lembrei de amarrar com a aula passada. Meu pensamento deu um giro, não sabia fazer o gancho de jeito nenhum e os meninos conversavam. A professora sempre procurando acalmá-los, chamando-os para prestarem atenção. A tarefa estava complicada mesmo, pois estávamos na área da pesquisa da *Britannica Escola Online*. Vou pedir ajuda ao *helpdesk* do Portal, pois desse jeito não flui o jogo com os meninos. Um deles denunciou o outro, pois este estava jogando (na *Britannica* tem muitos jogos educativos).

26/09/2014 – 6º ANO A e B

Os alunos do 6º ano A chegaram para assistirem a Apresentação dos Vídeos das 7h30min às 9h e os alunos do 6º ano B das 9h40min às 11h.

Iniciamos com os alunos recitando seus próprios poemas. Tenho que saber os poemas deles e perguntar-lhes se querem publicar acompanhando o vídeo que ainda estamos montando para encerramento da nossa pesquisa.

No dia anterior, preparamos uma lista do que apresentaríamos, depois fomos a uma *Lan House* para baixarmos os vídeos e colocá-los em uma ordem lógica: primeiro a apresentação da entrevista com autora da obra *Ouro dentro da cabeça* e comentários da professora. Os alunos estavam em festa, alegres e encantados (Vide Apêndice Notas metodológicas e Roteiro das Atividades).

APRESENTAÇÃO DAS PESQUISAS DOS ALUNOS

As pesquisas realizadas pelos alunos foram apresentadas nas seguintes datas:

6º ano B (29/09/2014); 6º ano A (01/10/2014); 6º ano B (06/10/2014) e 6º ano A e B (09/10/2014).

Apresentação do 6.º Ano, Turma B:

- Primeiro Grupo: apresentou sobre o Letramento: aluna do grupo fala que pesquisou letramento no *Google* e encontrou muitas ideias sobre letramento e mostrou projetos e atividade pedagógica.
- Segundo Grupo: apresentou um vídeo sobre Letramento. Trabalho: vídeo sobre letramento; Filme: *Ouro dentro da cabeça*. O vídeo: Alfabetização e letramento Parte 01 estava no *link* da Universidade Federal do Pernambuco, disponível em: <www.ufpe.br>; <<https://www.youtube.com/watch?v=Ne0ImYjWuf8>>.
- Terceiro Grupo falou sobre a estatística da leitura no Brasil. Apresentaram gráficos e conceitos/ideias sobre a importância da leitura, depois comentaram os dados postados no *link* abaixo: Por que ler é importante? Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com/redacao/por-que-ler-importante.htm>>.
- Quarto Grupo: apresentou ideias sobre letramento, também retirado de um *blog*: coordenando (www.elplc.blogspot.com.br) e passaram um vídeo: entrevista/pesquisa sobre o gosto da leitura e a intervenção pedagógica. Apresentaram ainda ideias sobre letramento.
- Quinto Grupo: mostrou um vídeo sobre letramento e alfabetização parte 01 – CEEL UFPE, fazendo uma relação com o livro de Maria Valéria Rezende.

- Sexto Grupo: exibiu *slides* sobre o letramento;
- Sétimo Grupo: expôs as estatísticas do hábito de ler no Brasil e também um vídeo: *A importância de ler*. Segundo os dados: 65% dos entrevistados gostam de ler e 4535% não gostam de ler. A professora aproveitou para falar do “porque” junto e separado, com acento ou não. Da estatística, falou para não levarem em conta, pois são dados não confiáveis. Quanto às referências que não anotaram no momento da pesquisa, ficou para entregarem em outro encontro.
- Oitavo Grupo: apresentou a conclusão: conhecer os contos. Metáfora – ler as fadas. Marílio ficou com vontade de ler por causa do Pajé→ ele deixou uma mala cheia de livros e Marílio encantou-se pelo conteúdo dessa mala a ponto de carregá-la pelo mundo afora em busca de alguém que lhe ensinasse a ler aquele tesouro guardado nesse baú que foi herdado do pajé.
- Nono Grupo: buscaram no *Google* ideias sobre o letramento. Tentaram escrever o *site* em que haviam pesquisado, mas não lembravam. Portanto, não encontrado.
- Décimo Grupo: apresentou o significado da palavra alfabetização, que vem de duas letras do grego, Alfa e Beta, formando a palavra Alfabetização.

29/10/2014 – REVISÃO

Aconteceu no auditório da Biblioteca Central com uma explicação/revisão das pesquisas em periódicos e outros portais, *sites* acadêmicos. Apresentação dos tutoriais de cada *site* que tínhamos visto até então: *Britannica Escola Online*. Neste *site*, o professor pode encontrar multimídias, como exemplo, *linfático*, *sistema*. Vídeo. In: *Britannica Escola Online*. Web, 2015. Disponível em:

<<http://escola.britannica.com.br/assembly/149562/Este-video-permite-estudar-as-caracteristicas-e-funcoes-do-sistema>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

Apresentamos aos alunos o vídeo da comemoração dos Duzentos anos da Biblioteca Nacional.

APÊNDICE B
ENTREVISTA COM A BIBLIOTECÁRIA COORDENADORA DO CEPAE
ROSEMARILANY GUIDA

Raquel: Bom dia, Rose! Sou bibliotecária da biblioteca setorial do CEPAE, da Universidade Federal de Goiás. Gostaria de perguntar a respeito do Portal da CAPES. O que você sabe, o que você conhece lá no Portal da CAPES, em especial a base de dados *Kirkus*. Você já ouviu falar da base de dados *MLA International Bibliography*, do *SciELO*? Você conhece e sabe trabalhar com ele e com a *Britannica*, que é uma enciclopédia do Ensino Fundamental?

Rosemarilany: Olá, bom dia Raquel. Quanto à questão do Portal CAPES, sim, eu conheço algumas bases. Já trabalhei, principalmente, com as bases das Ciências Biológicas, porque trabalhei numa biblioteca universitária e lá havia o curso de Ciências Biológicas, inclusive eu ministrava um treinamento mais com a base de dados relacionada a essa área, como a *Web* (não entendi a pronúncia inglesa). Essa outra de que você falou, a *SciELO*, também a gente demonstrava bastante pra eles. Agora, dessas outras que você citou, eu não tenho conhecimento, não sei se é porque já é de outra área do conhecimento.

Raquel: É, elas são da Linguística, da área da literatura.

Rosemarilany: Ah, tá certo.

Raquel: Kirkus e MLA?

Rosemarilany: Não, não conheço essas bases, Raquel.

Raquel: Para o funcionamento delas, se você souber a lógica booleana e souber truncagem, as outras maneiras de fazer a busca, você sabe também trabalhar nessas bases de dados.

Rosemarilany: É, eu acho que na forma de pesquisa delas, praticamente, todas são muito parecidas. Então, se a gente conseguir fazer em uma, eu acredito que nas demais consegue também. Tranquilo, tranquilamente. Não é? É só uma questão de costume. Eu não tinha costume de trabalhar justamente porque o público era diferente.

Raquel: Rose, com relação ao letramento informacional, você gostaria que a gente criasse um projeto de letramento informacional aqui, aliado ao projeto pedagógico da escola?

Rosemarilany: Eu acredito que seria algo muito interessante para os alunos no sentido de situá-los mais nessas bases de dados, para que eles saiam daqui sabendo como pesquisar melhor, justamente para quando entrarem na faculdade, tudo ficar mais fácil. Eu acho que seria uma coisa muito interessante fazer esse trabalho com eles.

Raquel: E com relação ao trabalho atualmente na biblioteca, o que você tem a falar pra nós?

Rosemarilany: Com relação ao letramento informacional?

Raquel: Com relação a tudo da biblioteca aqui do CEPAE, desde quando você entrou até agora.

Rosemarilany: Eu acho assim, que tudo é uma questão de tempo e de aprendizagem. Como é um público diferente, algo diferente do que eu sempre trabalhei, cada dia eu estou aprendendo uma coisa diferente. Então, eu ensino alguma coisa, passo alguma coisa pra eles, como também estou aprendendo toda hora. Eu acho que nunca enche esse meu vaso (risos).

APÊNDICE C
ENTREVISTA COM A PROF^a. DR^a. DEISE MESQUISA

a) E, quanto ao portal da Capes, você usa uma base de dados em específico? Qual? Sente dificuldade em encontrar informação relevante na *Internet*? Ou já tem um lugarzinho que encontra tudo que necessita?

b) Quando necessita de informação, você supre sua necessidade em uma biblioteca digital?

c) Costuma ir à biblioteca do CEPAE/UFG? Fale um pouco dela, do acervo, da biblioteca escolar de sua imaginação.

A biblioteca tem um bom acervo literário. Constantemente, levo os alunos para pesquisar e ler obras literárias. Solicito à bibliotecária que deixe as obras do gênero literário que vamos buscar já separados, para que a escolha seja mais rápida. Há muitos exemplares, mas sinto falta de uma pessoa que oriente melhor o aluno a encontrar e selecionar o que necessita.

d) Conhece o repositório Institucional da UFG?
Não.

e) O que você acha de termos uma biblioteca digital com serviços digitais do CEPAE, tais como: biblioteca digital de monografias das especializações, do TCC, uma biblioteca digital sonora (para deficientes visuais), livros eletrônicos, produção de objetos educacionais e outros mais...?

Extremamente úteis, haja vista que atualmente o CEPAE recebe alunos de pós-graduação em nível *stricto sensu*, além dos de educação básica, de ensino superior e especialização.

f) E, finalmente, conhece as bases de dados Kirkus Review, MLA *International Bibliography*?
Não.

g) Tem conhecimento da lei que garante a criação de biblioteca escolar até 2020? <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15499emamente >
>
Sim, e a julgo extremamente relevante.

APÊNDICE D

ENTREVISTA COM A PEDAGOGA DA BIBLIOTECA DO CEPAE

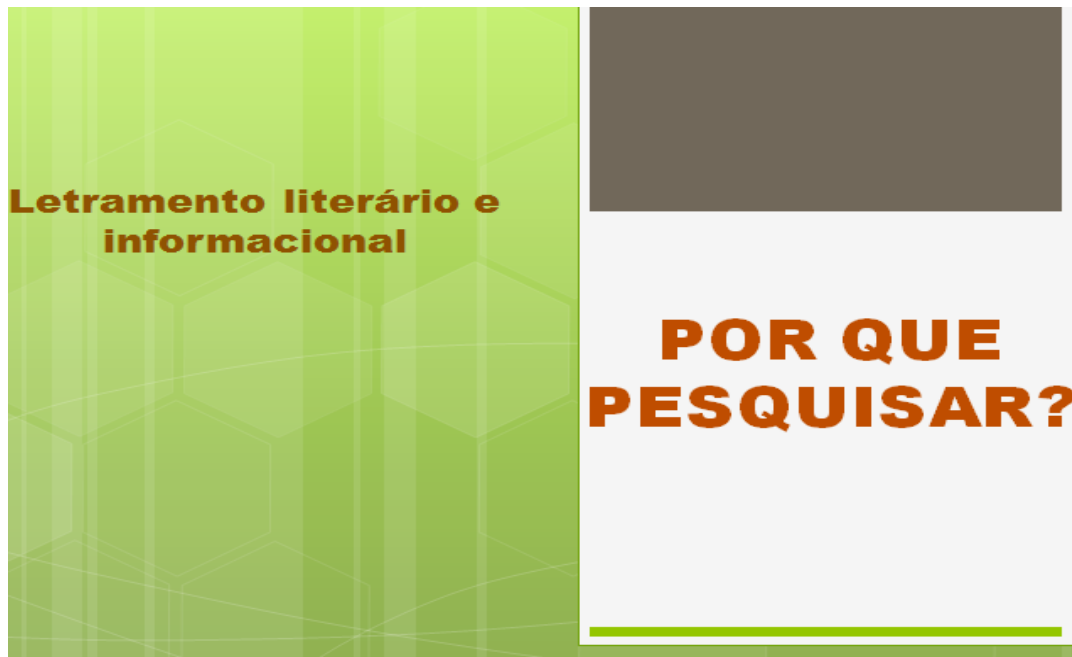
1. Como você vê a organização dos livros nas estantes? A localização é mais fácil agora que informatizou?

[E]: Não falo que seja difícil achar um livro nas estantes, mas creio que é difícil e complexo. Não fiz treinamento e, por isso, ainda estou perdida. Acho que a tabela de consulta deve estar próxima ou exposta para todos usarem. E essa organização não tem lógica. A biblioteca é um momento de passear entre os livros. Aqui, o trabalho não permite isso porque o tempo é corrido. Penso que deveríamos ter treinamento para localização dos livros e deveria ser em horário de aula.

2 Você conhece o portal de periódicos da CAPES? Qual base mais utilizou até agora para suas buscas? Sentiu dificuldades em manejá-la?

[E] Não me lembro de ter usado o portal de periódicos da CAPES. Lembro-me de usar o *Scielo* para minhas pesquisas.

APÊNDICE E
AULA EXPOSITIVA – RAQUEL E ALUNOS –DOCUMENTOS EM ORDEM DE
APRESENTAÇÃO



Primeiro *slide* apresentado para provocação dos alunos e explicação do processo de busca. Fonte: autoria da mestranda.



Ouro dentro da cabeça

Maria Valéria Rezende. Illustrations by Diogo Droschi.
Autêntica. 98p. ISBN 9788565381079

Ouro dentro da cabeça tells the story of a young man (Marílio) who lives in Furna dos Crioulos—a far away place where all people are illiterate—and makes a long journey through Brazil in search of a “treasure nor silver, nor gold: the most precious thing”.

Captivating text in fluid, poetic, and rhythmic language.

Illustration by Diogo Droschi with digital collages that allude to woodcutting of “literatura de cordel” (string literature). (TP)

Livro escolhido para a investigação. Os passos estão nas figuras a seguir.



Passos do ISP explicitados no fluxograma a seguir:

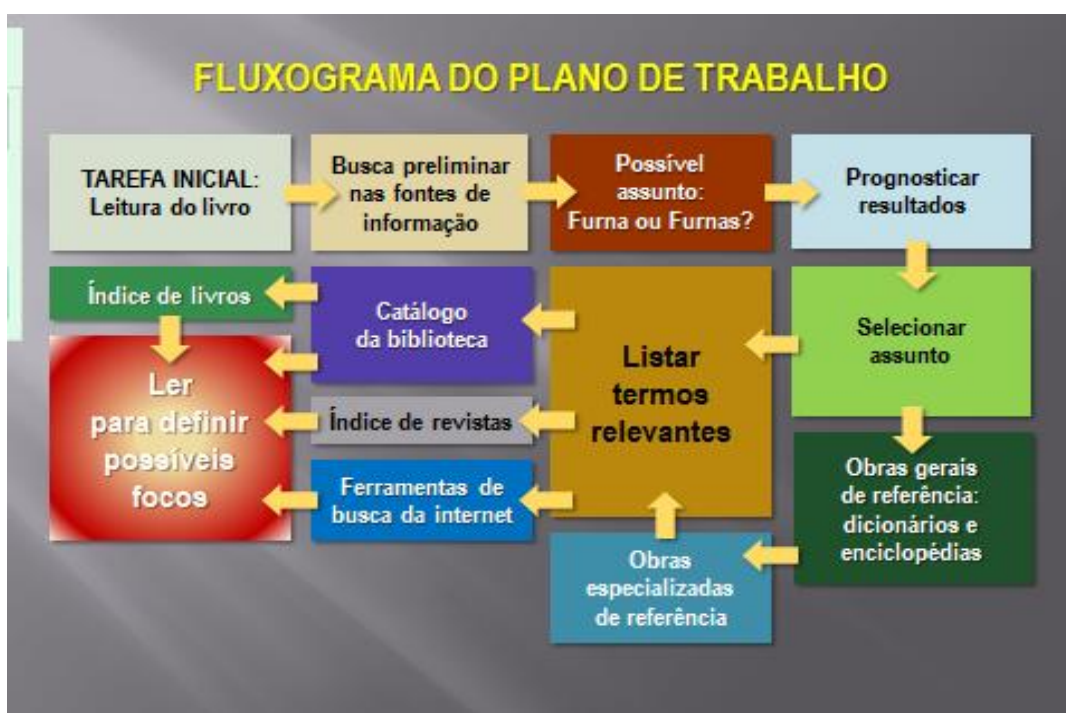


Figura 3- Plano de Trabalho com base no ISP.

Fonte: Carol C. Kuhlthau.

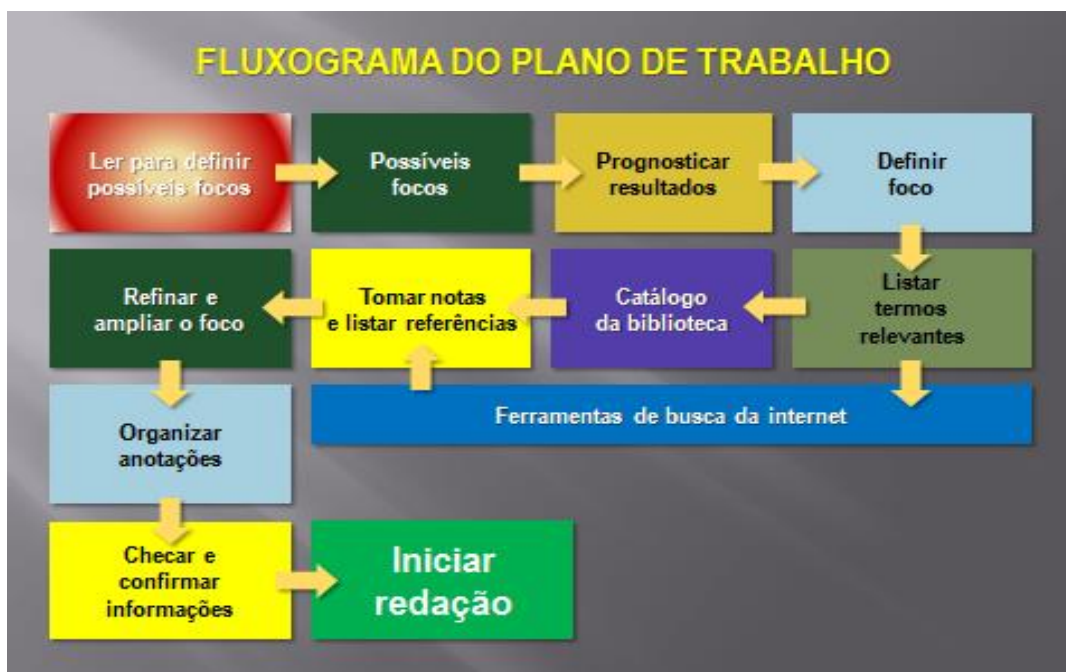


Figura 4- Plano de Trabalho com base no ISP.
Fonte: Carol C. Kuhlthau. (continuação)

FERRAMENTAS DE BUSCA NA *INTERNET* UTILIZADOS DURANTE A PESQUISA

CATÁLOGOS DE BIBLIOTECAS

Catálogo *Sophia* da Universidade Federal de Goiás. Fonte: Sibi/UFG.

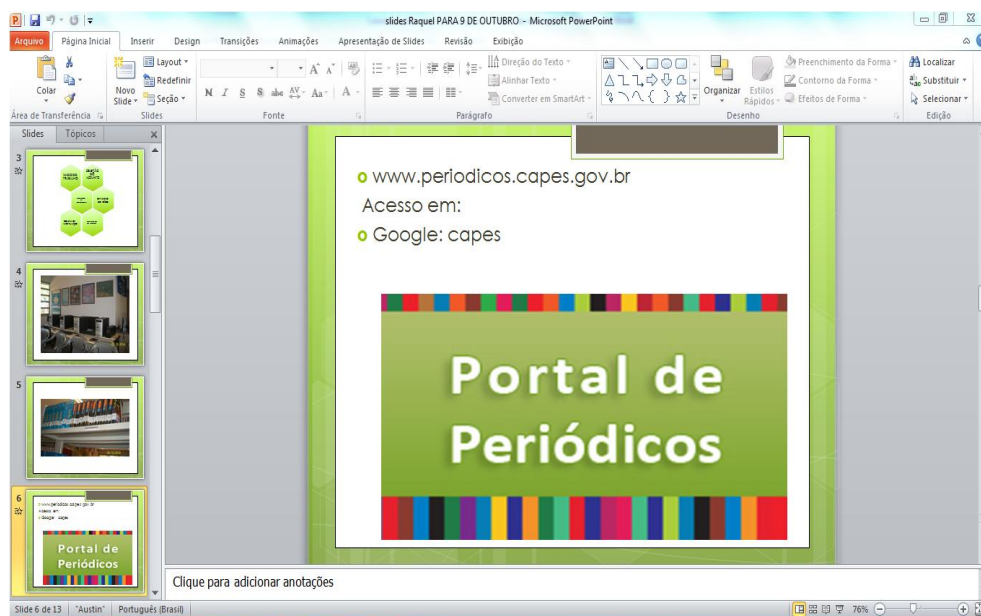
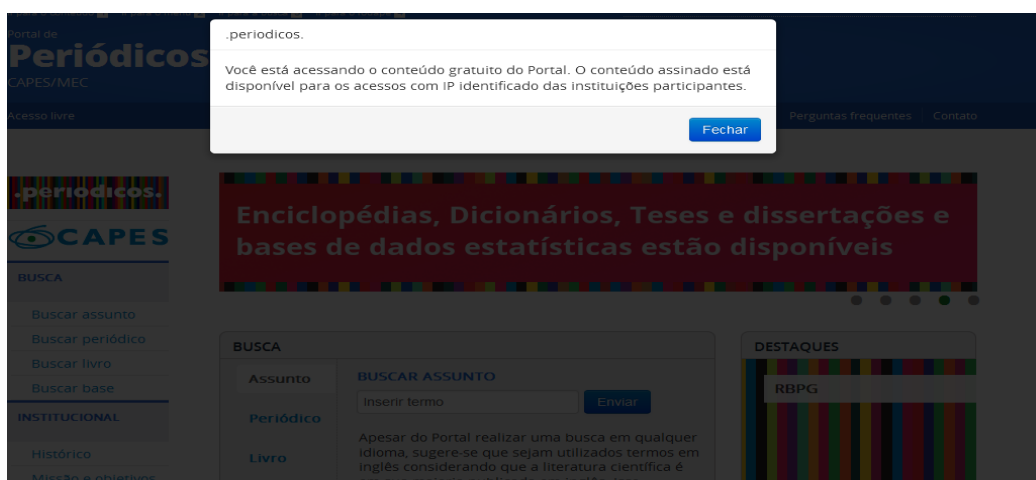


Figura 9: Portal de periódicos da CAPES

Fonte: CAPES



Portal da CAPES, gratuito.



Portal do *Google Acadêmico*

GOOGLE – PESQUISA AVANÇADA

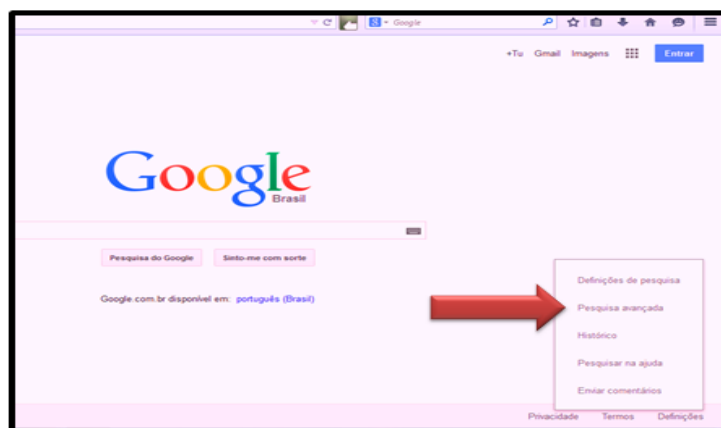


Figura 16: Link para Pesquisa Avançada no Google.
Fonte: Site Google.



Figura 10: Localização da Britannica Escola online.
Fonte: Site da Britannica Escola online.



Mecanismo de busca/Metasearch.

The screenshot shows the Domínio Público search portal. The browser address bar displays www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp. The page header includes the logo for Domínio Público, the text "Biblioteca digital desenvolvida em software livre", and navigation links for "Participe", "Serviços", "Legislação", and "Canais".

The main content area is divided into two sections:

- Pesquisa Básica:** A search form with the instruction "Selecione o critério da pesquisa." and a "Campo Obrigatório" label. It includes a "Tipo de Mídia" dropdown menu, a "Categoria" dropdown menu, and input fields for "Autor", "Título", and "Idioma". There are "Pesquisar" and "Limpar" buttons.
- Destaque:** A list of featured items, each with a small icon and a title:
 - Machado de Assis: obra completa
 - Plano de Desenvolvimento da Educação
 - Música Erudita Brasileira
 - Obras Machado de Assis
 - Vídeo Paulo Freire Contemporâneo
 - Poesia de Fernando Pessoa
 - Literatura Infantil em português
 - A Divina Comédia em português
 - Publicações sobre educação

Below the search form, there are promotional banners for "Legislação Educacional de 2003 a 2010" (with a "Download" button) and "Coleção EDUCADORES. Eles aprenderam a ensinar e ensinaram a aprender." Another banner for "COLEÇÃO HISTÓRIA TUDO SOBRE UM POVO SIGAL DA AFRICA. QUE DELI CRIAMOS A SÉRIE." is also visible.

At the bottom of the page, there is a link for "Pesquisa por conteúdo".

Portal de busca – domínio público.

APÊNDICE F

APRESENTAÇÃO DOS EXEMPLOS DA AULA EXPOSITIVA

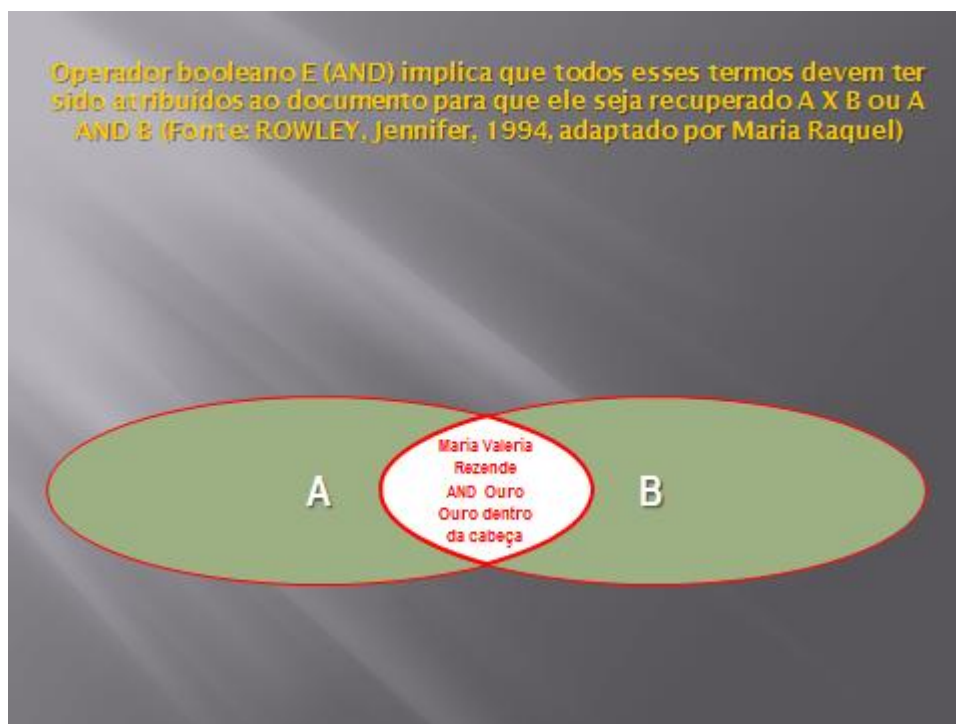


Figura 6: Booleano AND
Fonte: Elaborado pela Autora

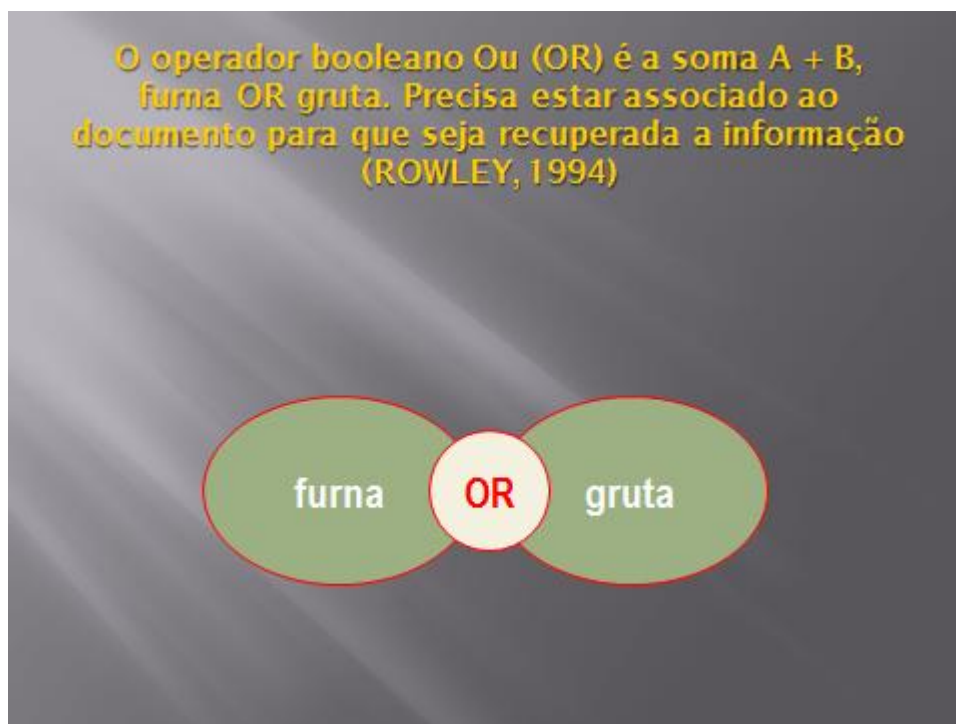


Figura 7: Booleano OR.
Fonte: Elaborado pela Autora



Figura 8: Booleano AND NOT.
Fonte: Elaborado pela Autora

g.br/index.html

sibi Sistema de Bibliotecas UFG

Home Pesquisa Autoridades Minha seleção Serviços Login Ajuda

Busca rápida Busca combinada Biblioteca Setorial do CEPAE

Título ouro dentro da cabeça E Ano edição a

Autor maria valeria rezende E Material Qualquer

Assunto Todos os campos E Idioma Qualquer

Ordenação Título - crescente

Buscar Limpar

Selecionar todos Desmarcar selecionados Enviar para minha seleção

Nenhum registro encontrado.

Catálogo *Sophia* – busca usando o booleano AND.

Entrada (357) - marianaque... Portal.periodicos.CAPES Britannica Escola Online Sistema de Bibliotecas/UFG Sophia Biblioteca - Terminal ...

https://sophia.bc.ufg.br/index.html

sibi Sistema de Bibliotecas UFG

Home Pesquisa Autoridades Minha seleção Serviços Login Ajuda

Busca rápida Busca combinada Qualquer biblioteca

Título ouro dentro da cabeça OU Ano edição a

Autor maria valeria rezende E Material Qualquer

Assunto Todos os campos E Idioma Qualquer

Ordenação Título - crescente

Buscar Limpar

Selecionar todos Desmarcar selecionados Enviar para minha seleção

9 registros encontrados - 1 Página

1	Material	Material textual (impresso)
	Nº de chamada	282(81) DEK /cat
	Ent. princ.	De Kadz, Emanuel Jehuda
	Título	Católicos radicados no Brasil
	Ano	2007.
	Data de cadastro	23/04/2009
	Assunto	Católicos - Brasil
		Seja o primeiro a avaliar <input type="button" value="Curtir"/> 0

2	Material	Material textual (impresso)
	Nº de chamada	282(81) DEK /cat
	Ent. princ.	De Kadz, Emanuel Jehuda
	Título	Católicos radicados no Brasil
	Ano	2003

Selecionar Detalhes Exemplares Reservar

Catálogo *Sophia* – busca usando o booleano OR.



Figura 13: Resultado da *Enciclopédia Britannica* para a palavra ESCRAVO.
Fonte: Site da *Britannica Escola Online*.

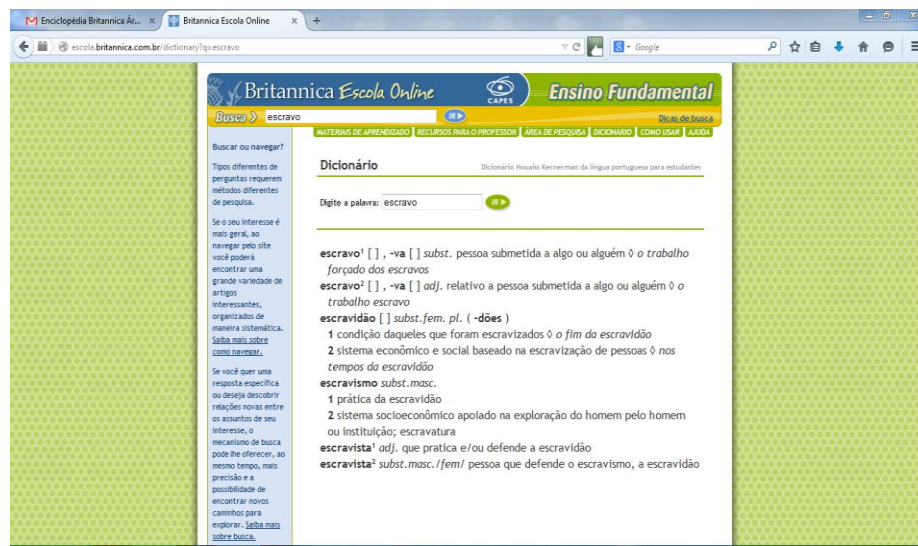
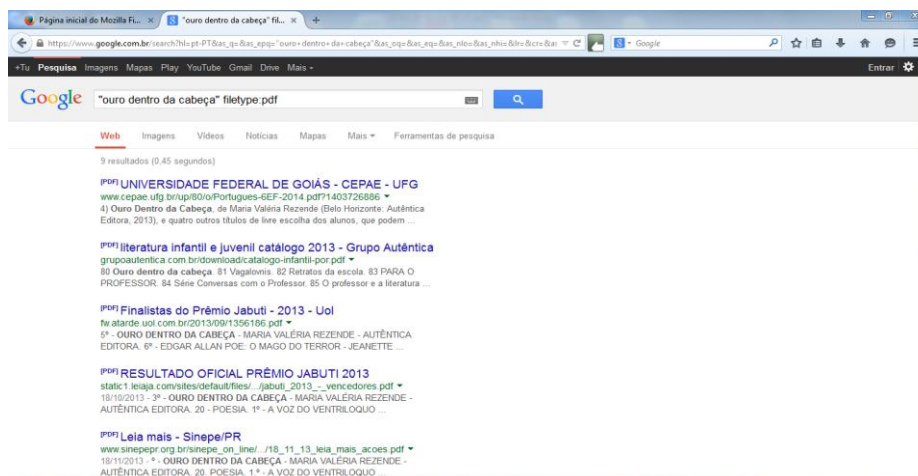


Figura 14: Resultado do dicionário Houais Kernerman.
Fonte: Site da *Britannica Escola Online*.



Google – busca avançada – resultado em pdf. Fonte: Google.

Sæculum - Revista de História

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
UFPB

Capa > Sæculum (nº 29 - jul./dez. 2013 - DOSSIÊ HISTÓRIA E HISTÓRIA ECONÔMICA)

Sæculum - Revista de História

Sæculum - Revista de História é publicada pelo Departamento de História da UFPB desde 1995 e, a partir de 2004, passou a ser também o periódico do Programa de Pós-Graduação em História da mesma universidade. Desde então sua frequência é semestral, e se trata de uma revista voltada à divulgação e debate de pesquisas no campo da História e da Cultura Histórica e suas diversas interfaces, abrindo espaço para o diálogo entre pesquisadores do Brasil e do exterior. Está avaliada como Qualis B1 na área de História pela Capes e é indexada no DOAJ (Directory of Open Access Journals) e no Latindex (Qualis B1 - História; Qualis B2 - Interdisciplinar; Qualis B3 - Geografia).

Notícias

Sæculum agora é Qualis B1 na área de História

Foi divulgada no site da Capes a nova classificação do Qualis periódicos da área de História, e a **Sæculum** passou para o estrato B1.

USUÁRIO

OPEN JOURNAL SYSTEMS

Ajuda do sistema

Login
Senha
 Lembrar usuário
Acesso

IDIOMA

Português (Brasil)

CONTEÚDO DA REVISTA

Pesquisa
Todos
Pesquisar

Procurar
• Por Edição

Sæculum, Revista digital de História, da UFPB.



Fotografia 5: Alunos fazendo a busca. Laboratório da BC/Sibi/UFG.

Fonte: Foto de Deise Mesquita.



Leitura do livro de Maria Valéria Rezende.
Fonte: Foto da Autora



Leitura do livro *Ouro dentro da cabeça*.
Foto: Foto da autora.



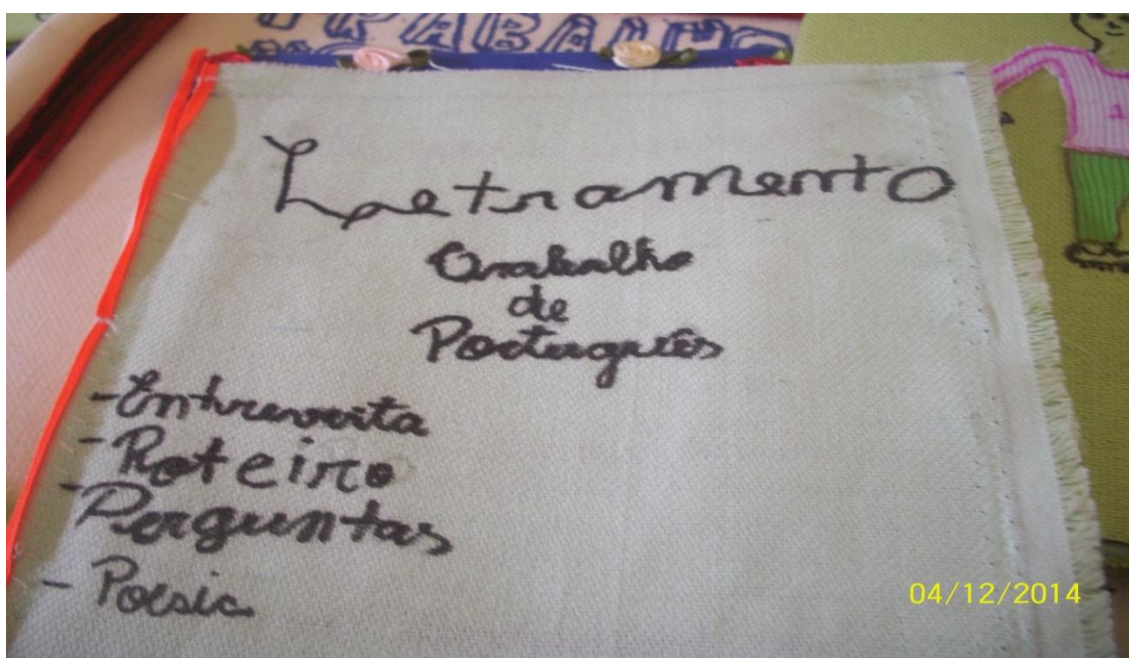
Alunos assistindo a entrevista de Maria Valéria Rezende.
Fonte: Foto de Deise Mesquita.



Alunos elaborando o livro *Em busca de um sonho*, para apresentação final.
Fonte: Foto da autora.



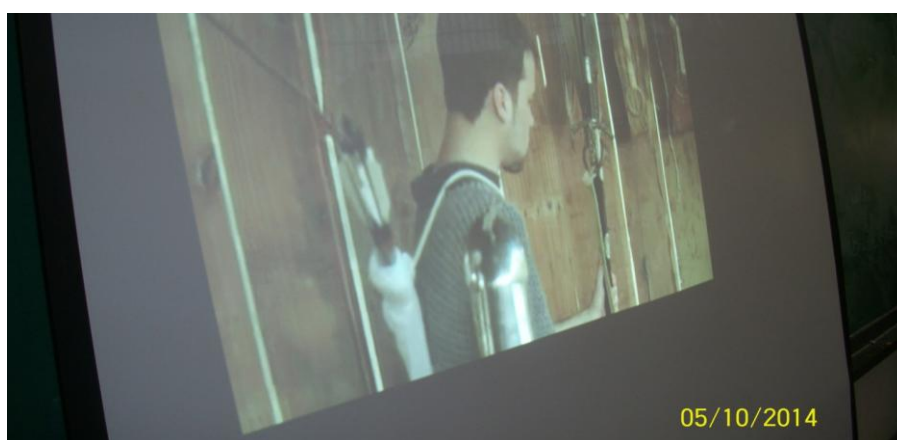
Finalização do livro.
Fonte: Foto da autora.



Apresentação do livro *Letramento* para apresentação final.
Fonte: Foto da autora.



Apresentação do livro Alfabetização e Letramento.
Fonte: foto da autora.



Fotografia 9: Exibição do vídeo: <<https://www.youtube.com/watch?v=76t2u1rikKw>>).
Fonte: Youtube.

APÊNDICE G
ROTEIRO DE ATIVIDADES

Data	Atividade Principal
01/09/2014 – 6º ano A	Apresentação dos <i>slides</i> para encaminhamento da busca de informação, contextualizando o livro <i>Ouro dentro da cabeça</i> de Maria Valéria Rezende (sala de aula – CEPAE).
03/09/2014 – 6º ano B	Idem

ATIVIDADES NO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA E AUDITÓRIO DA BIBLIOTECA CENTRAL/UFG

Curso de Acesso às Bases de Dados, aos Catálogos de Bibliotecas e ao Portal da CAPES/MEC	
Turma / Data	Horário / Atividade Principal
6º ano A – dias 10, 17 e 24 de setembro e dia 01 de outubro 2014.	10h15min às 11h45min
6º ano B – dias 08 e 29 de setembro; 06 e 13 de outubro 2014.	7h30min às 9h
08/09/2014 – Laboratório da BC/UFG	Como Pesquisar e sua lógica ao buscar informação nos <i>sites</i> de busca <i>Google/Dogpile/Sophia/Portal</i> de periódicos gratuitos; exercícios para aprendizagem; 6º ano B.
10/09/2014 – Laboratório da BC/UFG	Idem para o 6º ano A.
15/09/2014 – Turma A e B – No Laboratório de Biblioteca Central	Busca dos números de chamada dos Livros no Catálogo <i>Sophia</i> , aprendendo a ver a Classificação Decimal Universal/CDU em busca dos livros de livre escolha, por exemplo, narrativa curta do gênero: contos, romance, crônica e poesia. (das 7h30 às 11h45).
17/09/2014 – Recolhimento dos diários sobre os exercícios	Não houve aula. Entrega dos trabalhos solicitados;

22/09/2014 – Biblioteca	Feira do Empresta (utilizando o número de chamada da CDU emprestavam as obras e divulgavam em sala aos colegas). Trabalho desenvolvido sem a presença do pesquisador participante.
24/09/2014	Apresentação da <i>Britannica</i> e de sua área de pesquisa (mais informação utilizando o recurso). Como compartilhar os projetos, as buscas efetuadas na <i>Britannica</i> , gravar os artigos e multimídias.
26/09/2014 – não estava previsto no plano de visitas utilizarmos o auditório da Biblioteca Central, mas tínhamos que unir as duas turmas, por isso utilizamos o seu espaço. Foi um momento de acolhimento, com muita música, filmes, todos nós conhecemos novos espaços. Vimos maneiras diferentes de apresentação que podíamos usar para a apresentação final.	<p>Auditório: apresentação dos vídeos sobre diferentes assuntos e gêneros ligados ao letramento literário e informacional pesquisados no <i>YouTube</i> e apresentados;</p> <p>Entrevista com a autora do livro analisado Maria Valéria Rezende, → entrevista;</p> <p>Apresentação CDD (<i>Rap</i> de bibliotecários norte-americanos);</p> <p>Poema declamado em diferentes vozes;</p> <p>Entrevista com participação de um aluno com a escritora Ana Maria Machado;</p> <p>Letramento informacional (explicando o que é e para que serve) com a Prof^a Dr^a Kelley Cristine Gasque;</p> <p>Conto (sobre uma garota que não gostava de ler).</p>
29/09/2014	Comemoramos o dia internacional do livro assistindo ao vídeo <i>200 anos da Biblioteca Nacional</i> ; vídeo de como utiliza a CDU; Como elaborar referências no MORE da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. Assistimos aos tutoriais da <i>Britannica Escola Online</i> .
01/10/2014	Elaboração dos projetos dos alunos do 6º A.
06/10/2014	Elaboração dos projetos dos alunos do 6º B;

08/10/2014	Início das apresentações dos projetos dos alunos dos 6º A e B;
09/10/2014 – não estava no plano de visitas, mas a professora Deise e os alunos sentiram a necessidade de revermos com mais detalhes e mais devagar o passo-a-passo da pesquisa bibliográfica.	Auditório BC – explicação detalhada das pesquisas em periódicos das Universidades e do próprio CEPAE (Folhinha da 1ª Fase e <i>Polyphonia</i>), vimos como apresentar trabalhos nos mapas conceituais <i>CMAP Tools</i> ; como funciona o <i>Dropbox</i> e o <i>Google Drive</i> ;
<p>Outubro e novembro – elaboração das capas dos livros e desenvolvimento das tarefas que foram planejadas como projetos dos alunos.</p> <p>O plano consistia em confeccionar um único livro cujo nome seria <i>Livro Acadêmico</i>. Nele estariam os trabalhos dos grupos das duas salas. Tudo isso relacionado com a obra <i>Ouro dentro da cabeça</i>. Mas, cada grupo quis costurar o seu próprio livro. Assim, o aprendizado nas bases de dados se deu com arte.</p>	